



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

MARINEUZA MOURA

**BAILE LITERÁRIO: DOS CONTOS AOS ENCANTOS DE JOVENS E
ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE SALVADOR**

SALVADOR, 2023

MARINEUZA MOURA

**BAILE LITERÁRIO: DOS CONTOS AOS ENCANTOS DE JOVENS E
ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador–UCSAL - BA como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Família da Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia Alessandra F. da Costa

SALVADOR, 2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSAL. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

M929 Moura, Marineuza

Baile literário: dos contos aos encantos de jovens e adolescentes de uma escola da periferia de Salvador / Marineuza Moura. – Salvador, 2023.
162 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa.

1. Educação 2. Família 3. Leitura 4. Vulnerabilidade Social
I. Costa, Livia Alessandra Fialho da – Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2:37(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

MARINEUZA MOURA

"Baile literário: Dos contos aos encantos de jovens e adolescentes de uma escola da periferia de Salvador"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 03 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

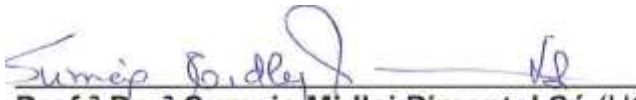


Prof.a Dr^a Livia Alessandra Fialho da Costa

Orientador(a) - (UCSAL)



Prof.a Dr^a Sinara de Lima Souza (UEFS)



Prof.^a Dr.^a Sumaia Midlej Pimentel Sá (UCSAL)

MENSAGEM

Ensinar
é um exercício de imortalidade.
De alguma forma
continuamos a viver
naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo
pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre
jamais...
Rubem Alves

AGRADECIMENTO

A medida do amor é amar sem medidas.

(Santo Agostinho)

Agradeço a Deus, Senhor supremo, dono da minha existência, por Ele ter infinitamente me abençoado concedendo-me duas famílias (biológica e adotiva) nesta vida. Representadas por minha mãe biológica, Odete Moura (*in memoriam*) que num gesto de amor incondicional teve a dignidade de me doar para proporcionar-me a sobrevivência; e Florise de Almeida Brito (*in memoriam*) que, provando um amor sem medidas, me recebeu, amou e me educou com excelência. Sou o que sou por elas.

Agradeço aos meus familiares pelo constante carinho e encorajamento em todas as etapas da minha carreira acadêmica. Pela força que emanaram nos momentos necessários para jamais desistir e encontrar o melhor caminho para conquistar meus objetivos. Nunca estive só.

Ao meu esposo, Sérgio Augusto, sempre ao meu lado, apoiando os meus sonhos e com carinho e compreensão contribuindo na realização de todos eles.

À minha orientadora Prof.^a Dr^a Livia Alessandra Fialho da Costa, pelas orientações, pelas contribuições e interferências valiosas, pelo carinho e empatia nas horas difíceis que me ajudaram a prosseguir com mais segurança;

Às professoras que constituíram a banca examinadora, Prof.^a Dr^a Sumaia Midlej Pimentel de Sá e a Prof.^a Dr^a Sinara de Lima Souza pelas contribuições generosas que acrescentaram e enriqueceram este estudo.

A todos os professores do curso do Mestrado pelo compartilhamento de conhecimento, palavras e trocas generosas. O saber transmitido com excelência e humanidade faz discípulos.

Aos colegas do curso, por compartilharem comigo momentos de leituras, gentilezas e, acima de tudo, confiança. Obrigada Ana Cristina Nery, Olgair Marques, Sandra Alves, Sandra Nascimento, Anderson dos Santos Dias, Maiara Liberato, Ligia Souza.

Aos colegas, amigos e todos os funcionários do Colégio Estadual Dalva Matos. O incentivo e companheirismo de todos foi de extrema importância para seguir confiante no desenvolvimento deste estudo.

Aos meus alunos que embarcaram comigo e juntos fizemos uma viagem literária encantada que nos proporcionou autoconhecimento, autovalorização, gestos de solidariedade, respeito mútuo e, acima tudo, me possibilitou vivenciar o potencial de jovens que só precisavam de uma oportunidade para tornarem-se protagonistas de seus sonhos.

RESUMO

A proposta desta pesquisa surgiu por considerar importante a promoção de ações educativas significativas que dialoguem com as condições sociais, culturais, econômicas dos alunos, suas famílias e o seu entorno. Tomando como metodologia a pesquisa-ação que parte do princípio do reconhecimento e valorização da participação dos sujeitos pesquisados envolvidos no seu contexto social, propusemos, como objetivo geral, analisar a percepção de jovens protagonistas de um projeto interdisciplinar de leitura, desenvolvido no contexto escolar como estratégias para despertar nos educandos atitudes positivas para enfrentamento das vulnerabilidades sociais que os afetavam no processo ensino-aprendizagem. Com base na teoria do capital social e cultural defendidos nos estudos de Pierre Bourdieu, buscou-se a compreensão de que os educandos precisam de equidade no ensino, a fim de romper com as desigualdades educacionais e, dos estudos de Paulo Freire, a referência da importância de uma escola reflexiva que prioriza ações pedagógicas que proporcionam aos educandos a autovalorização do diálogo, do pensamento crítico e criativo dos alunos. Esta pesquisa se dedicou a estudar a seguinte questão: Como um projeto escolar interdisciplinar de leitura pode contribuir para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais no contexto escolar que comprometem o sucesso no processo ensino-aprendizagem dos educandos? Com os dados obtidos, foi possível compreender a importância da implementação de projetos interdisciplinares no contexto escolar para desenvolver estratégias que despertem nos educandos atitudes positivas para enfrentamento das vulnerabilidades sociais que afetam no processo ensino-aprendizagem e fomenta uma reflexão sobre a importância de práticas pedagógicas inovadoras que envolvam os educandos, buscando melhorar os índices da população analfabeta, reduzir o abandono e a evasão escolar. Os resultados denotam a necessidade de inserir os educandos em atividades que os tornem protagonistas, conduzindo-os à construção de um projeto de vida que supere suas dificuldades no ciclo escolar e, neste sentido, foi possível perceber, em suas falas, a importância de práticas pedagógicas que integrem família e escola para auxiliá-los na construção do seu futuro.

Palavras-Chave: Educação. Família. Leitura. Vulnerabilidade Social

ABSTRACT

The proposal for this research arose from deeming as important the promotion of meaningful educational actions that dialogue with the social, cultural and economic conditions of the students, their families and their surroundings. Using the action research as our methodology, which starts from the principle that recognizes and appreciates the participation of research subjects who are involved with their social contexts, we proposed as our general objective analyzing the young protagonists' perception of an interdisciplinary reading project, developed in the school context as a strategy to awaken positive attitudes in the students to deal with social vulnerabilities that affected the teaching-learning process. Based on Pierre Bourdieu's theory of social and cultural capital, we sought the comprehension that the scholars need equity in education, in order to rupture educational inequalities and, from the studies of Paulo Freire, the reference to the importance of a reflexive school that provides to students the self-worth of dialogue, critical and creative thinking through the prioritization of pedagogical actions. This research was dedicated to studying the following question: How can an interdisciplinary school reading project contribute to facing social vulnerabilities in a school context that jeopardize the students' success in the teaching-learning process? With the obtained data, it was possible to understand the importance of implementing interdisciplinary projects in the school context to develop strategies capable of awakening positive attitudes in the students to face the social vulnerabilities that affect the teaching-learning process and encourage reflection about the relevance of innovative pedagogical practices that involve the scholars, seeking to improve the rates of the illiterate population and reduce school dropout and truancy. The results show the need to include the students in activities that turn them into protagonists, leading them to the construction of a life project that surpasses their difficulties in the school cycle, and in this sense, it was possible to perceive in their speeches the importance of pedagogical practices that integrate family and school to help them build their future.

Keywords: Education. Family. Reading. Social Vulnerability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Edições do Baile Literário realizadas no CEDM.....	86
Figura 2 - Frente do CEDM	95
Figura 3 - Rua Joanes Centro Oeste –.....	98
Figura 4 - Via transversal da rua Joanes Centro Oeste,.....	98
Figura 5- Momento de leitura coletiva no CEDM.....	116
Figura 6 - Público na 8ª edição do Baile Literário	117
Figura 7 - Encerramento Projeto “Tô ligado na energia” no C.E.D.M.	127
Figura 8 – Reflexões Pé na Escola	131
Figura 9- Reflexões: Da escola para vida.....	136
Figura 10 – Reflexões: Pé na estrada.....	140
Figura 11- Roda de conversa – grupo 1.....	142
Figura 12- Roda de conversa – grupo 2.....	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Desempenho Brasil no PISA 2000-2012	67
Tabela 2 – Escolaridade dos participantes	110
Tabela 3– Escolaridade dos pais.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Brasil PISA - 2018	68
Gráfico 2 – Aspectos sobre a importância do estudo	112

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 - BRASIL - PISA 2015	68
------------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEDM	Colégio Estadual Dalva Matos
CEEP	Centro Estadual de Educacional Profissional
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio.
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNDU	Política Nacional de Desenvolvimento Urbano
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa nacional do livro e do material didático
PNLEM	Programa nacional do livro didático para o ensino médio
SABE	Sistema de Avaliação Baiano de Escola
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
Das Páginas da Imaginação	15
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	
1.1. BARRADOS NO BAILE	24
1.1.2.Chão de estrelas	30
1.1.3.Gestão escolar: desafios cotidianos	35
1.2. BAILA COMIGO.....	40
1.2.1. Escola e Família: juntos somos mais fortes	41
1.2.2. Relação família-escola: encontros e desencontros.....	44
1.2.3. Família em cena	51
1.3. NOS BAILES DA VIDA	57
1.3.1. Trilhando por linhas certas e incertas	57
1.3.2 LER: verbo transitivo direto para vida	67
1.3.3. Nas entrelinhas do letramento.....	72
1.3.4. Letramento literário	75
1.4. RECALCULANDO A ROTA	78
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	
2. Metodologia	83
2.1. Descrição do Projeto Baile Literário.....	87
2.2. Procedimentos Metodológicos.....	88
2.3. O campo de Pesquisa.....	95
2.4. A professora: Um pouco de sua história, além do horizonte.....	103
2.5. Descrição das etapas da pesquisa.....	108
2.6. Caracterização dos participantes da pesquisa.....	110
2.7. Apresentação dos dados do questionário.....	112
2.7.1 Relação com a escola.....	112
2.7.2 Participação da família durante o período escolar.....	120
2.7.3. O jovem e a comunidade.....	127
2.8. A Roda de conversa.....	130
2.8.1 Pé na escola.....	132
2.8.2. Da escola para a vida.....	136
2.8.3. Pé na estrada.....	140
2.9. Autodiagnóstico.....	145
2.10. Fecham-se as cortinas	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS – É permitido Sonhar.....	152
REFERÊNCIAS.....	158
ANEXOS.....	162

INTRODUÇÃO

DAS PÁGINAS DA IMAGINAÇÃO

“ Nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeira instância um problema da vida prática” (Minayo, 2001).

O poder que a leitura exerce sobre os indivíduos é um fenômeno indiscutivelmente transformador. Sua importância vai além da ordem inicial do aprender a ler e a escrever, atravessa os caminhos da comunicação. O homem torna-se criador e transformador de seu mundo onde age e responde aos seus desafios temporalizando os espaços geográficos, fazendo sua própria história. A leitura liberta.

Como afirmam Lombardi e Aborlea (2001),

[...] Os conhecimentos de mundo remetem para conhecimentos armazenados na memória de cada indivíduo, sob a forma de esquemas que são estruturas cognitivas registradas em unidades de informação na memória de longo prazo. Isso quer dizer que, para compreender o mundo, é preciso que se tenha dentro de si uma representação dele. Os esquemas formam-se a partir de experiências socioculturais dos indivíduos, uma vez que todos os seres humanos praticam o ato da interação nesses contextos.

Foi resgatando as memórias da infância, recheadas de viagens literárias, leituras incentivadas por meus pais, pessoas simples, de formação primária, cultas pelo letramento do mundo e o gosto pela leitura que decidi levar para a sala de aula uma prática pedagógica que fosse inovadora, prazerosa, atrativa, que pudesse seduzir os alunos para a prática da leitura. Atendendo, assim, ao objetivo principal do ensino da disciplina Língua Portuguesa que é o domínio da linguagem e, conseqüentemente, dentro disso está o ensino da leitura para o domínio de uma competência leitora.

O tempo de aprender é o tempo de cada aluno. Assim, a educação surge como uma resposta para as coisas que o indivíduo constrói ao longo de sua vida. A educação, portanto, provoca uma busca para a construção do sujeito e de sua própria educação. A visão que se tem sobre educação é de que ela deve ser

criadora e desinibidora, jamais restrita, dando a oportunidade para que todo educando seja ele mesmo, como afirma Freire, (2009, p.32).

O fascínio pela literatura conduziu-me para a formação acadêmica do curso de Letras Vernáculas e, como tudo que é bom deve ser compartilhado, no exercício da docência, propus aos meus alunos a embarcarem comigo por uma viagem literária com diversas rotas artísticas.

Ao final dessa viagem, nasceu um diário de campo, que justifica a apresentação deste tema, resultado de um estudo desenvolvido ao longo das dez edições do Projeto Baile Literário, tendo como público, alunos do ensino médio de uma escola pública de Salvador, que foram colocados como protagonistas, responsáveis pelo desenvolvimento de todas as atividades necessárias para a construção e culminância do projeto. O sujeito sendo pesquisado no ápice de suas potencialidades e vulnerabilidades. Antes de ser sobre um projeto escolar desenvolvido, é sobre a atuação dos envolvidos no seu contexto social. Neles, investi toda minha atenção e pude compreender, em seus movimentos, a necessidade de serem vistos, ouvidos, respeitados nas suas diferenças e carências nos diversos ambientes que circulavam, pois buscavam o poder da crença, do sonho realizado.

É preciso compreender que

[...] sem a análise do meio cultural e concreto, corremos o risco de realizar uma educação pré-fabricada e castradora. Para ser válida, a educação deverá levar em conta que o fator primordial do homem, sua vocação ontológica, é aquela de ser-sujeito e as condições em que ele vive; em um lugar preciso, em um momento e num certo contexto (PAULO FREIRE, 2008, p. 38).

O Projeto Baile Literário foi criado inicialmente com o objetivo de estimular a leitura dos diversos gêneros textuais em sala de aula, foi pensado num momento em que a angústia estava afetando o andamento das aulas. Sem muito atrativo, a sala de leitura da escola era pouco usada devido ao pequeno acervo de livros didáticos, paradidáticos e de outras obras diversas, porém com um número restrito de exemplares, que é a realidade de muitas escolas da rede pública de ensino, situação que complica demasiadamente a atuação diária do professor.

Outro agravante era a condição financeira dos educandos que não tinham recursos para comprar livros e até mesmo reproduzir textos sugeridos para as atividades. Por sua vez, a escola nem sempre estava munida com papel sulfite e tinta na impressora para atender a demanda de pedidos dos professores e, neste contexto, um conflito se prolongava: De que forma trabalhar a leitura dos clássicos literários exigidos nos exames dos vestibulares? Como fazer com que aqueles alunos da rede pública se sentissem aptos para a prática da leitura, da escrita e para a interpretação de textos para prestarem o exame do vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)? Como colocá-los na mesma rota dos alunos da rede privada?

A ideia do projeto surgiu com o objetivo de encontrar uma forma que, além de despertar-lhes o gosto pela leitura literária, também oportunizasse o conhecimento compartilhado além dos muros da escola, pondo em prática o exercício do letramento social e literário que os possibilitaria a experiência de ser o outro, viver com os outros, romper com os limites do tempo e do espaço de suas vivências.

Por dois anos consecutivos, tentei implementar o projeto, mas as turmas não aderiram movidas por um sentimento de descrédito na execução das tarefas, nas suas habilidades e competências, além de outras situações. Certa de que era preciso mudar aquela realidade, fazia-se urgente colocar aqueles alunos no lugar do “ser possível”. Não desisti, segui adiante em busca da turma que aceitaria o convite.

Na falta dos livros e de textos suficientes para as turmas, recorriamos às aulas audiovisuais com a exibição de filmes, que reproduzem clássicos da literatura, tendo em vista que constituía uma aula mais agradável e mais fluida, que possibilitava ricos debates em torno das características da escola literária, do autor e da obra em estudo. Momentos oportunos para seduzi-los e convidá-los a fazer parte de muitas daquelas cenas. Fazê-los compreender que “[...] na leitura e na escritura dos textos literários, é possível encontrarmos o senso de nós mesmos e da comunidade a qual pertencemos” (COSSON, 2006) e, em 2009, as turmas concluintes do 3ºano do Ensino Médio aceitaram o convite. Assim, esta pesquisa nasce, justamente, desta perspectiva de mergulhar no chão concreto da escola e, a partir dessa experiência, compreender a

importância de ações educativas significativas que dialoguem com as condições sociais, culturais, econômicas dos alunos, suas famílias e o seu entorno.

As famílias permeadas pelos impactos sociais diante das mudanças na sociedade atual, tornam-se vulneráveis, comprometendo o seu compromisso em educar e acompanhar os filhos no contexto escolar. Neste sentido, torna-se necessário que, no contexto escolar, sejam apresentadas estratégias que possam transformar favoravelmente o percurso escolar dos educandos que se encontram cercados de situações de riscos, condição perene de parte da população localizada nas periferias, que merecem uma atenção especial do Estado e dos educadores.

Cabe salientar que escola e família se complementam. Uma se fortalece na outra quando há o reconhecimento do papel que exercem na vida de crianças, de adolescentes e de jovens. No entanto, a presença da família, no processo de aprendizagem dos filhos, vem se tornando uma tarefa árdua na sociedade contemporânea, diante das intempestivas mudanças no cenário social e econômico da população. Situações como desemprego, violência, saúde precária, falta de afetividade familiar fragilizam mais ainda as relações, o que dificulta mantê-los na escola, garanti-lhes alimentação, segurança e lazer, conforme exigem as nossas leis.

Sendo a escola um espaço de proteção, que promove a escuta ativa e os diálogos restaurativos, cabe-nos entender a importância de aplicabilidade de projetos interdisciplinares que desenvolvam a prática da leitura e da escrita entre outras práticas educativas. O planejamento e a implementação das atividades educativas devem possibilitar que o maior número possível de estudantes tenha acesso a todas as formas de cultura (PRAXEDES, 2015, p. 57). Assim, é possível suscitar a construção coletiva de ações que permitam pais e filhos vislumbrarem um projeto de vida e orientações para o futuro que abarquem seus desejos e suas necessidades para superarem as vulnerabilidades que os limitam.

O estudo deste tema assume um papel de relevância social, tendo em vista que analisa a necessidade de conceber às crianças e aos adolescentes, meios para que encontrem um direcionamento exitoso ao longo da trajetória escolar, uma vez que estes vivem em constante desenvolvimento, necessitando,

assim, de toda e qualquer instrução para que possam aprender a viver bem em sociedade.

A prática de uma pedagogia reflexiva é uma estratégia relevante para abrir caminhos na busca de estreitamentos de laços de empatia, confiança, escuta mútua entre a família e a escola. Mesmo diante de um cenário desafiador, não há como dissociar escola, família e comunidade. “As famílias integram comunidades instaladas em territórios geográficos que guardam costumes, valores, e histórias próprias, que originam determinados contextos sociais” (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p.59). Quando família e escola atuam em parceria, é possível construir um cenário favorável para o pleno desenvolvimento dos nossos educandos.

Segundo Vieira (2004),

[...] O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que realmente importa na sociedade (VIEIRA, 2004, p.06).

Ao implementar projetos que envolvam a leitura, as produções culturais de natureza artísticas e esportivas, o educando encontra-se consigo e com os outros, constrói uma relação socioafetiva, além de resgatar o sentimento de pertencimento, autonomia, bem como o engajamento com exercício da cultura da paz. Segundo Bourdieu (2007, p. 201), “[...] pode-se supor que o trabalho pedagógico em sua forma elementar se apoia num dos motores que está na raiz de todos os investimentos ulteriores: a busca do reconhecimento”. Não há como negar as vivências que os educandos carregam e que precisam ser acolhidas, aprimoradas e, fazendo-se necessário, quando estas trazem excessiva carga negativa, buscar meios para saná-la e favorecer um contexto saudável para que possam fluir como sujeitos amparados em seus direitos.

Inserida numa comunidade carente de assistências básicas, que possibilitem um desenvolvimento saudável à sua população, a unidade escolar, palco do Projeto Baile Literário, está situada no Subúrbio Ferroviário de Salvador, no bairro denominado Prainha do Lobato. O Colégio Estadual Dalva Matos

(CEDM) procura manter um constante diálogo com as famílias, auxiliando-as e acolhendo-as nas demandas que cabem orientar, cumprindo seu papel como espaço educador. Como espaço de interação humana, socialização e conhecimentos compartilhados, não se pode fechar os olhos para os desafios extra/intramuros expressos nos corpos dos nossos educandos. Daí a importância de ações que desenvolvam as habilidades e competências necessárias para o enfrentamento dos obstáculos e o alcance da sua autoconfiança, da sua autonomia e do seu sucesso.

E, na busca deste equilíbrio essencial para o pleno desenvolvimento educacional de crianças, adolescentes e jovens, surgem movimentos para superar os desafios advindos do contexto social e das falhas no sistema educacional, problemática, portanto, objeto deste estudo. Como um projeto escolar interdisciplinar de leitura pode contribuir para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais no contexto escolar que comprometem o sucesso no processo ensino-aprendizagem dos educandos?

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a percepção de jovens protagonistas de um projeto interdisciplinar de leitura, desenvolvido no contexto escolar como estratégias para despertar nos educandos atitudes positivas para enfrentamento das vulnerabilidades sociais que os afetavam no processo ensino-aprendizagem. E, como objetivos específicos: Analisar a percepção sobre educação e a relação da vulnerabilidade familiar junto ao abandono do processo ensino-aprendizagem; Refletir sobre a necessidade de ações educativas que desenvolvem as competências cognitivas e despertam o sentimento de pertencimento e de valorização das vivências e experiências pessoais do aluno no meio escolar; Compreender a importância de uma escola reflexiva que prioriza ações pedagógicas que levam em consideração a história de vida dos educandos, buscando a autovalorização do diálogo, do pensamento crítico e criativo dos alunos.

Na introdução, nominada **Das páginas da imaginação**, são traçadas algumas linhas sobre a minha educação familiar, origem do meu gosto pela leitura; da minha trajetória acadêmica e profissional, alcançando a construção de uma consciência social de compartilhar em sala de aula a importância do poder

da leitura na formação dos sujeitos. É apresentado também os caminhos estruturais para construção deste estudo.

A pesquisa foi estruturada em 02 partes denominadas de capítulos. O desenvolvimento deste estudo, no capítulo 1, apresentamos uma Revisão de Literatura, teve como base conceitual a revisão bibliográfica de artigos, obras de renomados teóricos e estudiosos no campo da Sociologia, Educação e Psicologia: Pierre Bourdieu, Paulo Freire, João Carlos Petrini, Pierpaolo Donati, Bernard Lahire, Rildo Cosson, Ângela Kleiman, Magda Soares entre outros de igual relevância. Ademais, foram feitas análises de documentos institucionais públicos e de livre acesso, revistas científicas, artigos, todos correlatos ao tema da referida pesquisa.

Cada título traz como referência o cinema e a música, que, assim como a leitura, a dança e a música também libertam. Alguns enredos e letras musicais trazem como temática situações complexas que acompanham os sujeitos na sua formação em busca de um lugar no mundo. Afinal, todos fomos feitos para brilhar. E, neste sentido, foram assim nominados, em homenagem aos meus ex-alunos, na condição de crianças, adolescentes, jovens que se permitiram sonhar. Ao lado deles não fui vencida pela falta de esperança.

No capítulo I, apresenta a Revisão de Literatura, expondo uma discussão teórica sobre os seguintes temas:

Barrados no baile: É apresentado uma narrativa reflexiva em torno das vulnerabilidades que dificultam o protagonismo dos educandos no período escolar. Também é apresentada uma análise sobre a resignificação das práticas pedagógicas que buscam criar resultados exitosos com o objetivo do engajamento de toda comunidade escolar, buscando caminhos para a construção de vínculos de identidade e pertencimento.

Baila comigo: Explana sobre a importância da relação estreita entre a família e a escola para que juntas, possam criar estratégias para enfrentamento das vulnerabilidades sociais que afetam a aprendizagem das crianças e adolescentes. Fomenta uma discussão sobre o processo de construção do “*habitus*” e o aporte necessário aos “*capitais sociais*” indispensáveis para pleno desenvolvimento humano. Uma análise sobre a importância de um planejamento

educacional que viabilize a criação de projetos e políticas de interação escola-família em ações educativas, sociais e culturais no contexto escolar.

Bailes da vida: Apresenta um breve histórico sobre os documentos educacionais organizados para garantir qualidade no sistema de ensino nacional; reflexões em torno da necessidade de novos paradigmas para formação de uma população leitora, produtora de conhecimentos que possam vislumbrar um projeto de vida a partir de sua evolução durante o período escolar. Também é explanado a relevância das habilidades e competências que os sujeitos devem apreender com a prática da leitura e a compreensão do letramento social no espaço escolar e da leitura literária compartilhada. .

As informações estão pautadas em correntes da ciência que aumentam o conhecimento do pesquisador sobre conceitos, teorias que enriquecem o estudo em destaque, além de garantir mais clareza para o objetivo da pesquisa científica.

Consciente da importância da função social e educadora do pesquisador científico no peso do teor de suas temáticas, assumi uma postura de mais leveza nos termos oficiais que estruturam este texto. Influenciada pela liberdade das letras, sempre procurei me posicionar otimista, solidária e esperançosa diante das lutas travadas no cotidiano da profissão. Para Paulo Freire (2022), “a leitura do mundo e a leitura da palavra são indissociáveis e só se constituem um processo libertador quando agregam função social, política e cultural”. Não há texto sem contexto e, o ato da escrita acadêmica, por ser bastante complexo, creio que merece, em alguns momentos, sair do engessamento padrão e ser possível apresentar um estado da arte com mais poesia.

Ser professor amansa almas. Ainda como aluna especial, cursando a disciplina, Família e Educação, ministrada pelo prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos, na Universidade Católica do Salvador (UCSal), tive a certeza da importância de transformar as percepções extraídas durante a execução do projeto do Baile Literário em objeto de pesquisa. Como aluna regular e cursando a disciplina de Tirocínio Docente, também com o referido professor, percebi a força que encontramos em cada discente e que nos faz esperar a cada encontro. Leveza, amor, luz e encanto pairavam com maestria naquelas aulas do curso de Pedagogia. Educação se faz com afeto. O saber quando transmitido

com liberdade transborda e se espalha como as sementes de algodão das paineiras (*sumaúma, árvore nativa da Amazônia*, segundo o dicionário brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis) , pairam, encantam e atraem discípulos.

No capítulo II, apresentamos a metodologia, tendo como referencial a pesquisa qualitativa exploratória e, como método, foi utilizada a pesquisa-ação que tem como base central a relação participativa do pesquisador e do pesquisado, com suas implicações interventivas para resolver situações problemas relacionadas aos ambientes escolares, por vias de transformação participativa. Um método que parte do princípio do reconhecimento e da valorização da participação dos sujeitos pesquisados envolvidos no seu contexto social. A metodologia é o instrumento que dá base estrutural e possibilita caminhos que permitem fazer a discussão necessária para alcance dos objetivos do estudo proposto.

Nas considerações finais, são apresentadas as reflexões da pesquisadora acerca dos resultados como agente da educação, em contínuo processo de amadurecimento, destacando os objetivos propostos na pesquisa. Os resultados obtidos revelam que as escolas públicas localizadas nas comunidades da periferia precisam investir em ações educativas que possam oportunizar o protagonismo juvenil e, por conseguinte, estreitar os laços entre escola e família. Neste sentido, requer dos gestores, dos técnicos das secretarias educacionais e dos professores um olhar atencioso para as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas que destacam a leitura, a arte e a cultura utilizando-se das múltiplas linguagens, tão importantes para o desenvolvimento das competências e habilidade dos educandos.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

1.1. BARRADOS NO BAILE

O mundo se configura num conjunto de possibilidades, onde sua realização depende das oportunidades oferecidas pelos lugares (SANTOS, 1994, p.03)

Em face das importantes transformações dos projetos educacionais ao longo dos anos, percebe-se a necessidade de constantes planejamentos das práticas pedagógicas dos docentes para além da sala de aula. Ações educativas que alcancem a realidade dos discentes e possam agregar experiências bem-sucedidas e que se adequem ao contexto em que estão inseridos e assim, possamos superar o atraso educacional observado no Brasil.

Manter os jovens na escola tem sido um desafio a ser vencido e que vem transitando por duas décadas sob diversas circunstâncias. As políticas educacionais, bem como os programas de apoio à família não têm dado conta da evasão escolar. A educação básica ministrada pela rede pública encontra-se numa zona desconfortável, tendo em vista que as famílias usuárias da instituição escolar estão inseridas num contexto de vulnerabilidade que envolve desemprego, violência doméstica, violência urbana entre outros déficits que só colaboram para afastar crianças, adolescentes e jovens das salas de aula.

De acordo com a Organização Todos Pela Educação, baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua/IBGE) durante o período de 2016 a 2022, cerca de 178 mil crianças, na faixa etária dos 4 a 5 anos, se encontram fora da pré-escola e entre os motivos de não frequência escolar estão a opção dos próprios responsáveis — mesmo com a obrigatoriedade.

O estudo aponta que

[...] o número de menores fora do ambiente escolar neste ano representa 42% dos 425 mil afastados de uma educação adequada no ano passado, mesmo existindo uma lei direcionada ao problema em questão. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), implementada no dia 20 de dezembro de 1996, aponta o ensino fundamental como um direito obrigatório.

Conforme a pesquisa, os motivos que levam as famílias a não matricularem os filhos se encontram na falta de qualidade ou segurança das

creches para crianças com deficiência, problemas de saúde permanentes dos jovens, falta de dinheiro para a mensalidade, o transporte, o material escolar, além da falta de escolas próximas às suas localidades.

Priscila Cruz, presidente-executiva do Todos Pela Educação, destaca que o crescente número de famílias que simplesmente não conseguem alcançar o direito de matricular as crianças, na faixa etária entre 4 e 5 anos, na escola é um outro problema que merece total atenção dos órgãos competentes, por isso, medidas emergenciais vêm sendo tomadas para garantir a população em idade escolar o acesso às salas de aula com o mínimo necessário para percorrer todo ciclo escolar, no entanto, não estão alcançando a todos por diversas circunstâncias.

De acordo com a pesquisa do IBGE, no ano de 2016, a taxa de crianças de 4 a 5 anos sem acesso aos estudos era de 9%. Com a pandemia do Covid-19, houve um aumento no ano de 2021, elevando o percentual para 15%. Em 2022, o total recuou para 7%. Os dados representam um quadro crítico que precisa ser revertido, tendo em vista o compromisso firmado pelo governo por meio das diretrizes para a política nacional de alfabetização.

Neste sentido, o programa Compromisso Nacional Criança Alfabetizada foi criado para fomentar práticas pedagógicas e de gestão exitosas que garantam escolas cheias e ensino de qualidade. Este programa tem como objetivo principal garantir que 100% das crianças brasileiras estejam alfabetizadas ao fim do 2º ano do ensino fundamental, conforme previsto no Plano Nacional de Educação (PNE).

O Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, em regime de colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, almeja, por meio da conjugação dos esforços, garantir o direito à alfabetização de todas as crianças do país. O foco é garantir que 100% das crianças brasileiras estejam alfabetizadas ao final do 2º ano do Ensino Fundamental; além da recomposição das aprendizagens, com foco na alfabetização, de 100% das crianças matriculadas no 3º, 4º e 5º ano, afetadas pela pandemia. (BRASIL, 2023)

Melhorar a qualidade do sistema público de ensino brasileiro é um problema que requer estratégias setoriais para obter o esforço e a união das

partes diretamente envolvidas – redes, educandos e família. A soma de forças para aumentar o número da população alfabetizada.

Essa grande rede colaborativa permitirá reconhecer as diversidades e desigualdades territoriais do Brasil e fortalecerá a ideia de buscarmos caminhos também diversos. Cada Estado, em colaboração com os Municípios, elaborará a sua política territorial, de maneira a dar conta de suas especificidades. Nessa rede, cabe a União apoiar, técnica e financeiramente, os entes federados na medida das suas necessidades e também reconhecer e valorizar os esforços gigantes que esses entes já têm mobilizado na direção de alfabetizar todas as crianças (BRASIL, 2023).

As redes de ensino vêm realizando constantes consultas públicas para obter a opinião de professores, estudantes, pesquisadores acadêmicos em torno dos problemas que afetam a qualidade da educação das redes de ensino. O objetivo é compreender o que está por trás do fenômeno que vem esvaziando as escolas ao longo dos anos e encontrar caminhos viáveis para resgatar a população em idade escolar que se encontra afastada das salas de aula.

Além das consultas também são realizadas avaliações externas periódicas, constantemente remodeladas que servem para identificar os pontos deficitários no domínio da leitura e matemática durante o processo de aprendizagem dos educandos.

Avaliação periódica de leitura, realizada pelas escolas e liderada pelas redes municipais e estaduais de ensino, com apoio do Ministério da Educação.

Avaliação periódica de língua portuguesa e matemática, realizada pelas escolas e liderada pelas redes municipais e estaduais de ensino, com apoio do Ministério da Educação.

Avaliação estadual anual de língua portuguesa e matemática, realizada pelas redes municipais e estaduais de ensino, integradas em sistemas estaduais de avaliação.

Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

O governo federal incentiva os estados e municípios a adotarem práticas eficazes para melhorar o aprendizado nas escolas públicas. É importante ressaltar que o cruzamento de ideias das redes município e estado é extremamente importante para que juntos possam criar iniciativas

que melhorem a qualidade da educação básica desde as séries iniciais até o ensino médio, base preponderante para formação de indivíduos letrados.

O documento traz à tona uma constatação que já faz parte das preocupações dos educadores. “Os impactos da violação do direito humano à alfabetização são dramáticos tanto na continuidade da trajetória escolar dos estudantes quanto do ponto de vista de suas correlações com o aprofundamento da vulnerabilidade social e econômica e das desigualdades regionais, de raça/cor, gênero”. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD) a população negra é a mais afetada pela pobreza nos últimos anos . Representam 73% do total de brasileiros que ficaram abaixo da linha de corte em 2021. Nesta mesma pesquisa verifica-se a distribuição desigual entre brancos e negros no acesso às escolas – 41% contra 51,9%, respectivamente, estão fora da escola. Percebe-se, portanto, a extensão da desigualdade escolar.

A taxa de analfabetismo entre pretos e pardos caiu em 2022 para o menor nível (7,4%) histórico desde 2016, mais do que o dobro da registrada entre brancos (3,4%). De 2019 para 2022, a taxa de analfabetismo entre as pessoas pretas ou pardas de 15 anos ou mais recuou de 8,2% para 7,4% no país. Foi a primeira vez que o indicador ficou abaixo de 8%.

Conforme Macaé Evaristo conciliar trabalho e escola gera o abandono e a evasão escolar, configurando uma das marcas da desigualdade racial no Brasil.

Para a autora,

[...] Os jovens ainda vivem muito um conflito entre educação e trabalho em que as condições de vida impõem a opção pelo trabalho. Precisamos investir em melhores condições de atendimento a essa população [...]. Além disso, essa população é maioria nas escolas com menor estrutura, o que favorece a evasão e o baixo desempenho na aprendizagem. Os jovens das comunidades mais vulneráveis têm acesso a escolas com infraestrutura mais precária, que no geral têm profissionais de educação sem a formação desejada nas áreas do currículo demandadas para o Ensino Médio.

O insucesso escolar na educação básica afeta drasticamente os estudantes negros. Estes se veem excluídos do cenário escolar por questões estruturais cíclicas que os acompanham e que precisam ser o tempo todo combatidas com iniciativas que promovam o protagonismo e o respeito à

população negra. Com a lei 10.639 de 2003, foi possível repensar a estrutura do currículo escolar colocando em pauta a obrigatoriedade de conteúdos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos da Educação Básica. No entanto, nota-se o retrocesso quando na BNCC, estruturada em 2017, não apresenta as alterações determinadas por esta lei.

Não menos graves se encontram os dados apresentados pela PNAD Contínua (2019) referentes à desigualdade de gênero que conduz ao abandono e à evasão escolar.

Assim,

[...] Ao considerar a faixa etária na qual a escolarização é obrigatória (4 a 17 anos), os meninos são maioria entre os estudantes fora da escola. Ao considerar a faixa etária do Ensino Fundamental (6 a 14 anos), a diferença da exclusão por gênero chega a ser 10% maior para os meninos. Por fim, a pesquisa ainda destacou que essa tendência se inverte no Ensino Médio, entre os adolescentes de 15 a 17 anos o percentual de meninas fora da escola é maior, ainda que por uma margem pequena.

O principal motivo apontado para terem abandonado ou nunca frequentado escola, para 40,2% dos jovens, está a necessidade de trabalhar como fator prioritário. Dentre os homens, esse valor sobe para 51,6%. A falta de interesse em estudar vem em seguida, com 26,9%. Para as mulheres, o principal motivo foi também a necessidade de trabalhar (24,0%), seguido de gravidez (22,4%) e não ter interesse em estudar (21,5%). Além disso, 10,3% delas indicaram realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoas como o principal motivo de terem abandonado ou nunca frequentado escola, enquanto, para homens, esse percentual foi inexpressivo (0,6%). Com esta pesquisa, é possível perceber a perpetuação dos papéis tradicionais de gênero que e como determinam as tarefas atribuídas às meninas em casa ou a escolha da família nos casos de mães adolescentes e jovens casadas.

Nas condições socioeconômicas dessas famílias, denotam a fome e a insegurança alimentar. Muitos pais necessitam do apoio dos filhos para colaborar com o sustento casa, pondo-os para trabalhar no emprego informal e, por consequência, levam ao abandono e à evasão escolar. A vigilância de segurança alimentar e nutricional - VIGISAN, através da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN),

realizado pelo Instituto Vox Populi entre novembro de 2021 e abril de 2022, com apoio das organizações Ação da Cidadania, ActionAid, Ford Foundation, Fundação Friedrich Ebert Brasil, Ibirapitanga, Oxfam Brasil e Sesc São Paulo, apresentou os seguintes dados:

Aproximadamente, uma em cada cinco famílias chefiadas por pessoas autodeclaradas pardas ou pretas no Brasil sofre com a fome (17% e 20,6% respectivamente) – o dobro em comparação aos lares chefiados por pessoas brancas (10,6%). A situação é ainda mais grave quando se leva em conta o gênero: 22% dos lares chefiados por mulheres autodeclaradas pardas ou pretas sofrem com a fome, quase o dobro em relação a famílias comandadas por mulheres brancas (13,5%).

Os resultados demonstram que, entre as famílias mais afetadas pela carência de alimentos, na maior parte, os responsáveis pela renda possuem menos de 4 anos de estudo (22,3%), seguidas por aquelas com pessoas que possuem entre 5 e 8 anos de estudo (19,1%) – ou seja, não completaram os dois ciclos do ensino básico. Neste sentido, fica claro a relação entre nível de escolaridade com o nível de insegurança alimentar dos indivíduos.

Segundo a professora Sandra Chaves, coordenadora da Rede PENSSAN, a falta de alimentos e a fome são maiores entre as famílias chefiadas por pessoas negras, principalmente mulheres negras. Na sua concepção, é preciso[...]

[...] reconhecer a interseção entre o racismo e o sexismo na formação estrutural da sociedade brasileira, implementar e qualificar as políticas públicas tornando-as promotoras da equidade e do acesso amplo, irrestrito e igualitário à alimentação.

As barreiras que dificultam o progresso de crianças e adolescentes no ciclo escolar indicam o quanto estamos distantes de um sistema escolar equitativo. Compreender o contexto social da população que se encontra fora da escola possibilita ir além da simples implementação de programas governamentais. É necessário adequação socioeconômica e mobilização de toda sociedade para condutas mais humanas, conscientes diante do quadro de pobreza alimentar e educacional que nunca saiu do cenário brasileiro e das pautas internacionais.

1.1.1. Chão de estrelas

Ao se deparar com o chão da escola pública, é devastador perceber como existe uma parcela de estudantes desfavorecida dos bens culturais, por diversas circunstâncias, gerando um déficit inadmissível em suas vidas, tendo em vista a capacidade e talento de muitos alunos que, por falta de investimento e qualidade na educação deixam de realizar seus sonhos.

Quando um jovem tem a dedicação solidária de uma professora, ele consegue conquistar muitos espaços. Como exemplo, é possível citar o jovem JL, estudante da escola Dalva de Matos, visto como um “diamante bruto” quando bailava, criando excelentes coreografias durante os eventos literários, para apresentar-se na culminância do projeto. Com o seu talento, mostrava-se capaz de alçar grandes voos e brilhar além dos muros da escola. Diante desta realidade, foi possível conseguir para ela, uma bolsa de estudo numa escola de balé. Passou a participar de todos os concursos locais de dança, foi se aprimorando com esmero e conseguiu ser aprovado numa companhia de dança internacional. Teve total apoio dos pais, venceu seus medos e foi trabalhar como dançarino fora do país. Condição que além de torná-lo independente e mais culto, permitiu ajudar financeiramente seus pais.

A escola foi fundamental para ele perceber-se fora da realidade que o cercava. Filho de pais assalariados, todos os irmãos trabalhavam para ajudar no sustento da família. De educação rigorosa, devido à religião dos pais, ele, ainda como estudante, estava sempre envolvido em projetos educativos que concediam algum apoio financeiro para também contribuir nos custos da casa. A chance de engajar-se numa companhia de dança trouxe-lhe a possibilidade de progressão profissional e consciência nas tomadas de decisões que veio a determinar seu projeto de vida. Ele venceu inúmeras dificuldades, agarrando todas as oportunidades e portas que se abriram.

Quando Pierre Bourdieu (1980) tratou da teoria do capital social e cultural, ele fomentou uma reflexão em torno das desigualdades de desempenho escolar nos diferentes contextos sociais, bem como a importância dos bens relacionais que orientam as relações familiares. O capital social se configura nas relações

familiares a partir da rede de socialização entre seus membros que geram os bens relacionais. Pierpaolo Donatti destaca a confiança, a reciprocidade, o amor e a proteção como bens significativos para a convivência social e também ressalta o dom da reciprocidade como essencial para a que se estabeleça a harmonia entre os membros.

De acordo com Petrini e Dias (2015), a família é vista como “[...] o lugar onde o capital social é gerado para seus membros e para a sociedade, por criar vínculos intersubjetivos e sociais. No entanto, esse capital depende de como a família está organizada e da qualidade das relações que nela são vividos”. O sucesso escolar intimamente relacionado à herança destes bens provenientes da família é um problema enfrentado no cotidiano das escolas. Por um lado, aqueles que os detêm, por outro, os desfavorecidos devido à condição de vulnerabilidade que os impedem de acessá-los. Atrair o sucesso escolar dos educandos ao montante de capital que herdaram dos seus pais, reverbera uma trama injusta. O contexto familiar do educando é um dos primeiros fatores a ser analisado no surgimento de comportamentos estranhos que comprometem aprendizagem. De um modo geral, o grau de conflitos enfrentado pelas famílias contemporâneas não poupa pobres ou ricos. As salas de aulas estão recheadas de problemas que se originam, na maioria das vezes, nas relações familiares.

Sob a ótica de Praxedes, os pressupostos filosóficos e antropológicos da teoria de Bourdieu levam em consideração que cada ser humano é submetido a um processo de socialização que o forma como um ser social. Ao longo do tempo esse processo possibilita a construção do agente humano por meio das relações sociais de afetividade e de aprendizagem, transformando ininterruptamente o corpo e a mente, de maneira que a percepção e a forma de agir de cada ser humano vão sendo modeladas pelas relações de convivência e pelas necessidades práticas e simbólicas que devem ser satisfeitas.

Pierre Bourdieu (1992a, p. 296) denomina processo de construção do habitus como a aprendizagem da língua, dos costumes, das formas de convivência e tratamento entre as pessoas, crenças religiosas, valores morais e ideias sobre a realidade; mas que também contribuem para capacitar cada um de nós a ter suas próprias ideias, valores e atitudes práticas diante da realidade,

muitas vezes diferenciadas em relação à educação recebida no meio familiar ou na escola.

Na análise de Praxedes (2017), termo *habitus* é utilizado, assim, como um conceito teórico que sistematiza um conjunto de saberes construídos ao longo da história da filosofia e das ciências sociais. Envolve todas as influências que cada ser humano assimila dos meios sociais e culturais que mantêm contato, que vão se fixando em sua mente, como um “depósito de experiências”, mas que também o tornam capacitado para agir na prática de uma maneira inovadora, para resolver os novos problemas que surgem na convivência social e satisfazer suas necessidades e suas concepções.

No entanto, a falta destes valores repercute no mais grave dos problemas que, segundo João Carlos Petrini(2015), acarreta o risco de gerar capital social negativo, o comprometimento na formação da subjetividade dentro de uma condição favorável para direcionar-se na vida. Cada vez mais, os conflitos familiares que chegam ao conhecimento da gestão escolar ultrapassam a esfera pedagógica, necessitam de uma política pública familiar.

Destacando, mais uma vez, o desenvolvimento das edições do Projeto do Baile Literário, uma das maiores motivações para dar continuidade ao projeto, era exatamente vivenciar os esforços dos pais em poder dar as condições possíveis para aos filhos participarem do projeto. A vontade de ver os filhos naquele palco vencia as dificuldades. Sob a condição de serem aprovados no final do ano letivo, os pais investiam como podiam fortalecendo, portanto, a ideia do investimento e da manutenção do capital social e cultural no núcleo familiar.

Por diversos momentos, presenciemos o conflito pessoal de muitos alunos entre o querer e o poder participar do projeto. As barreiras principais estavam em torno do fator financeiro e do afeto familiar. O projeto foi se tornando o grande evento do ano para as turmas do ensino médio. Muitos alunos já se matriculavam na escola visando exatamente concluir os estudos com a culminância do projeto, que passou a ser considerada por eles como uma “formatura”.

O projeto oportunizou o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, um estreitamento positivo entre pais, professores e alunos. Mas também revelou

muitas situações de carência afetiva por parte dos pais, sentimentos expressos nas falas dos alunos quando diziam: “[...] meu pai/minha mãe não vem me assistir, vou convidar outras pessoas”.

Situação lamentável ocorreu numa determinada edição. Uma aluna totalmente envolvida em todas as ações do projeto por conta própria buscou recursos financeiros sem nenhuma participação da família e, na noite do baile, na hora da homenagem, foi contemplada pelos colegas como “a irmã de todos eles”, pois se encontrava sozinha, sem nenhum membro da família presente. Apesar deste triste fato, hoje é uma jovem em progresso nos seus estudos no curso de Odontologia.

Note-se aqui uma situação em que a ausência familiar não a impediu de seguir nos seus objetivos. Sua vida escolar não foi drasticamente afetada, sendo a escola um suporte essencial para vencer momentos difíceis. Os colegas deram-lhe um apoio afetivo que a fortaleceu.

Havia uma ação em que alguns alunos eram tomados como afilhados: aqueles mais carentes de recursos financeiros com o objetivo de inclusão. A principal base de troca era a participação ativa nas atividades que se identificavam nas suas habilidades e competências para agregar na construção do evento. Assim, todos podiam participar, inclusive os pais. Muitos ofereciam seus serviços para colaborar com a organização do evento na escola.

Todo adolescente sente a necessidade do protagonismo. Um sentimento saudável no desenvolvimento de sua subjetividade. O prestígio deve ser regado com responsabilidade para não ser transformado em condição de superioridade negativa. Nesse sentido, a quantidade de capital cultural que os indivíduos herdam é uma condição que influencia no meio social, bem como no meio escolar.

Certa feita, os alunos que eram oriundos da escola pública ao entrar em uma loja de trajes de fantasia para escolher os figurinos para a apresentação do tema de uma determinada edição do baile literário, encontraram com alunos de um tradicional colégio da rede particular, situado no centro da Cidade de Salvador, na mesma loja com o mesmo objetivo. Coincidentemente, procuravam o mesmo tema de figurino. Aquela situação deixou os alunos em êxtase.

Sentiram-se no mesmo patamar de alunos da rede particular. Com o ego inflado, eles desfilavam pela loja, felizes e exaltados, por estar vivendo aquele momento. Uma espécie de disputa pairava no ar, afinal escolha tinha sido feita antecipadamente e as fantasias mais procuradas encontravam-se com eles.

Em outro momento, esta mesma satisfação fez-se presente na face dos alunos. Todos estavam num hotel da orla de Salvador para uma apresentação num encontro institucional promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Radiantes, eles ocupavam o hotel fazendo valer aquela visibilidade que ia além do ambiente que costumavam circular.

Promover estes momentos é acalentador considerando que muitos alunos, oriundos de comunidades periféricas, nunca tiveram a oportunidade de certas vivências, desconhecem uma sala de cinema, um teatro, um museu. Na verdade, é possível afirmar que é uma trama injusta levar em consideração tal condição para obter sucesso escolar, por isso, é preciso atentar para as desigualdades perpetuadas no sistema educacional. Como constituir uma sociedade justa onde ainda é possível ver crianças e adolescentes privados de alimentação, ensino de qualidade, lazer, cultura, livros, impedidos de sonhar, projetar-se como sujeitos promissores? Desolador saber que o analfabetismo ainda faz parte do cenário brasileiro, das dificuldades que levam crianças, adolescentes e jovens a desistirem dos estudos.

Quando a escritora Conceição Evaristo em um de seus depoimentos sobre sua trajetória como estudante da rede pública revela que: “Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres”, reforça a teoria de Bourdieu de que é preciso reduzir essa desigualdade no interior das escolas. Anular os movimentos e as necessidades dos educandos é um erro. Falas e silêncios matam.

Neste sentido, em cada edição do projeto, existia uma preocupação em trabalhar questões sociais reverberadas no cotidiano dos estudantes. Em cada tema escolhido para ser encenado, a identificação com os personagens se entrelaçavam naquilo que eles destacavam nas relações interpessoais, nos seus medos, traumas e desejos.

1.1.2. Gestão Escolar: Desafios cotidianos

Sabemos que a história da educação no Brasil sempre se apresentou cheia de lacunas que, infelizmente, se perpetuam com os índices indesejáveis no sistema educacional há várias décadas. Para que haja o crescimento social, político e econômico de uma nação é preciso educar seu povo, no entanto, quando, neste setor, há um negligenciamento, evidencia-se que as lutas travadas para a formação de uma sociedade desenvolvida se perdem, causando um retrocesso nefasto que impede que os indivíduos vivam com dignidade e tenham um tratamento equitativo.

A primeira década do segundo milênio foi marcada por uma forte política assistencialista que visou tirar a maior parte da população do quadro de subdesenvolvimento humano. Foram criadas várias frentes de políticas públicas e sociais, atendendo diversas categorias de indivíduos, com uma função restaurativa necessária. É importante destacar que a educação não é a solução mais imediata para os problemas de pobreza e desigualdade no Brasil. Exige um suporte em longo prazo, no entanto, sempre será uma das mais importantes alternativas política e social para que o povo consiga transformar sua realidade, seja respeitado e viva com dignidade.

Com a ampliação do acesso ao ensino superior para as populações mais vulneráveis, amparadas pelo sistema de cotas para os negros e para os indígenas, bem como a exigência de matrícula e frequência dos alunos na escola, como condição de garantia do recebimento, pelas mães, do benefício do bolsa família, houve um grande saldo positivo na vida dos brasileiros, possibilitando oportunidades, antes, tão distantes. No entanto, é preciso que sejam avaliados os dois lados da moeda: a qualidade do ensino, o suporte na gestão administrativa e pedagógica das escolas, a valorização dos profissionais da educação, a manutenção dos educandos no ciclo da vida escolar diante da falta de emprego. Cabe à sociedade exigir do poder público medidas que promovam a política familiar e estimulem seus membros a vencerem a pobreza através de estratégias para construção de um projeto de vida.

Por muito tempo, as escolas públicas brasileiras estiveram em condições de total abandono em diversas regiões, principalmente nos interiores dos estados. A regeneração veio acontecendo de forma lenta, em pautas de muitas agendas internacionais, levantadas sobre a importância da educação escolar como elemento impulsionador do desenvolvimento econômico e social das nações.

Atendendo a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96 - (LDB), as políticas educacionais criaram medidas para a formação de uma nova escola que fosse além da socialização dos alunos. A criação de uma nova escola com todos os incrementos que favorecesse a qualidade pedagógica, conseqüentemente, um ensino de qualidade exigia novos processos na forma de gestar o corpo docente e discente das unidades escolares. Traçava-se o caminho da gestão democrática e participativa, envolvendo pais alunos e comunidade local para um corpo administrativo inovador. Destacou-se não só pela transmissão da aprendizagem, mas também pelo compromisso em contribuir na formação de futuros profissionais aptos para lidar com as inovações no mercado de trabalho, pois

[...] O direito de todos à educação está estabelecido tanto na Constituição Federal de 1988 quanto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), sendo um dever do Estado e da família promovê-la. A finalidade da educação é o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho (NASCIMENTO,2005).

Exercer a função de um dirigente de escola pública representa um desafio diário diante das inúmeras demandas a serem administradas, na maioria das vezes, com decisões vinculadas às leis, tornando-se, portanto, uma administração limitada, com poucas opções para agir discricionariamente. Ressalte-se que assim foi preciso pelos recorrentes fatos de desvios de verbas ocorridos em muitas escolas brasileiras. A gestão democrática e participativa exige uma profunda reflexão sobre sua natureza, suas possibilidades e seus limites.

Anísio Teixeira (1961), um dos pioneiros nos estudos sobre administração escolar no país, já sinalizava a necessidade da autonomia dos gestores

escolares. A necessidade de se observar aquele professor que tivesse uma melhor habilidade com tomadas de decisões de cunho administrativo para que pudesse assumir o posto de diretor da unidade escolar. Na sua concepção, uma escola tem as mesmas necessidades de gerenciamento e setores de uma empresa. São compostas por supervisão, coordenação, secretaria e direção nas suas formas de organização e funcionamento como as instituições sociais.

Um dos maiores entraves enfrentados pelos gestores de escolas está em torno das limitações que torna controversa o poder de autonomia, base da gestão democrática. Na realidade, os diretores da escola pública encontram-se reféns das determinações dos técnicos das secretarias de educação, que, muitas vezes, é fortemente contestada pela comunidade escolar. Quem se encontra na função de diretor escolar lida com diversas demandas que torna o seu trabalho, muitas vezes, insustentável. São professores, pais e alunos insatisfeitos com uma série de problemas que exigem uma decisão dos diretores e estes se encontram de mãos atadas para resolução.

O reordenamento da rede escolar pública, por exemplo, representa uma pedra no meio do caminho do corpo docente e discente das escolas. Uma situação extremamente desestimulante que circunda nosso cotidiano por todo ano letivo. Nas últimas duas décadas, percebe-se um estranho esvaziamento nas escolas e, conseqüentemente, vem provocando a extinção de muitas escolas. Docentes e discentes lidam com a incerteza da continuidade na unidade escolar; se a escola será fechada ou não; se haverá a continuidade das turmas de origem, geralmente um dos maiores desejos da comunidade local. Um verdadeiro drama para os alunos que finalizam o Ensino Fundamental II e têm o desejo de continuar na mesma unidade escolar. No entanto, vivenciamos a forma arbitrária das determinações que são impostas, de cima para baixo, sem ouvir o desejo da comunidade local.

Muitas escolas são fechadas, turmas dizimadas, causando um transtorno para todos os interessados. Fato que deveria ser bem analisado pelos setores responsáveis da Secretaria de Educação do Estado e do Município, tendo em vista que muitas escolas oferecem a segurança e a credibilidade que os pais e alunos procuram para que o tempo escolar possa ser cumprido com tranquilidade. As tomadas de decisões setoriais dos técnicos da educação, na

maioria das vezes, são determinadas de forma fria e taxativa, o que muito desmotiva os gestores que trabalham e organizam o ano letivo escolar com esmero e, no entanto, veem todo seu esforço descartado, sem ao menos serem ouvidos nas demandas do corpo escolar.

Por fim, gestar atendendo os protocolos administrativos exigidos ao mesmo tempo em que busca-se criar um Projeto Político Pedagógico humanizado, alinhado com a realidade da comunidade escolar e elaborar um Regimento Escolar que traga respaldo para as ações necessárias para um bom andamento no cotidiano da unidade escolar, requer um esforço que vai além do simples cumprir demandas.

Há um confronto com aquilo que defende Anísio Teixeira (1961)¹ que

[...] As escolas só voltarão a ser vivas, progressivas, conscientes e humanas, quando se libertarem de todas as centralizações impostas, quando seu professorado e pessoal a ela pertencerem, em quadros próprios da escola, constituindo seu corpo de ação e direção, participando de todas as suas decisões e assumindo todas as responsabilidades.

Pergunta-se então: Como possibilitar o respeito devido para a escola pública brasileira? Como fortalecer a esperança nos educandos e discentes diante das mudanças contemporâneas que acompanham a trajetória da educação brasileira, ao mesmo tempo em que as injustiças sociais permanecem presentes no interior das escolas? São muitos os deveres que surgem e, vale destacar, que são cumpridos por aqueles que devem se submeter, por outro lado, os direitos dos profissionais da educação são retirados e desrespeitados ao longo do tempo. Um sucateamento constante em prol de jogos políticos e da condição econômica do país. É mais fácil retirar da pasta da educação do que revisar interesses de outros segmentos.

¹<http://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/artigos/Carvalho.html>

1.2. BAILA COMIGO

“[...] de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família”
(MONTANDON E PERRENOUD, 1987:7).

Promover o engajamento entre família e escola é um convite necessário para que sejam construídas ações que favoreçam o tempo escolar dos educandos. Família é o alicerce básico e universal das sociedades. Nela há um sistema de relações que se manifesta em apreciações e preconceitos, ideais,

sonhos e realizações. Pode-se dizer que é importante organismo ético, moral, religioso e social, no entanto, encontrar a perfeita definição é uma tarefa complexa e arriscada.

Segundo Cristina Bruschini (1989), socióloga e pesquisadora, os conceitos trazidos por diversas teorias transitam entre traços, ora pontuais e limitados, ora dinâmicos, defendidos no campo da Sociologia, Antropologia e da Psicologia. Os dados obtidos através de suas pesquisas com grupos familiares margeiam entre uma diversidade de conceitos que, segundo a autora, convergem para um ponto em comum.

Segundo ela,

[...] a família é a referência fundamental de todos os indivíduos entrevistados. É possível desta maneira concluir que mesmo quando muda a forma, a família continua firme. Transforma-se o arranjo da casa e do cotidiano, alteram-se as relações entre os sexos e as gerações, mas as pessoas continuam à procura da vida familiar, seja porque, simplesmente, é difícil libertar-se de todas as formas de vida cotidiana, sem perder a segurança (Heller, 1982), seja porque, como afirma (Hartmann, 1981) a força e a persistência da família encontram-se precisamente em sua natureza dual e contraditória: ao mesmo tempo que nela existe o conflito, há também interdependência e unidade entre seus membros, que querem manter preservado este espaço de relativa autonomia e decisão (BRUSCHINI, 1989).

Ao longo da história, as diversas configurações marcam a necessidade de incessantes estudos em torno das teorias de aspectos multidisciplinares que firmam o grupo social da família como fundamental no desenvolvimento dos indivíduos.

O relacionamento entre os membros de uma família deve ser benéfico, ampliando a base de apoio, oferecendo auxílio e encorajamento mútuos, e estabelecendo os valores devidos para se obter uma vida em família saudável.

1.2.1. Escola e Família: juntos somos mais fortes

O significado da relação familiar vem se modificando na atualidade, sem marco, sem lastro, sem sentido nos diversos contextos, porém muito mais notado

nos cenários marcados por situações de vulnerabilidade que afetam diretamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O diálogo entre pais e filhos, condição essencial para o fortalecimento da confiança entre os pares vem sendo subtraído por circunstâncias que tomam a maior parte do tempo e da atenção, a exemplo, o desemprego que afeta a saúde mental e física, pais separados, mães solo, além de outras interferências que afetam crianças e adolescentes. A instituição familiar traz, no seu bojo, importante legado para os sujeitos: o capital social e cultural que são gerados entre os membros. Estes, quando negligenciados, causam um descompasso na orientação da vida.

“A criança dá passos de maturidade quando, acompanhada pelos pais tem a possibilidade de enfrentar esses limites como desafios que exigem esforço para superá-los ou, caso sejam invencíveis, para aceitá-los”, assim afirma Jean Piaget (1987). A bagagem que o aluno traz como fonte de investimento familiar e o capital informacional são fundamentais para o sucesso escolar e devem ser considerados pela escola como uma potente ferramenta no processo ensino-aprendizagem.

É preciso que haja uma mudança no olhar da sociedade e que esta passe a compreender que os jovens, em situação de vulnerabilidade, merecem ser ensinados a sonhar. Em circunstâncias adversas e complexas, crianças e adolescentes, que se encontram nas comunidades mais pobres e marginalizadas, têm suas infâncias sequestradas pela necessidade da sobrevivência. Muitos começam a trabalhar mais cedo para ajudar os pais no sustento da casa, encaram a escola, quando podem frequentar, como um espaço passageiro na busca do conhecimento instrumental, tendo como objetivo a possibilidade de um emprego mais imediato.

Poucos adolescentes se projetam no futuro como jovens promissores. Os pais têm dificuldades na construção conjunta dos sonhos porque também a eles não lhes fora dada essa oportunidade. Tudo se faz mais imediato, é urgente sobreviver.

Para o sociólogo francês, François Singly (2007), há um enfraquecimento da família relacionada à reprodução, aos cuidados materiais e à transmissão da herança. Em seus estudos, com bases em pesquisa demográfica da população francesa, foi possível analisar as mudanças contemporâneas sofridas pela

família. No livro “Sociologia da Família Contemporânea”, o autor reforça a linha teórica de Bourdieu (1996) e de Áries (1981) ao analisar a relação Estado, família e escola. De um lado, a perspectiva da apreensão do capital, social, cultural e escolar na sociedade contemporânea e, do outro, os valores educativos que norteiam as relações familiares modernas.

Conforme aponta Souza (2008), baseada nas análises de Syngly (2007) sobre individualização das relações familiares,

[...] Ao longo das últimas décadas o debate sobre a crise da família, no Ocidente, foi propiciado pelos efeitos da generalizada aceitação social do divórcio, do declínio da instituição do casamento e da baixa taxa de fecundidade. O surgimento de novos modelos familiares, caracterizados, por sua vez, pelas mudanças nas relações entre os sexos e as gerações, tais como: controle mais intenso da natalidade, autonomia relativa da sexualidade referente à esfera conjugal (posto que o exercício da atividade sexual deixa de estar circunscrito à esfera do matrimônio), inserção massiva da mulher no mercado de trabalho, questionamento da autoridade paternal, atenção ao desenvolvimento das necessidades infantis e dos idosos, entre outras.

Do modelo patriarcal europeu até os arranjos familiares contemporâneos, a família sofreu consideráveis mudanças com a constante intervenção do Estado, que carecem de permanentes análises. Do pai unicamente provedor e da mãe como dona de casa e responsável pela educação dos filhos muita coisa se transformou. Estatisticamente marcado, hoje, boa parte dos lares são liderados por mulheres que trabalham e assumem as despesas financeiras bem como a responsabilidade pela educação dos filhos. Vale destacar também a intervenção do estado garantindo o direito de proteção à criança e ao adolescente.

Bonfenbrenner (2002, p.7) afirma que

[...] o desenvolvimento humano é um produto da interpretação entre o organismo humano em crescimento e seu ambiente. A capacidade de um ambiente - tal como um lar, a escola ou local de trabalho - de funcionar efetivamente como um contexto para o desenvolvimento é vista como dependendo da existência e natureza das interconexões sociais entre os ambientes, incluindo a participação conjunta, a comunicação e a existência de informações em cada ambiente a respeito do outro.

Partindo desse ponto de vista, é que se observa a necessidade de um aparato social nas relações familiares contemporâneas para formação dos sujeitos. Espaço que espera-se ver a soma de afetos, solidariedade, suporte emocional, coletividades, valorização do outro. O sentimento de pertença que garante aos indivíduos o significado da vida e a fluidez das relações. A família é [...] um recurso sem o qual a sociedade, da forma como está organizada atualmente entraria em colapso, caso fosse obrigada a assumir tarefas que são desempenhadas de forma melhor e a custo menor por elas” (PETRINI e DIAS,2015).

Já faz parte do cenário político usar a família como plataforma de sustentação de ações políticas embutidas de “benesses”. Estas merecem um olhar analítico sobre os recursos temporários advindos de projetos de combate à pobreza, à desigualdade social e de combate à violência. Aqui cabe o seguinte questionamento: Até que ponto essas políticas de auxílio financeiro, temporário, demarcados por períodos eleitoreiros, realmente sustentam, organizam e fortalecem as relações familiares colocando-as como protagonistas no cenário social?

A falta de políticas públicas para a juventude é um fato que vem preocupando a esfera educacional e, mesmo com todas as dificuldades, a escola vem fazendo a sua parte. Considerada como um espaço construtor de novas perspectivas para crianças e adolescentes que se valem dela para vencer as circunstâncias de muitas adversidades que enfrentam no cotidiano, a escola salva. Mais ainda, quando a família entra em cena, o suporte se torna mais viável e eficaz para colaborar com o sucesso escolar dos educandos.

1.2.2. Relação família-escola: encontros e desencontros

A autonomia e a socialização da criança estão relacionadas com os cuidados, com os estudos e com a proteção recebida da família. Assim, cumpre afirmar que a família e a escola são essenciais para o desenvolvimento do ser humano. A legislação brasileira conceitua a educação bem como seu objetivo

centrado no desenvolvimento do aluno através do artigo 205 da Constituição Federal-CF/88:

A educação dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2009, p. 151).

Pode-se entender que a família é a base das relações humanas. Desta forma, a sociedade precisa compreender que

[...] não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais, mas um leque potencial indefinido, enquanto a família é uma relação social plena, ou seja, um 'fenômeno social total' [...] que implica todas as dimensões da existência humana (DONATI, 2008, p. 19).

A família como instrumento de desenvolvimento pessoal deve preparar as crianças para serem cidadãos e contribuir na reprodução do sistema social de cada membro desta célula. O relacionamento entre seus membros deve ser benéfico, ampliando a base de apoio, oferecendo auxílio e encorajamento mútuos, estabelecendo os valores devidos para se obter uma vida saudável.

Cabe salientar que tanto o pai quanto a mãe, almejando e tendo requisitos morais e psicológicos, precisam estar presentes no processo de formação do filho e estão em igualdade de disposição para desempenhar essa *incumbência* especialmente frente aos comandos constitucionais de igualdade previstos na Constituição da República do Brasil de 1988, no Art. 5º, inciso I, e no Art. 226, §5º:

Art. 5º

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Art. 226

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

A escola precisa estudar e desenvolver os valores humanos, promovendo a sensibilização dos sentimentos e a compreensão da vida, fazendo com que o

educando tenha atitudes conscientes de valorização de si mesmo e dos outros. O que se espera na educação é a liberdade de participação livre e crítica dos educandos, que sempre haja humanização do homem e que este seja o sujeito e não o objeto. Neste contexto, espera-se que possa haver uma análise crítica da realidade, uma conscientização, uma relação entre sujeitos sem dominação, em que todos criem e recriem, como defende Freire (2021).

Entretanto, todo esse aprendizado deve ter como parceria a família que orientada e motivada possa colaborar e participar do programa educacional, promovendo, desta forma, uma interação maior com os educandos. Não se pode entender a escola apenas como um espaço para procedimentos metodológicos e didáticos fechados e que não atenda aos novos anseios da juventude, mas, sobretudo, que fomente uma aquisição de conhecimentos que forme o indivíduo enquanto ser cultural e histórico inserido no seu espaço social visando, uma aprendizagem eficaz que alcance os novos critérios que vêm surgindo por meio de documentos educacionais, pois, segundo Bourdieu (2014, p.58) “o conjunto de características da carreira escolar, as seções ou os estabelecimentos, são indícios da influência direta do meio familiar, que eles traduzem na lógica propriamente escolar”.

Na atualidade, o indivíduo, como afirma Silva (2007), “[...] vive cercado de desigualdades, onde crianças estão tolhidas de seus direitos. Diante dessa desigualdade, estas são impulsionadas a trabalhar e ajudar em casa, deixando a escola como opção de segundo plano”. É notória a vulnerabilidade que se encontra a família, cuja situação precária denota em um abandono do menor em relação ao seu direito à educação. Ainda segundo o mesmo autor, “as populações atingem um elevado grau de vulnerabilidade que não podem ter a capacidade de escolher ou negar aquilo que lhes é oferecido” (SILVA, 2007, p. 3).

É sabido que o núcleo familiar, quando vulnerável, tem apresentado uma influência negativa no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar. Atrela-se a tal conjuntura, complicações como: separação, divórcio, viuvez, desemprego, endividamento e falência. São circunstâncias que tendem ao negligenciamento e ao apoio aos filhos para que estes tenham um bom desempenho escolar. É importante que a família recupere seu papel e o resgate

da dignidade humana e da estabilidade afetiva dentro das mudanças vertiginosas que constituem o ambiente da convivência cotidiana nas famílias e na sociedade contemporânea (BERMAM,1988).

Muitos autores defendem a ideia de que o meio influencia o desenvolvimento e a aprendizagem infantil, desse modo, convém ressaltar que, para Vygotsky (2007), “não se pode negar a relação entre desenvolvimento humano e ambiente, sendo que criança e ambiente influenciam-se mutuamente”.

De acordo com Rapoport e Sarmiento (2009),

[...] crianças que crescem em ambientes adversos, que assistem e padecem de práticas violentas em família, com pouco estímulo por parte dos pais, propende a ter seu desenvolvimento afetado e a serem persuadidas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes subordina.

Diante da desvalorização da educação, tem-se uma realidade em que os pais não compreendem a sua importância, trazendo como consequência um fracasso no desempenho escolar da criança. Em consonância com tal situação, estão os problemas culturais e econômicos, bem como as drogas e a criminalidade, entre outras tantas dificuldades, como afirmam Ferreira e Maturano (2002).

É fato que a questão da responsabilidade da família com a formação e a educação escolar dos filhos é um desafio muito complexo, uma vez que as famílias brasileiras apresentam suas diversidades. A complexidade desta abordagem perpassa pelos inúmeros contextos vulneráveis em que estão inseridas, os quais vão desde os seus contextos sociais, econômicos, geográficos, éticos e morais até os religiosos.

De acordo com Pereira; Santos; Williams (2009), muitos pais não reconhecem, na escola, uma chance de ascensão social, deste modo, não impulsionam seus filhos a aplicarem-se aos estudos e isso se deve ao fato de muitos dos pais ou responsáveis por essas crianças apresentarem baixa escolaridade. Os pais, na sua maioria, passaram por dificuldades também na escola quando criança. Estes, tornaram-se vítimas de uma sociedade que negou oportunidades a todos que viviam em condições humanamente precárias.

Compreender o que está por trás da evasão escolar é fundamental para traçar estratégias que possibilitem o resgate dos educandos para a sala de aula. A busca ativa é uma das medidas que muitas unidades escolares encontram para trazer aqueles alunos que se matriculam e aparecem esporadicamente na escola.

O diálogo com os pais, quando possível, sinaliza realidades complexas, que exigem um novo olhar e medidas pedagógicas que possam acolher as crianças na tentativa de mantê-las na escola. Tarefa difícil quando estamos falando de família em condições de extrema pobreza, de casos em que as crianças e os adolescentes são facilmente captadas pelo tráfico e que extrapolam todo poder que a escola possa oferecer para sanar tamanho prejuízo. O que fazer para resgatar aquele aluno que está diariamente nas sinaleiras da cidade vendendo algum produto para obter a renda do sustento do dia? Situação do cotidiano visível aos olhos de muitos professores que se deparam com a sensação de que a educação não está alcançando a todos como deveria.

Mudam-se as práticas pedagógicas e o sistema de avaliação, criam-se novas modalidades de ensino, no entanto, se não houver a junção de forças – escola e família – o fortalecimento de políticas públicas por parte do governo que reduza o grau de pobreza das famílias, dando-lhes possibilidades de garantir aos filhos uma vida digna, conhecimentos educacionais que lhes conduzam na condição de cidadãos plenos de direitos, a população em idade escolar continuará fazendo parte dos números que negativam cada vez mais a educação brasileira.

A escola deve ser o espaço que promova o estímulo para fazer do conhecimento o caminho para mudar sua realidade. Que seja sempre um ambiente de acolhimento, com professores capazes de percebê-los como agentes de transformação e lhe oportunizem a plena participação nas atividades disciplinares.

É sabido que o descumprimento por parte dos pais e responsáveis dos deveres pertinentes à educação dos filhos é indesculpável, assim, faz incidir as medidas previstas no artigo 129 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) :

Art. 129. São medidas aplicáveis aos pais ou responsável:

[...]

V – obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar;

VI – obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado;

VII – advertência;

VIII - perda da guarda;

IX – destituição da tutela;

X – suspensão ou destituição do poder familiar;

Cumpra também lembrar o crime de abandono intelectual, punido com detenção de 15 dias a um mês, ou multa conforme dita o art. 246 do Código Penal Brasileiro.

Art. 246 - Deixar, sem justa causa, de prover à instrução primária de filho em idade escolar: Pena - detenção, de quinze dias a um mês, ou multa.

Diante desse contexto, cabe à família o compromisso de educar as crianças, mesmo perante a situações atribuladas em que se deparam grande parte das famílias que vivem em circunstância de vulnerabilidade social. É procedente comentar que a dificuldade de aprendizagem também se encontra em vários fatores como: fome, desmotivação, cansaço, problemas pessoais, saúde precária, que intervêm na aprendizagem e atrasam no desenvolvimento do aluno, muitas vezes acentuado também pela dificuldade e pela falta de comunicação por parte da escola. Neste sentido, o que temos é um enfrentamento constante, uma vez que os membros da família responsáveis pelos filhos precisam trabalhar fora, além de cuidar da casa e conduzi-los no processo educativo.

A aprendizagem

[...] envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas, quanto mentais e afetivas, isto significa que aprendizagem não pode ser considerada somente como um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou

emocionais, pois todos estes são aspectos necessários (CAMPOS, 1983, p. 33).

Faz-se necessário mencionar que cabe à família resguardar a dignidade de seus filhos, pois “é uma qualidade moral que o capacita de forma racional, permitindo ter consciência de sua própria existência, cujo livre arbítrio o fará escolher e seguir seu destino” (ALVIM, 2010). Vale ressaltar que é um princípio constitucional, como estabelece o artigo 1º, inciso III da Constituição Federal 1988.

Nesse contexto, há de se observar o princípio da prioridade absoluta que tem por objetivo a proteção integral dos menores, conforme preceitua a Constituição Federal, em seu artigo 227 e no artigo 4º do ECA, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (CRFB,1988)

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA, 1990).

O acesso à educação contribui para que este tenha autonomia e consciência de suas buscas e conquistas. Através do ensino, a criança e o adolescente ampliam e conhecem diversas formas de consciência que são adequadas para inseri-los na vida social, permitindo que estes compreendam e interajam com o mundo, assim o ECA, no Art. 58, estabelece que [...]

No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura (BRASIL,2013).

Assim como dispõe a Constituição Federal, o ECA também situa que a educação não se trata só de uma obrigação do Estado, “[...]é também comprometimento dos pais garantirem o ensino e matricular a criança ou o jovem na escola de ensino primário” (BRASIL,2013). Compreende-se que para a aprendizagem ocorrer de forma eficaz, faz-se necessário que o aluno esteja com boa saúde física e mental. Se há uma ausência de motivação, maturidade, inteligência e afetividade, bem como inadequação pedagógica, provavelmente haverá falha nessa assimilação de conhecimento.

A educação torna-se um desafio em que família e escola juntas precisam encontrar novas estratégias, a fim de consolidar os objetivos de uma educação emancipadora e não conservadora, conforme os ensinamentos de Bourdieu e Passeron (2006), uma educação que permita

[...] de forma democrática ao maior número possível de indivíduos a aquisição no menor tempo possível, da forma mais completa e perfeitamente possível, o maior número possível das competências que conformam a cultura educacional em um momento dado (BOURDIEU e PASSERON, 2006, p.113).

Podendo assim ser possível vislumbrar o desmonte das desigualdades sociais na educação escolar.

1.2.3. Família em cena

A perspectiva de uma educação escolar de qualidade perpassa por entender a trajetória da educação pública no Brasil, na qual as desigualdades sociais no contexto escolar, assim como a relação escola-família sempre fizeram parte dos problemas em discussão.

A escola, no exercício de sua função de educar, proteger, ouvir, promover o diálogo e o acolhimento aos educandos, necessita cada vez mais do apoio da família e da sociedade na construção de ações que atendam as demandas que pesam sob o seu chão.

Segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB),

[...] a educação escolar tem como objetivo, no ensino fundamental a formação básica do cidadão compreendida como:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.² (BRASIL, 1996)

Quando a questão é a relação escola - família, traz à tona uma complexa realidade que reverbera reflexões da sociologia da família e que alcança a esfera da Psicologia, bem como da Educação.

A rede familiar vem sofrendo mudanças sociais, resultando uma multiplicidade de estudos e leis que buscam compreender suas configurações, pois a família “[...]nunca foi considerada de maneira tão fluida, com contornos tão indefinidos, sendo diluída a sua identidade a ponto de poder desaparecer como grupo social/instituição com características próprias bem delineadas”, como afirmam Petrini e Dias (2015).

Neste sentido, também emerge um emaranhado de conflitos envolvendo os vínculos familiares, valores, funções de cada membro; questões de ordem econômica, múltiplas violências que são expressivas e chamam o Estado para intervir. E, por consequência, a escola é conclamada a fazer parte como instituição pacificadora, apta para promover práticas restaurativas.

O sistema escolar, dentro das suas limitações, recebe muitos alunos engendrados por uma infinidade de problemas oriundos do seu sistema familiar vulnerável e aqui não cabe culpabilizar o aluno. Infelizmente, ele é vítima, afetado no seu desempenho escolar, nas relações interpessoais, na construção de sua identidade como pessoa. Quando lhe falta o suporte de ambos os lados – família e escola -, se vê impedido de projetar-se na vida.

² Grifo nosso

O percurso trilhado no âmbito escolar é o ponto chave para compreender o que está por trás das condutas diárias dos educandos, considerando que idade, frequência, realização das tarefas, interação com os colegas, professores e funcionários revelam um suporte familiar robusto ou extremamente vulnerável.

Assim,

[...] Se, por um lado, não podemos desconsiderar a influência da situação socioeconômica, da violência, das mudanças de costumes sobre o comportamento e desempenho dos alunos, por outro, não podemos admitir que a escola se transforme numa agência de assistência social e negligencie sua função específica de zelar pela aprendizagem escolar (CASTRO; REGATTIERI, 2010. p. 13).

Neste sentido, a meta é colocar a família em cena, atuando junto à gestão escolar, além do colegiado escolar, formando assim, uma rede participativa, fortalecida nas suas funções deliberativas para enfrentamento dos conflitos que surgem ao longo do ano letivo nas unidades escolares. Escola e família compreendendo como um conjunto sistêmico em que todas as partes estão inseridas nas mudanças que acontecem na sociedade.

Em concordância com Polonia e Dessen (2005),

[...] Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. [...] A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade (POLONIA; DESSEN, 2005, p.304).

Desse modo, há uma lacuna na definição do quais seriam as boas relações no ambiente escolar, sendo necessário que cada ator da comunidade reflita individual e coletivamente sobre o que entendem enquanto relação-vínculo-envolvimento.

De acordo com Epstein, citado por Polônia e Dessen (2005), na relação entre família-escola, há cinco tipos de envolvimento:

Obrigações essenciais dos pais; Obrigações da escola; Envolvimento dos pais em atividade de colaboração, na escola; Envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento

escolar, em casa; Envolvimento dos pais em no projeto político da escola.

Em suma, os autores caracterizam o envolvimento apresentando as possíveis e necessárias relações que deverão se estabelecer na escola, contudo, essas demonstram caminhos possíveis e não estanques. Portanto, para a efetivação dos pressupostos supracitados, faz-se necessário que a escola acione os principais agentes responsáveis em fazer a conexão e convocação da família para a cena escolar. A Rede Estadual de Ensino da Bahia, a qual a escola *locus* dessa pesquisa pertence, possui em seu quadro do magistério, além dos professores, a figura do Coordenador Pedagógico.

De acordo com o Estatuto do Magistério Público do Estado da Bahia, são atribuições do Coordenador Pedagógico, dentre outras;

[...] XVIII - promover reuniões e encontros com os pais, visando a integração escola/família para promoção do sucesso escolar dos alunos;

XIX - estimular e apoiar a criação de Associações de Pais, de Grêmios Estudantis e outras que contribuam para o desenvolvimento e a qualidade da educação; (BAHIA, Lei nº 8261/2002).

Desse modo, evidencia-se que, na Rede Estadual de Ensino da Bahia, o Coordenador Pedagógico é o principal responsável em promover as relações entre a família e a escola, sendo assim, é de suma importância que todos os atores da comunidade escolar sejam corresponsáveis na promoção desse vínculo. Para isso, é preciso romper com o que tradicionalmente vem sendo a relação da escola-família, visto que, em muitos casos, essa só é convocada para ser comunicada dos eventuais problemas de conduta ou aprendizagem dos filhos, além das tradicionais reuniões de pais e mestres, que acabam restringindo-se ao repasse de informações e entrega de boletim com as notas da unidade.

Dessa forma, quando as relações são restritas a esses canais e a família é requisitada apenas para ouvir queixas, não há um verdadeiro vínculo entre a família-escola, devido à falta de participação efetiva. De modo que, ao fomentar relações saudáveis e cooperativas, os Coordenadores Pedagógicos podem lançar mão de práticas inovadoras e criativas para tornar as clássicas reuniões

em *locus* privilegiado para a construção do vínculo tão necessário. Uma potente estratégia, a exemplo, seria a apresentação dos projetos que estão sendo desenvolvidos pelos educandos, bem como a experiência de uma prática pedagógica bem sucedida que foi realizada no bimestre.

Faz-se relevante ressaltar que, ao se tratar de uma escola pública, entende-se que diversos fatores sociais, culturais e econômicos influenciam na adesão e na participação dos familiares nas reuniões de pais e mestres. Um dos principais motivos é a atividade laboral exercida, dado que, é sabido que estes não possuem a oportunidade de faltar o trabalho sob a justificativa da necessidade de acompanhar a vida escolar de seus pupilos. Reconhece-se, também, a problemática em marcar as reuniões em turnos diurnos, em horário comercial, restringindo ainda mais a participação nas reuniões.

Contudo, no século XXI, há diversos mecanismos que substituem a presencialidade e que podem facilitar e garantir que todos os familiares participem e integrem-se à comunidade escolar. Assim, uma reunião em modo híbrido, onde há a participação presencial e virtual, através de recursos digitais como o *Google Meet*, poderia solucionar o contratempo daqueles que não puderem participar presencialmente. Dessa forma, evidencia-se que muitos problemas permanecem devido à falta de abertura ao novo, à busca de soluções criativas e ao medo de romper com as práticas arcaicas.

Evidentemente, não apenas questões práticas da vida cotidiana impedem a participação do familiar na vida escolar do educando, mas também a sua subjetividade no que tange a educação, a partir da sua história de vida, uma vez que “[...]Os conflitos e limitações na sua participação podem ser produtos de sua imagem negativa como pais, de sua própria experiência escolar ou de um sentimento de inadequação em relação à aprendizagem”, como afirmam Polônia e Dessen(2005, p.306).

Nessa perspectiva, as relações entre a escola-família passam por encontros e (des)encontros, pois são instituições sociais que disputam interesses que ora são convergentes, ora divergentes. Corroborando com esse pensamento, Lima e Chapadeiro (2015) situam os problemas na comunicação, bem como a responsabilização dos pais pelos problemas de aprendizagem dos estudantes, como exemplos de (des)encontros. A culpabilização também pode

ocorrer por parte dos pais, buscando, na equipe docente e na gestão escolar, a resposta para as dificuldades que os filhos vêm enfrentando.

No entanto, essas posturas culpabilizantes nada colaboram para o avanço na qualidade da educação ofertada pela escola, não encontrando soluções para as problemáticas apresentadas e prejudicando o educando, este que deveria ser o principal sujeito das discussões. A família e a escola “[...]emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”, como afirmam Polonia e Dessen (2007, p.22),

Portanto, é necessário que o projeto pedagógico da escola seja construído coletivamente, neste caso, em especial, com a participação da família. O objetivo educacional precisa ser de conhecimento de todos, bem como a visão de homem que a escola pretende formar. Vale-se rememorar que, de acordo com a LDB (1996), “[...] a educação é dever da família e do Estado, portanto, trata-se de uma relação de troca mútua, e não unilateral”.

Outrossim, o Estatuto do Magistério da Bahia (2002), no artigo VI, traz como atribuição do Coordenador Pedagógico “[...]estimular, articular e participar da elaboração de projetos especiais junto à comunidade escolar”, portanto, ações educativas através de projetos poderão colaborar com a criação de vínculos em toda comunidade escolar. Em especial, na Bahia, as Festas Juninas costumam ser uma ótima oportunidade de trazer a família para dentro da escola, tendo um objetivo em comum, como a arrecadação de fundos para a compra de materiais didáticos ou melhorias necessárias para o bem comum de todos.

Além disso, de acordo com o Estatuto do Magistério, a coordenação deve estimular a criação da Associação de Pais, este órgão de participação que colabora com a Gestão Democrática. Outra forma de composição desse órgão é a Associação de Pais e Mestres, sendo composta por responsáveis dos estudantes e por professores da unidade escolar, constituindo-se uma forma de participação organizada e formal.

Percebe-se, então, que há diversos mecanismos e estratégias para a convocação da família para a cena escolar, buscando-se a superação das

práticas de culpabilização dos problemas enfrentados no cotidiano escolar, em que ambas as partes procuravam os culpados. Na literatura educacional, há um consenso sobre a importância da relação dessas instituições, sendo um desafio para cada unidade escolar escolher as estratégias que melhor se adequem ao seu contexto sociocultural.

1.3. NOS BAILES DA VIDA

[...] com a roupa encharcada, a alma
Repleta de chão
Todo artista tem de ir aonde o povo está
Se foi assim, assim será
Cantando me disfarço e não me canso
De viver nem de cantar[...] (Milton Nascimento)

O desafio é permanente em tornar o sistema educacional brasileiro eficaz com a capacidade de reduzir o analfabetismo, bem como a evasão escolar, antes já existentes e acionados nas pautas de muitas políticas públicas educacionais, devido aos gritantes números que já indicavam falhas nos caminhos até então seguidos, mesmo com os avanços alcançados que não podem ser invalidados.

Com a crise pandêmica, a defasagem na trajetória escolar dos estudantes indica um caminho ainda mais tortuoso e encontrar a trilha certa para solucionar as desigualdades que interferem no sucesso escolar continua sendo um grande

desafio. Como creditar aos nossos educandos tempo para sonhar com um futuro promissor através da educação?

1.3.1. Trilhando por linhas certas e incertas

Apesar da redução das taxas de analfabetismo no Brasil nas duas últimas décadas, ainda temos milhões de brasileiros sem ler e escrever. O índice atual de analfabetismo no país é quatro vezes maior do que em 2018. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 14.194.397 de pessoas que não sabem ler, escrever ou realizar as operações básicas de Matemática. No ano de 2014, eram cerca de 11 milhões. Em 2018, era de 6,8% e passou para 6,6%, em 2019, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação. O cenário ainda é devastador no quesito desigualdades educacionais.

De acordo com a Agência Brasil (2020),

[...] além das diferenças entre as idades, o levantamento mostra que existem desigualdades raciais e regionais na alfabetização no Brasil. Em relação aos brancos, a taxa de analfabetismo é 3,6% entre aqueles com 15 anos ou mais. No que se refere à população preta e parda, segundo os critérios do IBGE, essa taxa é 8,9%. A diferença aumenta entre aqueles com 60 anos ou mais. Enquanto 9,5% dos brancos não sabem ler ou escrever, entre os pretos e pardos, esse percentual é cerca de três vezes maior: 27,1%.

No ano de 2014, foi traçada uma meta por meio do Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 13.005/2014, para redução das taxas desde o ensino infantil até o ensino superior visando chegar em 2024 com índice zero de analfabetismo. Lamentavelmente o desejado não aconteceu e, mudar esta realidade, ainda é uma pauta de muito estudo e engajamento nos vários seguimentos da sociedade.

Ao longo dos anos de 1990, foram várias as ações emergenciais inclusas nas políticas educacionais visando mudar essa realidade que afetava todas as regiões do Brasil. São vários os documentos criados por governos para remover a mancha provocada pelo clientelismo e as privatizações no solo brasileiro. A

busca pela redemocratização da educação era pauta de agendas nacionais e internacionais. A solução para colocar o país economicamente equilibrado e competitivo era promover educação de qualidade para seu povo, bem como reduzir as disparidades do rendimento educacional entre as regiões do país, pois

[...]Com 22% da população analfabeta e 38% somente com o primeiro segmento do ensino fundamental (antiga 4ª série), ou seja, 60% da população era muito desqualificada. A evasão escolar também era bastante expressiva: das 22 milhões de matrículas feitas em 1982, pouco mais de 3 milhões chegaram ao ensino médio em 1991 (SANTOS, 2010).

Com a participação de vários organismos governamentais e não-governamentais, houve uma mobilização para viabilizar meios eficientes e, assim, alcançar a mudança necessária e oportunizar possibilidades equitativas na formação educacional da população, principalmente no cumprimento dos ciclos das series iniciais. Vale destacar aqui alguns desses movimentos que passaram a regulamentar o sistema educacional do Brasil.

A Conferência Mundial de Educação para Todos de 1990, financiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pelo Banco Mundial e que teve como um de seus resultados o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003), contou com a presença de 155 governos que assumiram o compromisso de assegurar a educação básica de qualidade para todos. Nela, traçaram-se os rumos que a educação deveria tomar nos países classificados como E-9 - os nove países com os piores indicadores educacionais do mundo, dentre os quais, ao lado do Brasil, figuravam Bangladesh, China, Egito, Índia, Indonésia, México, Nigéria e Paquistão como afirmam Silva e Abreu, (2008)³.

E, neste cenário de mobilização, um importante documento educacional volta a ser rediscutido, a da Lei de Diretrizes e Bases que, na década de 40, seu teor já fazia parte dos debates em defesa de uma escola pública de qualidade.

³file:///C:/Users/Cliente/Downloads/12149-Texto%20do%20Artigo-37353-1-10-20091203.pdf

No dia 20 de dezembro de 1996, a Lei 9694/96 foi aprovada com novos ajustes elaborados pelo Senador Darcy Ribeiro.

Conforme as finalidades da LDB de criar uma escola fundamental e média com identidade, buscando formar alunos aptos para lidar com os desafios da sociedade contemporânea, cabe-nos refletir sobre as mudanças propostas no interior do documento, observando as possibilidades e os entraves encontrados ao longo da jornada pedagógica de cada unidade escolar nas suas devidas regiões do país. Apresentou também importantes mudanças na gestão das escolas, regulamentando a atuação dos profissionais da área, bem como gerenciamento dos recursos financeiros destinados à educação.

O documento permite a livre discussão, estudo, diálogo em torno das ações necessárias para que se cumpra o papel principal de fazer fluir o pensar e o saber no âmbito escolar. Seguindo assim, os quatro saberes propostos pela UNESCO, que funcionam como pilares da educação nas sociedades contemporâneas: “aprender a ser, conhecer, fazer e conviver com os outros”. Pilares estes que circundam o processo de aprendizagem significativa e que facilmente se encontra em conexão com os ensinamentos propostos pelo pedagogo Paulo Freire, um sábio letrador de pessoas, contemporaneamente presente nas entrelinhas do documento. Para assegurar o direito social à educação a todos os estudantes brasileiros, o documento apresenta várias emendas importantes para corresponder com as necessidades contemporâneas, além dos surgimentos de novos documentos legais.

O Ministério da Educação e do Desporto (MEC) publicou em 1997 e 1998, respectivamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1ª a 4ª séries (BRASIL. MEC, 1997) e de 5ª a 8ª séries (BRASIL. MEC, 1998), depois de ter divulgado Versão Preliminar do documento em 1995 (BRASIL. MEC, 1995).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais

[...]constituem o primeiro nível de concretização curricular. São uma referência nacional para o ensino fundamental; estabelecem uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação e do Desporto, tais como os projetos ligados à sua competência na formação inicial e continuada de professores, à análise e compra de livros e outros materiais didáticos e à avaliação nacional; têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e Municípios, dialogando com as propostas e

experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna das escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.

Os PCNs também possibilitaram ajustes e revisões ao longo do tempo para acompanhar as necessidades em consonância com a realidade social. Neste sentido, é que também se formulou no ano de 1999 os PCNs do Ensino Médio, tendo em 2002 novas propostas introduzidas. Coube ao Ministério da Educação promover um projeto de reforma do Ensino Médio, priorizando as ações na área da educação com base em uma política de desenvolvimento social. Isso foi necessário, já que a revolução da internet gerou mudanças radicais na área do conhecimento, estimulada pela incorporação das novas tecnologias. Para a formação do aluno do Ensino Médio, a exigência estava em torno da aquisição de conhecimentos básicos, preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.

A edição do PNE, lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, registrava novas metas a serem alcançadas até 2010 para o avanço positivo do sistema educacional estabelecendo a função e gestão dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

O PNE tem os seguintes objetivos:

A elevação global do nível de escolaridade da população; A melhoria da qualidade de ensino em todos os níveis; A redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso à escola pública e a permanência com sucesso, nela; A democratização da gestão do ensino público nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e da participação da comunidade escolar e local escolar em conselhos escolares e equivalentes. (LIBÂNEO, 2001, p.159).

O segundo PNE correspondente ao decênio 2011/2020, apresenta dez diretrizes objetivas e vinte metas com importantes estratégias específicas para a inclusão de minorias, como alunos com deficiência, indígenas, quilombolas, estudantes do campo e alunos em regime de liberdade assistida. Das vinte metas, pelo menos seis são iguais ou aumentaram um pouco os objetivos quando comparado com o PNE da década 2001/2010.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, PARECER CNE/CEB Nº: 7/2010 aprovado em 07 de abril de 2010, representa um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas e tem origem na LDB, de 1996, afirmando que é incumbência da União:

[...]estabelecer, em colaboração com os estados, Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum.

Além disso, as diretrizes têm como objetivo “orientar o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, norteando seus currículos e conteúdos mínimos”⁴. Por fim, fechando este breve histórico de alguns dos importantes documentos educacionais, em 22 de dezembro de 2017, foi publicada a resolução para regular a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento de caráter normativo que

[...] define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.

A BNCC também define as aprendizagens mínimas que todos os estudantes brasileiros, das redes públicas e privadas, têm direito. A construção deste documento tão importante passou por um longo percurso de embates e disputas sobre a concepção de educação que o Estado iria assumir.

⁴<https://todospelaeducacao.org.br/>.

Sabe-se que a desigualdade na educação brasileira acaba afetando os diversos aspectos existentes no funcionamento de uma escola, neste caso, o currículo. Dessa forma, a exemplo, o currículo do 3º ano do Ensino Médio de um colégio estadual de Salvador pode não ter os mesmos conteúdos de um colégio particular localizado no centro da cidade. A desigualdade pode ser dentro da própria rede estadual de ensino, entre os colégios interioranos mais remotos e, em nível macro, entre os estados brasileiros.

Vale ressaltar que a crítica não recai na autonomia das redes e sistemas de ensino, mas, no que tange as aprendizagens essenciais mínimas que todos os educandos possuem o direito inalienável. Busca-se, então, uma concepção de equidade na educação básica.

A Constituição Federal de 1988 apresentou a necessidade da criação de uma base para o ensino fundamental, esta que também se estendeu para a Educação Infantil e Ensino Médio, que, de acordo com o artigo 210, [...] “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

O texto da BNCC aponta a necessidade de que, além da formação básica comum, os currículos também deveriam assegurar a flexibilidade em relação ao contexto sociocultural dos educandos. Ainda hoje, sofre críticas por alguns teóricos que apontam que a diversidade presente no território brasileiro não é respeitada.

No entanto, vale ressaltar algo que é confundido por muitos trabalhadores da educação: que a BNCC não é o currículo propriamente dito, mas um documento obrigatório que guiará a construção dos currículos de cada estado, município, escola. Portanto, há a previsão das necessidades de cada local ser assegurado e respeitado.

Desse modo, afirma-se a necessidade de uma base comum, pois, segundo a BNCC (2017, p.8),

[...] Para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental.

Apesar da previsão desde a Constituição Federal, a primeira versão da BNCC é publicada apenas no ano de 2015 e, após diversas consultas públicas, a versão final é publicada em 2017, contemplando a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Finalmente, em 2018, é publicada a base do Ensino Médio, concretizando o que ficou conhecido por Novo Ensino Médio. Portanto, cada etapa é abordada com suas especificidades, assim, a BNCC não é vista por apenas uma ótica, como um único documento, visto que a Educação Básica possui 14 anos de educação obrigatória, dos 04 aos 17 anos.

Este documento apresenta alguns conceitos norteadores para o desenvolvimento da Educação Básica, especialmente, as competências e habilidades, em uma perspectiva de Educação Integral. A ideia de conduzir a educação por competências não é nova, diversos autores já a defendiam, e outros a criticavam, por entender ser uma aproximação ao tecnicismo.

A BNCC estabelece dez competências gerais que deverão ser desenvolvidas em toda a Educação Básica, em suas etapas e modalidades, definido competências como: [...] mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p.8)

Dessa forma, ao analisar a história da educação brasileira percebe-se que o ensino tradicional ainda está vigente, aquele focado na transmissão de informações, que não cabe mais no século XXI, na era da tecnologia e hiper conexões. Com isso, não se despreza a importância dos conhecimentos, mas, a necessidade de irmos além, é o que se estabelece com o conceito de competências assumido pela BNCC.

Portanto, as competências não devem ser trabalhadas de forma isolada, mas, em todas as disciplinas, levando em conta que uma competência pode se relacionar melhor com uma disciplina do que outra. De forma resumida, as competências propostas pela BNCC são: Conhecimento; Pensamento Científico, Crítico e Criativo; Repertório Cultural; Comunicação; Cultura Digital; Trabalho e

Projeto de Vida; Argumentação; Autoconhecimento e Autocuidado; Empatia e Cooperação; Responsabilidade e Cidadania.

As competências supracitadas, de caráter obrigatório, oportunizam aos educandos de todo Brasil uma matriz comum para a Educação Integral, esta que visa contemplar todas as potencialidades dos estudantes. No entanto, as desigualdades não desaparecem com a publicação de um documento, visto que a concretização desse modelo de educação necessita de uma série de investimentos, em especial, na formação de professores, isto que não vem acontecendo e é um dos pontos mais criticados por esses trabalhadores.

O ensino por áreas do conhecimento e não mais por disciplinas se concretiza na BNCC, com base no que já apresentava a LDB e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM). Deste modo, foram definidas 5 áreas do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a última, de caráter opcional, Formação técnica e profissional.

O Ensino Médio, especialmente, passou por uma reformulação conhecida como Novo Ensino Médio que acabou desvelando ainda mais a desigualdade na educação brasileira. As principais mudanças ocorreram na organização curricular por “Formação Geral Básica” e “Itinerários Formativos”, que traz como proposta teórica permitir que os estudantes possam optar, a partir de seus próprios interesses, qual a área que deseja seguir.

A proposta teórica dos Itinerários Formativos é que os estudantes tivessem uma parte flexível do currículo, o qual eles poderiam optar a partir dos seus próprios interesses. Então, de acordo com a BNCC, os Itinerários Formativos, seriam

[...] estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, pois possibilitam opções de escolha aos estudantes – podem ser estruturados com foco em uma área do conhecimento, na formação técnica e profissional ou, também, na mobilização de competências e habilidades de diferentes áreas, compondo itinerários integrados. (BRASIL, 2017, p.477)

Na prática, as escolas da rede pública não tiveram condições para ofertar uma multiplicidade de oportunidades pedagógicas, assim, concretizando um ensino ainda mais defasado, visto que, grande parte da reclamação do corpo docente foi em relação ao ensino de “disciplinas” que fugiam de suas formações acadêmicas e sem quaisquer referenciais para desenvolvê-las.

Outrossim, a BNCC até chegar a sua versão final, passou por uma série de versões com suas devidas alterações, uma das mudanças que chamou a atenção de diversos pesquisadores foi a omissão e supressão dos conceitos de gênero e sexualidade. Dessa forma, ao não nomear estas problemáticas, que são fonte das desigualdades sociais, estimula-se a ausência das temáticas no ambiente escolar, o que ocasiona uma série de transtornos dentro e fora da sala de aula. Assim, a invisibilidade dessas questões também é a invisibilização dos estudantes/sujeitos que são atravessados pela não-heteronormatividade.

Apoiada pela era das *Fake News*, que propagam falsas informações para uma massa da população, tendo apoio financeiro dos seus idealizadores, a desinformação acabou interferindo diretamente na construção curricular que visava o respeito aos direitos humanos e aos sujeitos que fogem do binarismo: homem e mulher cisgênero e a heterossexualidade. Apesar da ausência dos termos específicos, os professores encontram “brechas” para tratar da temática quando a BNCC fala em diversidade e em outros documentos educacionais, evidentemente, que isto não isenta a omissão.

Como dito anteriormente, a educação acontece através de uma série de embates em relação à concepção de Educação que o Estado deverá assumir, nesse sentido, após as diversas críticas ao Novo Ensino Médio, o governo sob comando do presidente Luiz Inácio Lula da Silva resolve atender, parcialmente, as súplicas dos trabalhadores da educação, suspendendo o cronograma de implementação através da portaria nº 627, de 4 de abril de 2023, sob a seguinte justificativa: “A portaria que suspende os processos tem como objetivo ampliar as discussões e debates acerca da aplicação dos novos modelos, reforçando o potencial benefício aos estudantes”.

Dessa forma, entende-se que os trabalhadores da educação foram parcialmente atendidos por serem ouvidos e convocados para um novo debate, apesar de que grande parte desses pediam a revogação do Novo Ensino Médio.

O processo de discussão ainda está em andamento, no entanto, a partir das declarações do atual Ministro da Educação, Camilo Santana, e do Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, o Ensino Médio não será revogado, mas, aperfeiçoado.

Espera-se que o conceito de construção coletiva e democrática seja efetivada nesta nova versão, pois muitos apontamentos e contribuições das universidades, dos pesquisadores, dos professores, dos alunos e da sociedade em geral foram abandonados nas versões anteriores.

Após essa breve contextualização dos documentos, que regem a educação brasileira, fica evidente um objetivo comum entre todos eles: a necessidade de acertar o prumo e constituir uma sociedade letrada com amplas possibilidades de participação dos jovens no crescimento econômico, tecnológico e social do país.

1.3.2. LER: verbo transitivo direto para vida

Ler e escrever continuam sendo uma condição precípua para minimamente dar ao cidadão condições de desenvolver-se na sociedade. A formação de um sujeito letrado representa um ato de liberdade. O processo de alfabetização é contínuo e envolve habilidades que são destacadas nos PCNs especificados na área de Linguagem, Código e suas Tecnologias e de alcance para as demais disciplinas: Matemática e Ciências. Neste sentido, é um esforço que cabe aos professores de todas as áreas se envolverem em projetos e atividades que promovam o diálogo com a escrita e com a leitura, evitando, principalmente, as aulas programadas numa repetição didática que não cabe mais nos anseios dos educandos, que não condizem com a realidade dos mesmos que se encontram cercados de vulnerabilidades, pois só dificultam o aprendizado.

Não se pode deixar de frisar que o professor, no Brasil, representa um desbravador, muitas vezes solitário neste contexto. A falta de reconhecimento e valorização profissional pesa no cotidiano de sua jornada. Vencer a desestrutura física das unidades escolares, a violência nas comunidades, a defasagem salarial, a falta de material para um trabalho mais qualificado, infelizmente, vem reduzindo a formação de jovens nos cursos de licenciatura. Há um sucateamento da profissão, com a desvalorização da carreira do magistério que vem por anos seguidos sendo negligenciada em seus direitos e vem resistindo, porque não há país próspero que não tenha como base principal a educação, e, sendo assim, o Brasil precisa acertar a rota, corrigindo e sanando as falhas que o coloca entre os países com os mais baixos índices de aprendizagem.

Para além dessa realidade, o Brasil é um dos países que participa da avaliação realizada pelo *Programme for International Student Assessment* (PISA), desenvolvido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (INEP), que tem como objetivo fazer um diagnóstico da qualidade dos sistemas de ensino dos países participantes. Através dos resultados obtidos nas pesquisas e avaliações, é possível medir como os estudantes se classificam nas habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento do processo da aprendizagem.

No período de 2000 a 2009, o Brasil aparece entre as três nações que mais evoluíram no PISA, segundo boletim da (OCDE), divulgado em 2010, no entanto houve poucos avanços nas avaliações posteriores ocupando as seguintes posições, conforme a tabela 1, o Infográfico 1 e o gráfico 1, abaixo:

Tabela 1 - Desempenho Brasil no PISA 2000-2012

A EVOLUÇÃO DO BRASIL NO PISA (pontuação e posição no ranking mundial)					
Brasil	Pisa 2000	Pisa 2003	Pisa 2006	Pisa 2009	Pisa 2012
Matemática	334	356	370	386 (57 ^a)	391 (58^a)
Leitura	396	403	393	412 (53 ^a)	410 (55^a)

A EVOLUÇÃO DO BRASIL NO PISA (pontuação e posição no ranking mundial)					
Brasil	Pisa 2000	Pisa 2003	Pisa 2006	Pisa 2009	Pisa 2012
Ciências	375	390	390	405 (53 ^a)	405 (59^a)
Média geral	368	383	384	401	402

Fonte: OCDE e Inep/MEC

Infográfico 1 - Brasil – PISA - 2015



Fonte G1: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/>

Gráfico 1– Brasil PISA - 2018

Pisa 2018 - resultados do Brasil

País conseguiu avançar alguns pontos entre as edições 2015 e 2018 da prova, mas ainda não subiu de patamar e segue longe do desempenho dos países desenvolvidos.

BRASIL	Leitura	Matemática	Ciências
Nota média 2018	413	384	404
Margem de erro	2	2	2
Varição 2015-2018	6	6	3
Posição no ranking	58-60	72-74	66-68

Fonte: OCDE/Pisa 2018

Fonte: G1: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/>

Considerando que o foco principal deste estudo está no efeito positivo que o domínio da leitura e da escrita provoca nos indivíduos, o que se observa aqui é uma constante preocupação em superar os déficits ocasionados ao longo dos anos no processo de ensino dos brasileiros.

De acordo com a última avaliação do PISA,

[...]na prova de leitura, os brasileiros tiveram, em média, 413 pontos. O resultado coloca o Brasil em 57º lugar dentre 78 economias avaliadas, à frente da Colômbia (412), da Argentina (402) e do Peru (401), mas muito atrás dos 487 pontos de média da OCDE".⁵

Outro fato que também chama a atenção nos relatórios é a questão da leitura no mundo digital, que se evidencia cada vez mais constante entre os estudantes de 15 anos, exatamente por acompanharem os avanços tecnológicos, tornando-se cada vez mais dependentes dos dispositivos digitais. As conversas, leituras e socializações se intensificam via internet, verificando assim um novo perfil de estudantes que necessitam de um olhar atencioso durante o seu processo ensino-aprendizagem, validando as novas práticas pedagógicas que valorizam, por exemplo, a linguagem multimodal.

A velocidade das informações trazidas pelas tecnologias das informações vem gerando um novo tipo de leitor que é o analfabeto funcional, ou seja, aquele

⁵<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/>

que reconhece as letras e os números, mas lhe falta o domínio da interpretação de textos. Cerca de 29% da população brasileira tem dificuldades para ler textos e aplicar conceitos de matemática.

Sabemos que o abandono escolar é um problema que afeta com mais intensidade a população mais carente da sociedade que, na sua maioria, está nas escolas públicas, mas que acontece também com os jovens que estudam nas escolas particulares. Este problema se reflete no Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF). Resolver o problema do fracasso escolar é um compromisso constante nas linhas da política educacional do país, mas sabemos também que ações precisam ocorrer diretamente no interior das escolas para atrair a comunidade escolar, a procura pelas matrículas. Para a professora Filomena Elaine Paiva, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-FFCLRP, “Vai ser preciso um trabalho bastante sério com a alfabetização, a leitura, a escrita e a produção textual a fim de que esses índices sejam revertidos”⁶.

Aquele que sabe ler e escrever apropria-se de um vasto saber que o torna capaz de gerir seus objetivos, dialogar com o passado, o presente e o futuro; projeta-se na sociedade com a devida liberdade e autonomia que o seu saber lhe permite.

Partindo de todo valor que se atribui a uma sociedade plenamente letrada, os PCNs consideram a linguagem como o meio e o produto na construção de significados que ocorrem diretamente nas práticas sociais, já que são validadas nas experiências e culturas das sociedades. Daí a importância da aprendizagem significativa nas diversas áreas do saber que promovam o desenvolvimento de competências e habilidades para formar jovens aptos para ingressar com autonomia no mercado de trabalho, conhecer a si mesmo, saber posicionar-se nas relações interpessoais, focar nos objetivos pessoais para seu crescimento na sociedade.

Segundo os PCNs, as competências que devem ser desenvolvidas ao longo do processo ensino-aprendizagem na área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, no Ensino Médio são:

⁶<https://jornal.usp.br/atualidades/escolas-brasileiras-ainda-formam-analfabetos-funcionais/>

Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos de diferentes gêneros e tipos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação.

Utilizar-se das linguagens como meios de expressões, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores; e saber colocar-se como protagonistas no processo de produção/recepção.

Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e as outras culturas e grupos sociais.

Entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação e associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem a solucionar.

Entender os impactos das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida.

Nesses propósitos, o ensino da disciplina Língua Portuguesa vai se ressignificando ao longo de duas décadas, dialogando com as perspectivas da BNCC considerando que os alunos precisam estar capacitados para ler, escrever, compreender e criticar em conexão com as demais áreas do conhecimento que contemplam as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

1.3.3. Nas entrelinhas do letramento

A linguagem é transdisciplinar e os educandos intrinsecamente confirmam este conceito no momento que se articulam no compartilhamento social do saber, nas suas diversidades e conflitos. Para compreender a linguagem das crianças, dos adolescentes e dos jovens, é preciso adentrar nas suas vivências, perceber em suas histórias de vida uma confluência com as práticas sociais, culturas que compõem a formação dos indivíduos, porque “[...]A linguagem verbal é um sementeiro infinito de possibilidade de seleção e confronto entre os agentes sociais coletivos”⁷.

É correta a afirmação de que não há comunicação no vazio e, desde sempre, os jovens buscam referências em grupos afins. Não se permitem ficar na inércia e se movimentam nas relações sociais com a linguagem multimodal bem como o multiletramento que representam pontos básicos na comunicação para render-lhes o protagonismo, a vida social e a cidadania.

De acordo com as autoras Silva e Araújo (2010), a palavra letramento é uma tradução para o português da palavra *inglesa literacy*, que significa

[...]a condição de ser letrado, um atributo dado àqueles que tanto dominam as habilidades de leitura e escrita quando sabem usá-las nas diferentes situações sociocomunicativas nas quais são requeridas. Embora *literacy* tenha esse duplo sentido, o *letramento* diz respeito ao uso da leitura e da escrita; já o *saber* ler e escrever é denominado de *alfabetização*.

No Brasil, a palavra letramento começou a ser utilizada a partir da década de 1980. A primeira pesquisadora que usou tal palavra foi Mary Kato, no livro: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986).

Alfabetizar alguém é uma ação que tem um significado de luz para quem está sofrendo o processo. É de uma beleza singular encontrar sentido naquilo que está a sua volta, poder codificar e decodificar palavras que contextualizam sua realidade, devastar um mundo até então desconhecido por meio das letras e como é lindo e indescritível perceber em cada letra a formação do seu nome.

É preciso compreender que alfabetizar sempre será um processo contínuo. Desde a infância até a fase adulta, o percurso deve ser considerado

⁷Portal <http://portal.mec.gov.br>.

como porta para inserção no mundo. Conforme os ensinamentos de Magda Soares (2003), ser alfabetizado não significa necessariamente ser letrado, e, neste sentido, todos os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) trazem à tona essa afirmação em seus números. Temos parte de uma população de estudantes alfabetizados, ou seja, sabem ler e escrever, no entanto, distantes de serem letrados. O esperado é que além de dominar a leitura e a escrita, é necessário que também façam uso social do que se lê e escreve.

O lugar social da leitura e da escrita determina a história da humanidade. O registro de tudo que foi contado, codificado, decodificado marca a cultura mundial, saberes de cada geração que possibilitam aos indivíduos o sentimento de pertencimento, a memória ancestral tão importante para gerações futuras. Daí, vale reforçar a ideia de que o processo de alfabetizar não deve ser mecânico, e sim, levar em consideração as histórias de vida dos educandos, fortalecendo o sentido do que se aprende, deixando de lado o que o professor Paulo Freire denomina como concepção “bancária”: em que o professor vai enchendo os educandos de falsos saberes.

Interessante lembrar duas obras do cinema brasileiro que dão ênfase à função do letramento social. O primeiro filme é *Narradores de Javé* dos roteiristas Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu que tem como enredo central o esforço de uma população analfabeta em impedir que sua cidade fosse exterminada para dar lugar a uma represa. A condição imposta pelos empresários e gestores do município para que a cidade não fosse exterminada, era que seria preciso um registro histórico civil e científico do seu povo. O ponto que aqui nos chama a atenção é que a salvação vem por meio de um único morador, funcionário público dos Correios, que tem o pleno domínio da leitura e da escrita.

O enredo nos conduz a várias reflexões importantes em torno do direito civil que regula a vida do cidadão, mas refletir sobre um povo analfabeto que tem de narrar as memórias de seus ancestrais para que sejam transformados em documento oficial, como plano de salvação para manter suas moradias, fortalece a ideia de como faz a diferença o conhecimento das letras para a autonomia do cidadão. Reféns, portanto, dessa falta de domínio, creditam seus sentimentos de

pertencimento nas mãos de um único detentor, confiantes em ver suas falas transformadas em patrimônio histórico.

O segundo filme é *Central do Brasil* escrito por João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein. A trama reverbera reflexões em torno da submissão de um povo que não sabe ler nem escrever, mas que sabe a importância daqueles que dominam. A personagem principal é uma professora inescrupulosa que usa desse domínio para atrair a população analfabeta oferecendo-se a escrever cartas para seus familiares. Ora, o valor do conteúdo de uma carta revela uma intimidade pessoal entre remetente e destinatário, e, depositar esta confiança em uma pessoa desconhecida mostra-nos o quanto pode ser confiável ou perigosa as intenções daquele que detêm tal conhecimento.

De um simples bilhete, registros em diários e a confecção de uma carta, a personalidade é a marca registrada que reproduz em cada linha escrita emoções, sentimentos íntimos, sonhos, situações constrangedoras e comprometedoras. Não poder fazer isto de punho próprio, pela total ignorância, coloca o indivíduo, muitas vezes, na condição de oprimido.

A protagonista desdenha da condição daquelas pessoas e não faz a postagem das cartas nas agências dos Correios, mas quando essa realidade frustra uma criança que está em busca do pai, a protagonista reveste-se de misto de sentimentos condenatórios em torno da sua conduta imoral que impossibilita uma mãe de conceder dignidade ao filho em conhecer seu pai.

A condição de um povo analfabeto (iletrado) é uma questão a ser olhada com sensibilidade, considerando que este tem sua leitura do mundo e, na busca de torná-los letrados com plenas condições sociais e culturais, seus conhecimentos devem ser postos como base inicial no processo de alfabetização. Segundo Freire (1996), “[...]A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, sendo assim, oralidade e escrita se conectam e convergem para um ponto: o conhecimento acontece por meio do diálogo e a leitura é diálogo com o mundo.

Para haver letramento, é preciso que haja a conexão entre leitura e escrita possibilitando a inserção de novos significados contextualizados de acordo com o ambiente social dos educandos.

1.3.4. LETRAMENTO LITERÁRIO: Universo de possibilidades

É importante pensar sobre a função do texto na vida social do aluno. A leitura literária tem sua complexidade e para ser acessada exige-se no mínimo que haja uma conexão com a realidade do leitor.

Para Rildo Cosson (2022),

[...] é no exercício da leitura e da escrita dos textos literário que se desvela a arbitrariedade das regras imposta pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer o dono da linguagem que sendo minha é também de todos.

O letramento vai além do contexto escolar e a literatura possibilita infinitas percepções que aguçam o estado interior de quem imerge na obra lida. Evoca a contemplação de uma realidade presente ou passada ou projetada para o futuro; molda, transforma, elimina posturas, reeduca nosso olhar sobre as coisas do mundo.

Estamos vivenciando expressas mudanças tecnológicas que trazem novas linguagens para acessar as informações globais, para poder se expressar e se conectar com o outro. A diversidade de tecnologias digitais disponíveis vem exigindo novas práticas pedagógicas para que a leitura literária possa fluir de forma funcional e atrativa e, neste sentido, possibilitar aos educandos a experiência da linguagem multimodal e do multiletramento com atividades interdisciplinares, pode ser o caminho para despertar novos leitores.

O advento da tecnologia da informação proporcionou o crescimento inclusivo surgindo novas gerações a cada inovação tecnológica. Grupos de indivíduos foram enquadrados em perfis, conforme descrito na revista digital Consumidor Moderno⁸:

Geração Millennials ou Y: nascidos entre o início dos anos 1980 e meados dos anos 1990: Profissionalmente indecisos, eles buscam um propósito maior em suas atividades no ambiente de trabalho.

⁸<https://www.consumidormoderno.com.br>

Geração Baby Boomers: nascidos *entre 1945 e meados dos anos 1960*. Nascida sob guerras e descobertas científicas, essa geração incorporou a palavra “trabalho” como nenhuma outra.

Geração X: *nascidos entre meados dos anos 1960 e início dos anos 1980*: cercada por grandes construções, trata-se da geração que ligou o motor do desenvolvimento, da globalização e da tecnologia.

Geração Silenciosa: A mais antiga, composta por pessoas acima de 75 anos. Ela é definida como uma geração de comportamento conformista, mais avessa às tecnologias e sem grandes aspirações pessoais e profissionais

A geração que se enquadram os sujeitos pesquisados deste estudo é a Geração Z, nascidos entre meados dos anos 1990 e 2009. Ainda conforme a Revista digital do Consumidor Moderno (2019),

[...]os que nasceram nessa época consideram os dispositivos digitais como algo natural em suas vidas. No Brasil, essa geração já representa 20% da população do país. Chamados de “nativos digitais”, eles redescobriram o poder de comunicação dos vídeos e veem o YouTube como uma grande oportunidade de negócio.

Mas como estudo em expansão, faz-se necessário destacar a Geração Alpha, os nascido a partir de 2010, que “[...] tal qual a Z, tem a tecnologia ocupando a centralidade de suas decisões. Serão monitorados e devem acompanhar uma profunda mudança nos processos de aprendizagem”.

Inseridos neste contexto, os jovens da geração Z e ALPHA inauguraram as primeiras redes sociais virtuais via internet discada até a banda larga; do computador para o celular, lá estavam eles inseridos num novo molde de se estabelecer comunicação e interação social: E-mails, salas de bate papo na web (chats), SMS, ORKUT, FACEBOOK, MSN, Messenger, You Tube, WhatsApp, Twitter, Instagram, além dos jogos virtuais (vídeo games,) aparelhos, provedores e suportes tecnológicos (vídeo cassete, aparelhos de DVDs, computadores, celulares Smart TVs surgem e vão disponibilizando múltiplas formas de comunicação. Interessante salientar que, em todas as categorias, o domínio da leitura e da escrita faz-se necessário, com grau de exigência maior

em algumas, pois para que ocorra uma comunicação nestes meios, os comandos necessitam do ato de ler e escrever, bem ou mal.

1.4. RECALCULANDO A ROTA

Criar meu web site
Fazer minha homepage
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada e um barco que veleje

(...)

Eu quero entrar na rede
Pra manter o debate
Juntar via Internet
Um grupo de tientes de Connecticut
(Pela Internet, Gilberto Gil)

Nos passos dos avanços tecnológicos, o segundo milênio impõe aos professores o uso da tecnologia como aliada do aprendizado. Mesmo com as disponibilidades das TICs sabemos que ela não alcança toda a população. A disparidade na distribuição das redes e dos recursos digitais entre as regiões sempre foi um problema para as camadas menos favorecidas da sociedade. Possuir um celular, por exemplo, pode até não ser tão difícil, o que complica é o acesso à internet.

Assim como as dificuldades enfrentadas para a inclusão digital, em outros tempos, ter um livro também representava uma dificuldade, pois sempre foram caros no Brasil e, por isso, privilégio para poucos. Com muito esforço, aqueles amantes da literatura faziam o uso das bibliotecas públicas, os sebos, os círculos de leituras e os empréstimos nas instituições acadêmicas. Nas escolas públicas, o acervo sempre foi reduzido em número de exemplares, mas tem sua relevância quando bem aproveitadas pelos professores maximizando sua procura em atividades didáticas.

Hoje o acesso já se faz mais viável com a universalização dos livros por meio do programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo PNLD e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O Programa Nacional do Livro e do Material Didático para o Ensino Médio (PNLEM), em 2004, além das bibliotecas virtuais que disponibilizam livros digitais gratuitos, mas que ainda se esbarram no acesso a um computador ou celular com dados móveis suficientes para baixar os arquivos. Os eventos literários também contribuem com a disponibilidade de livros físicos com valores mais acessíveis ao público.

Para muitos estudantes da escola pública, o universo da leitura nunca fez parte do seu cotidiano familiar, só se fez presente no contexto escolar.

Considerando que o ideal é que o primeiro contato aconteça no ambiente familiar, situação que favorece o gosto pela leitura, além de tornar as crianças mais aptas a compreender as dimensões da linguagem oral e escrita, vários estudos revelam o benefício de uma infância cercada de leitura para que haja sucesso escolar.

Conceição Evaristo, graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, escritora brasileira, em seu depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras emociona os leitores na clareza de sua fala ao revelar como se tornou uma ávida leitora nas circunstâncias de pobreza em que nasceu.

[...] Gosto, entretanto de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas **semialfabetizadas**, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na praça da liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações.⁹

Em suas palavras, fica a certeza de que mesmo em meio a tantas vulnerabilidades, é possível furar a bolha da exclusão. Assim também aconteceu com Carolina Maria de Jesus, mulher preta, pobre, mãe de três filhos, que encontrava forças na leitura e na escrita para vencer os dramas do cotidiano:

[...] sozinha, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, vindo desse ofício a sua única fonte de renda. Leitora voraz de livros e de tudo o que lhe caía nas mãos, logo tomou

⁹<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

o hábito de escrever. E assim iniciou sua trajetória de memorialista passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos “diários de uma favelada.”¹⁰

Incontestavelmente, os exemplos destas escritoras e outros tantos nos inspira e fortalece a crença de que é possível ver a transformação dos indivíduos por meio da leitura e da escrita. Quando Bernard Lahire trata do fracasso escolar na obra *Sucesso Escolar nos Meios Populares: As razões do Improvável*, ele defende que o meio social é crucial ao desenvolvimento das crianças, pois sozinhas elas não conseguem superar as dificuldades com que se deparam diante das demandas exigidas no contexto escolar. Quando a criança convive com um ambiente familiarizado com a prática da leitura e da escrita e como é proporcionado este acesso aos livros, facilita o sucesso escolar, pois

[...] A familiaridade com a leitura, particularmente, pode conduzir as práticas voltadas para a criança, de grande importância para “o sucesso escolar”: sabemos por exemplo que a leitura com voz alta de narrativas escritas combinadas com a discussão dessas narrativas com a criança, está em correlação extrema com o “sucesso” escolar em leitura. Quando a criança conhece, ainda que, oralmente, histórias escritas lidas por seus pais ela capitaliza – na relação afetiva com seus pais – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção escritas, assim o texto escrito, o livro para a criança faz parte dos instrumentos, das ferramentas cotidianas das quais recebe afeto de seus pais. Isto significa que, para ela, afeto e livros não são duas coisas separadas, mas que estão bem associadas (LAHIRE, 1997, p. 20).

Deve-se também levar em consideração a forma como as relações interpessoais ocorre no ambiente familiar, como são acessadas para que os resultados sejam positivos ou negativos. Por mais que o capital cultural familiar seja abundante, o que fará realmente a diferença é o capital social, ou seja, os bens relacionais gerados entre seus membros.

Lahire (1997), revela que

[...] Sem dúvida, uma configuração familiar relativamente estável, que permita à criança relações sociais frequentes e duráveis com os pais, é condição necessária à produção de uma relação com o mundo adequada ao êxito no curso “primário”. Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família

¹⁰<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>

pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente) (LAHIRE, 1997, p. 26).

Quando a leitura e a escrita fazem parte da educação familiar, sem dúvida, é possível a superação de alguns déficits cognitivos e culturais. Leitores contumazes não se privam de aspirações para além da sua realidade. Seja num cenário de necessidades seja num cenário perfeitamente preenchido, a questão do sucesso escolar torna-se relativo. Se não houver práticas positivas que envolvam e despertem o gosto pela leitura, o processamento do letramento fica prejudicado, pois

O fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a estes atos um aspecto natural para a criança cuja identidade social poderá construir-se sobretudo através deles (ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros...). Inversamente, podem surgir experiências com o texto escrito negativas ou ambivalentes 'em famílias onde os livros são: 1) respeitados demais, arrumados assim que oferecidos, não tendo a criança direito a tocá-los sozinhas; 2) oferecidos como brinquedos que as crianças têm de aprender a manejar sozinhas de imediato' (LAHIRE, p. 21).

Quando no ambiente familiar certas circunstâncias não favorecem o encontro saudável com a leitura, o efeito é contrário. Lahire (1997) apresenta condutas que necessitam de revisão no meio familiar e na escola para que se chegue a um consenso do quanto é importante salvaguardar o processo do letramento na vida dos indivíduos.

As atividades de leitura no contexto escolar, quando não articulam o conhecimento, as experiências e os interesses dos alunos tornam-se cansativas e desestimulantes, pois os textos são dispostos de uma forma que não dialogam com sua realidade.

Dessa forma, um projeto de letramento, constitui-se como

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade (KLEIMAN, 2000, p. 238).

Partindo deste princípio, o Projeto do Baile Literário foi elaborado buscando todas as possibilidades para agregar as múltiplas linguagens que faziam parte do cotidiano dos alunos, tomando um formato metodológico centrado no letramento literário, uma vez que

[...] Na leitura e nas escrituras do texto literário encontramos o senso de nós mesmo e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2006, p.17).

Esta afirmação de Rildo Cosson (2006) sintetiza exatamente como os jovens que participavam do projeto passavam a se ver. Incorporavam uma autonomia, uma certeza do que podiam ser naquele contexto, revestiam-se de uma liberdade, até então, invisível para eles. Por vários motivos, muitos alunos fizeram deste projeto uma projeção para vida fora da escola, após a conclusão do Ensino Médio. Eles se encontraram na esperança de poder ser, ter e acontecer a partir das suas competências e habilidades descobertas, desafiadas e exaltadas através de suas experiências como protagonista de cada edição do projeto.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

2. METODOLOGIA

O sonho é que leva a gente para frente. Se a gente for seguir a razão,
fica aquietado, acomodado.
Ariano Suassuna

Para Paulo Freire (2021), o diálogo é uma importante ferramenta de socialização e confiança entre os homens. No livro *Pedagogia do Oprimido*, ele destaca: “[...] não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. ”

A juventude sempre será vista como sinônimo de esperança. Representa uma fase de muita resistência diante de diversas circunstâncias que a todo momento lhe põem à prova perante a vida: sonhar e internalizar que o impossível pode se tornar possível. Para a pesquisadora acadêmica, Ângela Figueiredo(2022), a educação em si é uma maneira de possibilitar que crianças sonhem e, por isso, deve ser papel de todos e, como a autora declara, “[...]A educação é uma possibilidade de sonhar, mas também de encontrar inspirações”.

O professor, doutor em Educação, José Alves da Silva, no Documentário *‘Nunca me sonharam’*, dirigido por Cacau Rhoden e produzido pela Maria Farinha e o Instituto Unibanco afirma: *a ideia que se tem de um jovem da periferia ou mesmo de qualquer espaço é de um sujeito pouco interessado, de um sujeito displicente, irresponsável, violento. O que, na verdade, não é o que ocorre ali naquele espaço* Essa afirmação reforça a constatação quando se vê muitos jovens realizando seus projetos de vidas, vencendo suas vulnerabilidades através das oportunidades que a educação pode proporcionar-lhes, não se eximindo de suas responsabilidades e, a maioria deles, sabe que tem de conciliar estudo e trabalho para vencer as desigualdades sociais que pesam sobre eles.

Uma escola que sonha é aquela que aposta suas ações nas potencialidades que seus alunos podem despontar. Aquela que dá oportunidade para o aluno se sentir pertencente na construção das ações pedagógicas, contemplados em seus sonhos. O desejável não é uma escola focada em números institucionais e sim em qualidade e vida no seu interior. Percebendo suas deficiências, buscando solucioná-las, centradas em práticas pedagógicas, que formem pessoas melhores, compartilhem conhecimentos, promovam a inclusão da comunidade escolar.

Pautado nestes ensinamentos é que foi traçado o Projeto Baile Literário. De início, um projeto escolar de leitura que foi tomando outras dimensões e, ao longo dos anos, tornou-se um projeto social aclamado pela comunidade escolar. Trouxe-lhes a oportunidade do protagonismo desejado por todos os jovens, principalmente quando estão inseridos numa comunidade vulnerável, cercados de impossibilidades que limitam seus sonhos.

O projeto representou um evento de letramento literário e social que se firmou segundo os interesses, intenções, objetivos e competências que devem ser desenvolvidas ao longo do processo ensino-aprendizagem na área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias de acordo com os PCNs. A cada edição, as estratégias foram reavaliadas, conforme as mudanças de alguns documentos que regem a educação, mas sempre buscando atender a função social que os textos escolhidos deveriam influenciar na vida do aluno.

Percebendo que a leitura não era uma prática vivenciada por parte dos alunos e compreendendo a importância de tornar isso uma realidade, tendo em vista que, como alunos do ensino médio, essa exigência se fazia urgente para amenizar os déficits de aprendizagem até ali sofridos, mudanças se faziam necessárias na apresentação da leitura literária em sala de aula.

Por isso, é necessário

[...]Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.¹¹

A ideia era exatamente fugir da repetição didática e, conseqüentemente, não cair no erro de apresentar a literatura como um conteúdo estático, sem possibilidades da participação efetiva dos educandos, buscando a ressignificação do conhecimento das escolas literárias, escritores e obras, bem como proporcionar-lhes a compreensão do valor social da literatura, por considerar de extrema importância para uma realidade de educandos que se

¹¹<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

encontravam impossibilitados de acessar a leitura com todas as bases necessárias para atingir os objetivos estabelecidos na LDB e nos PCNs.

Devemos compreender que

[...]o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Da primeira edição do Baile Literário, em 2009, com a leitura e análise do Livro *Romeu e Julieta* de autoria de William Shakespeare, até a décima edição, em 2019, com a análise do filme *Ó paí ó!*, dirigido por Monique Gardenberg e com roteiro baseado em uma peça de Márcio Meirelles, com o mesmo nome encenada por atores baianos do Bando de Teatro Olodum, muitas percepções constatadas foram moldadas, outras fortalecidas, trazendo novas certezas e incertezas em torno do processo ensino-aprendizagem, da relação escola e família e também sobre como a prática da leitura poderia estreitar esta parceria.

Como objeto de estudo, foram analisadas a mais densa das percepções: a importância da participação da família na vida escolar dos filhos e o quanto projetos educativos interdisciplinares podem ajudá-los no enfrentamento das vulnerabilidades que os cercavam. Era visível a satisfação dos pais em ver a disposição dos filhos em aplicarem-se nos estudos e produzir ativamente uma ação em conjunto com a escola, mas que eles eram as peças fundamentais da ação.

Por outro lado, houve muitos momentos de tensão quando alguns alunos constatavam a impossibilidade da participação por vulnerabilidades explícitas e implícitas que os atingiam. Questões como religião, vínculos afetivos, orientação sexual, situação financeira sempre foram motivos de frustrações que mereciam muito cuidado na busca por soluções positivas.

Gerar possibilidades de adentrar no conteúdo literário de forma contextualizada com a realidade da comunidade, agregando a ludicidade por meio das múltiplas linguagens são caminhos interessantes para formar

educandos letrados, premissas que não podem faltar no Projeto Político Pedagógico, cumprindo, portanto, a função social da escola.



Figura 1- Edições do Baile Literário realizadas no CEDM
FONTE: Figura criada pela autora

2.1. DESCRIÇÃO DO PROJETO BAILE LITERÁRIO

O projeto escolar Baile Literário, que teve início em 2009, seguia um processo de organização por etapas. No primeiro momento, em comum acordo entre o docente e os discentes, era escolhido um livro e as produções cinematográficas para leitura e análise da escola literária em estudo durante a

unidade letiva. Após a leitura do livro e/ou leitura das produções cinematográficas, eram realizados os debates e as discussões sobre os diferentes temas, em consenso, era definida a temática do Baile Literário.

A partir da discussão e da compreensão das ideias do autor da obra literária selecionada, os alunos deveriam criar um texto teatral de acordo com as características da escola literária, bem como fazer a adaptação necessária, conforme as ideias criativas que iam surgindo em torno da análise do enredo, das personagens e dos cenários. Eles se organizavam em diferentes grupos, a fim de que pudessem detalhar o contexto histórico, estudo e a organização de figurinos, dos cenários, a construção da produção textual, produção de poesia, elaboração da coreografia, da dança, da pintura, escolha de música, todos iam se encaixando nas atividades propostas e conforme suas aptidões.

Como primeira edição, tudo foi construído com grandes expectativas em relação ao orçamento de todo o projeto. Para a concretização do projeto, foi necessária a união de toda a comunidade escolar. Todos juntos: gestão, alunos e família, num esforço coletivo e reflexivo, cada nó era desatado e, em cada aula, fortalecia o desejo de superação. A movimentação da escola mudou, tornou-se literalmente a segunda casa dos alunos. Situação que também provocou a presença mais frequente dos pais na escola, buscando saber sobre os filhos e sobre o andamento dos estudos. Procuravam entender o que estava acontecendo para os filhos ficarem tanto tempo na escola. As dúvidas eram esclarecidas em reunião de pais e mestres, garantindo assim a autorização dos pais para a participação dos educandos na do projeto.

Fazer parte do corpo literário de uma obra clássica era, até então, algo inimaginável para muitos alunos. Vestir o personagem, expressar uma linguagem desconhecida era um desafio que abrilhantavam os olhos dos alunos da comunidade da Prainha do Lobato e os colocaram em cena. Era a literatura resgatando o poder da crença de sonhar.

2.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, foi feito, como primeira etapa, um levantamento do que disseram e ou propõem alguns teóricos sobre os seguintes assuntos: Relação escola e família, Vulnerabilidade social, Educação e seus paradigmas, Aprendizagem significativa, leitura e letramento literário. Segundo Deslauriers e Kérisit (2008), todo novo trabalho requer o resgate das produções científicas acumuladas sobre o assunto, com o intuito de dar um passo adiante na caminhada trilhada por outros estudiosos, sem recair na armadilha de desenvolver uma pesquisa redundante. Neste sentido, a revisão de literatura é um importante mecanismo para recolher informações prévias acerca do problema em estudo e, segundo Macedo (1994, p.13), também é anunciada como aquela que “[...] procura identificar, localizar e obter documentos pertinentes ao estudo de um tema bem limitado, levantando-se a bibliografia básica” .

Assim, na Revisão de Literatura, trabalhamos no sentido de reunir elementos que nos ajudassem a investigar e obter resposta para o seguinte questionamento: Como um projeto escolar interdisciplinar de leitura pode contribuir para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais no contexto escolar que comprometem o sucesso no processo ensino-aprendizagem dos educandos? A fim de responder à questão apresentada, além dos autores consultados na revisão de literatura, buscamos outros autores como: Maria Cecília de Souza Minayo, Michel Thiollent, Antonio Carlos Gil, Menga Ludke e ,Pedro Demo que permitiram delinear uma pesquisa qualitativa exploratória.

Segundo Minayo (2011), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora defende que qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo. Neste sentido, há de se considerar o valor do objeto das ciências sociais que nos possibilita formular e reformular teorias e conhecimentos, condição essencial para interpretações, reflexões e análises do pesquisador.

Ainda de acordo com a mesma autora, a pesquisa qualitativa é um labor intelectual baseado em conceitos, proposições, hipótese, métodos e técnicas, que se constrói com um ritmo próprio e peculiar, denominado ciclo de pesquisa,

ou seja, um peculiar processo de trabalho em espiral que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto, que por sua vez dá origem a novas interrogações.

Um trabalho, portanto, que se enriquece com uma exploração de um referencial teórico criterioso de obras do campo da Sociologia, da Educação e da Psicologia em conjunto com análises de documentos institucionais públicos, artigos diversos e de livre acesso, revistas científicas, todos correlatos ao tema que se pretende pesquisar. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Neste estudo, optamos por utilizar como método a pesquisa-ação que tem como base central a relação participativa do pesquisador e dos pesquisados, com suas implicações interventivas para resolver situações problemas relacionadas aos contextos escolares, por vias de transformação participativa; requer um criterioso exercício de consciência, diálogo, escuta ativa e conhecimento das vivências dos sujeitos envolvidos. Neste tipo de pesquisa, a prática reflexiva é essencial entre os participantes durante o processo de investigação e tem como objetivo o exercício da reflexão, o diálogo, a escuta ativa e o conhecimento das vivências dos sujeitos envolvidos, portanto, o pesquisador deve estar comprometido com os fenômenos sociais e culturais que prevalecem no meio investigado. Segundo Silva *et al* (2021), pensar a pesquisa-ação, portanto, “é pensar no campo de pesquisa com intuito de conhecer a realidade e estabelecer possíveis intervenções. O campo como lugar de vida, onde as pessoas vivenciam seu cotidiano”.

Considerando que este estudo traz como base as experiências do observador participante e dos pesquisados inseridos no contexto educacional, a escolha deste método garantiu-lhes flexibilidade no raciocínio e na argumentação que, segundo Thiollent (2011, pág. 35), consiste em “oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do material qualitativo gerado na situação investigativa”.

Seguindo na mesma linha, Pedro Demo (2018, p.38) destaca que esta modalidade tem como traço “[...] construir estratégias de enfrentamento prático dos problemas detectados: da teoria, para a prática; estudar, discutir, pesquisar, para mudar; parte-se para a ação.” Nessa direção, esta pesquisa que dá origem

ao presente estudo, descreve as percepções de jovens e adolescentes sobre o contexto de vulnerabilidades social e familiar que dificultavam a aprendizagem durante o período escolar. Situações que recaem no chão da escola pública e necessitam de ações pedagógicas significativas que resgatem o sentimento de pertencimento na escola, na família e na comunidade, a autoestima elevada, oportunizando-lhes o protagonismo e, conseqüentemente, o sucesso no percurso escolar.

Para tal objetivo, tomamos como base um projeto escolar de leitura denominado Baile Literário desenvolvido numa escola da Periferia de Salvador, entre os anos de 2009 e 2018, com jovens e adolescentes do Ensino Médio. Nesta perspectiva, a experiência dos participantes representa uma importante fonte de informação que, amparada por estudos científicos, teorias da sociologia e da educação, dão possibilidades para novas análises e reflexões que fomentem a busca de soluções em torno do fenômeno em estudo. De acordo com Baldissera(2011), a execução dos processos de pesquisa-ação insere-se na concepção de educação libertadora, tendo como ponto de partida o diálogo, incentivando a participação dos setores populares na busca do conhecimento da realidade para transformá-la.

Conforme o grupo de estudos em Ecopedagogia e Educação Popular (GEEEP), a respeito do método da pesquisa-ação, afirma que

[...]o pesquisador deve ser um facilitador e só intervir quando houver necessidade, entender que suas ações têm um significado diferente para cada pessoa com quem ele for lidar, por esse motivo é preciso que ele aceite mudanças e seja capaz de viver nas incertezas, participando de cada evolução do projeto, juntamente com os sujeitos participantes.

A pesquisa-ação tem como característica, segundo Thiollent (2011, p. 22), uma explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada. Sendo assim, é importante ressaltar que o perfil dos pesquisados deve estar em consonância com os propósitos que se deseja alcançar com a pesquisa. A escolha dos pesquisados deste estudo foi baseada na participação direta destes no desenvolvimento e na aplicabilidade do projeto de leitura Baile Literário, todos são ex-alunos da unidade escolar, campo desta pesquisa. Objetivando, portanto, a condução da pesquisa de modo satisfatório, em que

houvesse uma reciprocidade de conhecimentos, decisões alcançando respostas e transformação diante da situação analisada.

O método da pesquisa-ação requer uma ação planejada, para que haja uma coleta de dados que captem informações necessárias e eficientes para respostas e aprofundamento temático. Para tanto, utilizamos os respectivos instrumentos: aplicação de um questionário semiestruturado, roda conversa, além do uso de fotografias e da observação.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido

[...]como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Assim, representa um importante instrumento, tendo em vista que, por meio das perguntas e respostas, é possível ou não obter os corretos dados para a fluência e os resultados da pesquisa. É um instrumento que dá um vasto suporte para a maturação do estudo, considerando que:

a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, 1999, p.128).

Conforme ensinam Marconi e Lakatos (1999, p. 100), é importante explicar aos sujeitos da pesquisa a natureza da pesquisa, necessidade e relevância das respostas, para estimular o interesse e compromisso dos participantes no preenchimento e devolução do questionário dentro de um prazo razoável. É preciso uma especial atenção na formulação das perguntas, como afirma Gil (1999, p.132). Estas trazem como conteúdo fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, experiência do presente ou

passado, entre outros. O autor ainda destaca que o número de questões deve ser suficiente para um alcance maior de respostas, mas também que não haja um excesso de questões a ponto de desestimular a participação do investigado. A ordem das questões, devem apresentar uma sequência lógica capaz de gerar uma conexão entre elas. Devem ser formuladas com clareza para obter respostas precisas para o tema investigado.

Seguindo esta linha, formulamos as perguntas, que foram divididas em 04 blocos: 1. dados sociodemográficos; 2. relação com a escola; 3. a família durante o período escolar; 4. o jovem e a comunidade. Para cada bloco, as questões foram dispostas numa sequência de assuntos que se relacionavam entre si, buscando facilitar o encadeamento de ideias para as respostas.

Foram apresentadas duas possibilidades para que os participantes respondessem o questionário - presencial ou via Google Formulário -, levando-se em consideração a disponibilidade de cada um devido ao horário de trabalho. Dos 20 participantes selecionados, dez optaram por responder de forma presencial e dez optaram por responder através do formulário. Para os encontros presenciais, o local sugerido foi o colégio onde os participantes estudaram, levando em consideração estar situado no bairro em que todos ainda moram. Sendo assim, os encontros presenciais foram previamente agendados para que pudessem responder ao questionário. Quanto aos participantes que responderam por meio do Google Formulário, a pesquisadora colocou-se à disposição para atendê-los de forma virtual (WhatsApp) para dirimir quaisquer dúvidas em relação às perguntas, se necessário.

A roda de conversa foi utilizada como estratégia para enriquecer a coleta de dados, buscando agregar o máximo de informações possível relacionados ao tema em destaque. Este instrumento proporciona o diálogo e a interação entre os participantes. Em um movimento conjunto, conduzido pelo pesquisador, é possível levantar uma pluralidade de ideias que possam aprofundar as respostas desejadas pertinentes para o problema em estudo.

Pinheiro (2020), destaca que as rodas de conversa são bastante utilizadas nas práticas educativas e de pesquisa, apresentando variações na sua operacionalização. Tem como principal objetivo dar ênfase na participação ou mesmo no protagonismo dos integrantes das rodas, visando partilha de saberes

e reflexividade sobre experiências individuais ou coletivas. A composição de círculos para conversação mediante uma provocação temática é a mais utilizada.

O autor ainda destaca que

[...] a utilização de rodas de conversa é estabelecida sob o propósito de dar voz aos sujeitos, visando possibilitar sua participação efetiva no processo, à medida que lhes são facultadas falas dialógicas pelas quais se espera o aporte de seus saberes (PINHEIRO, 2020).

Compreende-se que a interação entre os participantes favorece a socialização de um conteúdo posto em colóquio mediado.

Sendo assim,

[...] o diálogo, crítico e libertador, como base fundadora do que chamou *processo de conscientização*, em que o processo de formação, sustentado por uma dialogicidade permanente, permite aos educandos pronunciarem o mundo, mediatizados por este mesmo mundo, entendendo-o, descodificando-o e, quando necessário, intervindo sobre ele para transformá-lo (Freire, 1974; 2001; 2002).

As rodas de conversa foram utilizadas por Paulo Freire em suas atividades voltadas para educação infantil. Assim como no trabalho com crianças ao estabelecermos o exercício com jovens e adolescente extrai-se um importante recurso que favorece a socialização, o diálogo com o mundo.

A pesquisa-ação requer o exercício do diálogo livre e consciente entre os sujeitos envolvidos, estabelecendo ao longo dos encontros a confiança tão essencial para que sintam-se confortáveis nas suas intervenções e contribuições ao estudo. A roda de conversa, portanto, garantiu para esta pesquisa trocas de informações, escuta sensível aos fatos relatados, reconhecimento das possibilidades e fragilidades dos indivíduos, respeito as histórias de vidas de cada participante.

Segundo Minayo (1998), uma pesquisa passa por três fases: a) fase exploratória, na qual se amadurece o objeto de estudo e se delimita o problema de investigação; b) fase de coleta de dados, em que se recolhem informações que respondam ao problema; e c) fase de análise de dados, na qual se faz o tratamento, por inferências e interpretações, dos dados coletados.

Ressalte-se que, na fase de análise dos dados, buscou-se a interpretação pelo método da análise de conteúdo que faz parte de um conjunto de técnicas de pesquisa que procura encontrar um entendimento nas comunicações obtidas através da coleta de dados, e acontece por meio de três etapas que permitem o pesquisador analisar, sistematizar e validar os dados coletados (CAMPOS, 2004; MINAYO, 2013)

2.3. O CAMPO DE PESQUISA

Segundo Silva *et al* (2021), pensar a pesquisa-ação portanto, “ é pensar no campo de pesquisa com intuito de conhecer a realidade e estabelecer possíveis intervenções. O campo como lugar de vida, onde as pessoas vivenciam seu cotidiano.”

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Dalva Matos, situado numa comunidade considerada vulnerável, localizada no Subúrbio Ferroviário de

Salvador, margeando o centro urbano, inserida num contexto social que requer a atenção do estado para atender as diversas demandas sociais necessárias para o bem-estar dos moradores.



Figura 2 - Frente do CEDM
Fonte: Acervo particular

É mais uma escola, entre muitas, que sofreu ao longo dos anos com o problema da evasão escolar e também com a política de reordenamento escolar da Rede de Ensino Estadual. Fundada no ano de 1996, transitou pela categoria de escola de grande porte até o pequeno porte. Em 2013, houve a mudança para modalidade Ensino Médio em tempo integral e, mais recentemente, no ano de 2020, passou a funcionar apenas com as séries dos anos finais do ensino fundamental.

Com um corpo de gestores sempre empenhado em movimentar e dar visibilidade à escola, os docentes sempre garantiram um cotidiano de atividades interdisciplinares que coloca os alunos em destaques. Os projetos sempre foram desenvolvidos trimestralmente de acordo com as áreas do conhecimento, fato que mobiliza também a comunidade local, pois sempre buscam o apoio além dos muros da unidade, exatamente para haver uma parceria comunidade-escola, este que é um fator importante no cumprimento da função social da escola. O principal objetivo de cada ação educativa promovida está em garantir o sentimento de pertencimento, a valorização da história da comunidade e formar

cidadãos participativos, dando-lhes oportunidade de serem agentes de transformação social.

A transição para a modalidade de ensino Tempo Integral em 2014 não foi bem aceita pelos alunos que estavam no Ensino Médio, pois muitos já se encontravam em idade que lhes davam oportunidades de ingressar no mercado de trabalho por meio do Programa Menor Aprendiz e a obrigatoriedade de ficar na escola nos turnos matutino e vespertino lhes impediam de permanecer no trabalho ou nos cursos que já faziam anteriormente. Muitos já trabalhavam no turno oposto e, para estes, o fato representou um grande transtorno, pois precisavam decidir entre seguir os estudos ou continuar trabalhando para continuar contribuindo no sustento da família, por isso, os pais procuravam a direção da escola para ver se era possível abonar as faltas, na tentativa de manter os filhos empregados.

Conforme o PNAD (2015),

[...] No Brasil, 2,8 milhões de meninas e meninos de 4 a 17 anos estavam fora da escola em 2015. Desse total, quase 1,6 milhão tinham entre 15 e 17 anos, haviam passado pela escola, mas evadiram, e outros 820 mil estavam fora da educação infantil. A exclusão escolar afeta principalmente meninas e meninos das camadas mais vulneráveis da população, já sem outros direitos constitucionais. Do total fora da escola, 53% vivem em domicílios com renda per capita de até ½ salário mínimo.¹²

No ano de 2019, com a última turma do 3º ano, fechou-se o ciclo do Ensino Médio, fato que afetou drasticamente a procura por matrícula, pois os alunos do 9º ano, que esperavam prosseguir seus estudos na unidade, foram obrigados a matricular-se em outra escola.

Neste sentido, a unidade escolar vivenciou um período difícil com a perda de alunos, pois alguns buscaram se matricular em outras unidades que não fosse na modalidade tempo integral, outros, abandonaram os estudos. Mais uma vez percebe-se que há um desencontro das políticas públicas educacionais com a realidade das comunidades carentes e das famílias, que necessitam da mão de obra de todos os seus membros com o objetivo de aumentar a renda familiar.

¹²<https://buscaativaescolar.org.br/>

Ao longo dos anos, nota-se que a modalidade do ensino em tempo integral tornou-se mais aceita pelos alunos do Ensino Fundamental anos finais, mas a evasão escolar é um problema que ainda permanece forte no nosso país, principalmente após o período da pandemia do Covid19. Ainda de acordo com o estudo realizado pelo IPEC para o UNICEF, em 2022, “[...]2 milhões de meninas e meninos de 11 a 19 anos que ainda não havia terminado a educação básica deixaram a escola no Brasil”. E, tratando-se de população da periferia, são muitas as manifestações de violências múltiplas que a estigmatizam.

Nascer e desenvolver-se em uma comunidade da periferia é um desafio a ser vencido em cada fase da vida dos seus moradores. Desigualdades, pobreza, marginalidade e preconceito configuram um cenário de vulnerabilidades negativas que influenciam na subjetividade dos jovens.

A comunidade escolar que forma o Colégio Estadual Dalva Matos traz no seu bojo um grande diferencial, pois é aquela escola que deixa saudades para quem ali passa, seja como estudante, educador, funcionário administrativo. Em duas décadas, não houve nenhum movimento de violência extrema provocado pelos alunos.

No período da coleta a escola tinha 200 alunos matriculados, formando um total de 07 turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A gestão escolar é composta pela diretora escolar, vice-diretor, coordenadora pedagógica. Conta com um quadro funcional de 14 professores e 23 funcionários de apoio à gestão. Funciona na modalidade Ensino Fundamental Regular - Anos Finais no regime de Tempo Integral desde o ano 2020. A Unidade Escolar contém 15 salas de aula, 01 sala de leitura, 01 sala multifuncional, 01 sala para secretaria escolar, 01 sala para funcionamento da gestão, 01 sala para coordenação pedagógica, 01 cozinhas, 01 refeitório. Um pequeno espaço (área aberta) que é utilizado para apresentações lúdicas e práticas esportivas. No ano de 2021, segundo o IDEB, a escola foi avaliada com a nota 4,1.

O CEDM vem funcionando da melhor forma que pode, apesar de todos os problemas enfrentados para evitar o seu fechamento, como o acesso restrito ao transporte público, pois existe uma única linha de ônibus circulando no trajeto da rua principal até a escola e os transtornos causados para os moradores e

funcionários da escola como as das ruas extremamente alagados em dias de chuva forte, conforme figura 3 e figura 4.



*Figura 3 - Rua Joanes Centro Oeste –
Prainha do Lobato, acesso principal em dias de chuva forte*
Fonte: Acervo particular



*Figura 4 - Via transversal da rua Joanes Centro Oeste,
Prainha do Lobato*
Fonte: Acervo particular

Assim, como a maioria dos bairros das periferias do Brasil, a falta de oportunidade está evidente nas falas dos moradores da Prainha do Lobato e adjacências, quando questionados sobre a sua condição naquele território. Dos mais velhos aos mais novos que vão chegando, o desejo é o mesmo: ter

qualidade de vida e respeito e ser vistos sem as marcas das desigualdades sociais. Os moradores seguem resistindo e lutando contra todo tipo de estigma.

O comércio de bairro composto por lojas de roupas, pequenos mercados, restaurantes, farmácias, lanchonetes e feiras livres faz circular a economia, empregando os moradores do local, garantindo, assim, o sustento de uma grande parte das famílias da comunidade que também deseja a valorização do local com melhores escolas, creches, transportes, atendimento à saúde, segurança e acesso tecnológico, condições essenciais para oferecer aos filhos uma qualidade de vida com mais possibilidades de progresso.

De acordo com o atlas da violência organizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, nos anos de 2000, foram implementadas algumas ações e alguns planos de segurança para o combate da criminalidade fortemente presente em todas as regiões brasileiras. Os dados da violência, nas últimas duas décadas, atingem majoritariamente os jovens entre 15 e 24 anos, negros, pobres, nascidos em comunidades dominadas pela violência, desassistidas de serviços básicos essenciais para garantir o mínimo de dignidade aos seus moradores.

O jovem das comunidades das periferias urbanas carrega uma excessiva carga de responsabilidade para sair da margem imposta por um julgamento cruel, que mata sob diversas faces. Ao longo de sua jornada como estudantes, vivenciam grandes entraves, enfrentam, resistem ou morrem como vítimas de um estigma que herdaram de um sistema social injusto que os tornam parte de uma população mais vulnerável, quase sempre associada à pobreza e à marginalidade.

Historicamente, é sabido que as comunidades que margeiam os bairros dos centros urbanos sofrem com a falta de investimento público, situação que desencadeia uma série de problemas para sua população. Falta investimento no saneamento básico, no atendimento à saúde e no transporte de qualidade, no espaço de lazer e cultura e, dessa forma, os moradores sobrevivem como trabalhadores que sustentam, através da força do trabalho, os moradores e comerciantes dos centros urbanos.

Vale destacar que a área do Subúrbio Ferroviário de Salvador nem sempre foi assim. No passado, era uma região prestigiada de veraneio, com praias de águas limpas e ambiente saudáveis indicados, até mesmo, para tratamento de saúde. A sensação de segurança completava a vida tranquila da população. Foi palco de cenas de alguns personagens dos romances de Jorge Amado bem como de cenas cinematográficas. Para a economia financeira, seu chão serviu para instalações de grandes indústrias que empregavam a população local, favorecendo o povo negro, maior parte dos moradores da comunidade.

Segundo o historiador Augusto Fiuza (2021), “com a consolidação do Porto Aratu, após uma década de sua instalação, que ocorreu em 1960, o subúrbio deixa de ser uma região boêmia da aristocracia da cidade e passa a ser ocupada pela população”¹³. O bairro do Lobato, o segundo na rota do conjunto dos bairros, que configura o Subúrbio Ferroviário de Salvador, é conhecido por ter sido o local onde foi encontrado o primeiro poço de petróleo brasileiro, na década de 40, com a campanha de Getúlio “O petróleo é nosso”.

Contraditoriamente, este fato pouco favoreceu a comunidade local. O Ministério de Minas e Energia registrou que os moradores do Lobato perceberam, na época, que a água retirada dos poços artesianos apresentava um odor forte e uma certa oleosidade: algumas pessoas passaram a usar essa água para acender as luminárias, pois perceberam que pegava fogo. Fato investigado, deu-se início a perfuração de vários poços e, em 1941, foi achado petróleo, começando a partir daí a primeira produção comercial do chamado ouro negro no Brasil.

Na atualidade, as comunidades da periferia de Salvador sofrem com os mesmos problemas das comunidades de diversas regiões do Brasil. Ao longo do tempo, as ocupações das áreas ocorreram de forma irregular, justificadas pela falta de investimento político e social às classes mais desfavorecidas. Revestidas de uma infinidade de problemas, estas vão surgindo, formando novos territórios vulneráveis, com suas marcas próprias, seu modo de viver, sua cultura e suas diversidades.

¹³<https://atarde.com.br/muito/historias-e-belezas-do-suburbio-1141391>

No livro, “Um País Chamado Favela”, lançado em 2014, os autores Renato Meirelles e Celso Athayde destacam: “[...] se 85% dos moradores de favela têm telefone celular, somente 50% têm acesso à internet e 22% têm smartphones”. Fica, portanto, evidente a disparidade da prestação dos serviços e que estes devem atender a toda população na mesma proporção. A reflexão dos autores é uma constatação referente às favelas do Rio de Janeiro, no entanto, é o que ocorre em todas as regiões do Brasil.

O agravamento da violência no cenário nacional está fortemente presente nas comunidades. Autores e vítimas configuram um cenário lamentável que, infelizmente, torna as comunidades temidas por parte da população e impedem alguns investimentos que poderiam facilitar o enfrentamento de alguns problemas. Situações temporárias como fechamento de escolas, postos de saúde, suspensão de transporte público são episódios recorrentes de violência que amedrontam e afastam à investidura de serviços públicos e sociais.

Dessa forma,

[...] O estresse psicológico, os dias em que a escola precisa ser fechada, a abstenção professores e o aumento da rotatividade dos diretores são fatores predominantes. Se é possível que existam escolas com bom desempenho em locais violentos, a violência extrema restringe a eficácia de qualquer política pública. Daí a importância de o Estado focalizar a segurança em primeiro lugar para poder implementar outras ações de forma mais sólida (GUILHERME LICHAND, 2015).

Os adolescentes e jovens são vítimas das vulnerabilidades sociais crescentes que levam às múltiplas violências e, por conseguinte, postos e expostos à margem da sociedade. A falta de oportunidade e de suporte familiar por vários fatores desencadeiam o abandono, conseqüentemente, a captação destes para o crime. Quando o investimento em escolas de qualidade, projetos educacionais, empreendedorismo social, garantia de segurança se fazem presentes e são fortalecidos nas comunidades, as chances de tornar as vidas desses jovens menos penosa só aumentam.

Vale destacar que não é possível negar as belezas e prazeres da comunidade. O sentimento de pertencimento e de valorização de sua ancestralidade entre os moradores, a cumplicidade e o sentimento de

solidariedade os envolvem. E, como todo povo lutador, a crença de que a liberdade é para todos e de que o sol brilha para todos os mantêm firmes na certeza de que tudo pode ser melhor se lhes forem oferecidas oportunidades que transformem sua realidade e lhes possibilitem sonhar.

2.4. A PROFESSORA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA, ALÉM DO HORIZONTE

[...] Além do horizonte, deve ter
Algun lugar bonito pra viver em paz
Onde eu possa encontrar a natureza
Alegria e felicidade, com certeza
Lá nesse lugar o amanhecer é lindo...
Roberto Carlos

Ao ingressar no serviço público no ano de 2000, a sociedade global encontrava-se em plena ebulição para a virada do século. A esperança de um novo século se fortalecia na expectativa de mudanças significativas na sociedade. A juventude esperava fazer parte de uma nova era que garantisse novas perspectivas, luz para o futuro. Por todas as esferas, o que se propagava era o progresso, o avanço tecnológico com possibilidades de novas oportunidades com garantias de um viver melhor.

Direcionada para trabalhar numa comunidade considerada vulnerável, localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador, margeando o centro urbano, fui impactada por um contexto social que, até então, se destacava pelas páginas dos jornais locais, mas, que ali estando, compreendi uma realidade que merecia

ser contemplada e abraçada. O Colégio Estadual Dalva Matos localizado na Rua Aterro Joanes, também conhecida como Prainha do Lobato, Salvador, Bahia, era composto por adolescentes e jovens que formavam uma comunidade escolar pacífica e ordeira, o que permitia ser a escola mais procurada pelos pais para matrícula dos seus filhos. O impacto ficou por conta também da precariedade dos serviços públicos, bem como as manifestações de violências múltiplas que estigmatizam a população da periferia.

Lembro-me das primeiras semanas de trabalho. A distância do bairro em que eu morava para o bairro da escola era feito via ônibus e durava em torno de vinte minutos, pegando o transporte no horário das 6h20min, mas, nos dias de chuva era imprevisível o saber o horário de chegada, pois tudo poderia acontecer, considerando que do ponto de ônibus até a escola, a distância era em torno de 1km.

Quantas vezes, nos dias de chuva, a vontade era ficar em casa, mas minha mãe (*in memoriam*) me dizia: “*Vá minha filha, eles estão lhe aguardando, não deixe os bichinhos lhe esperando*”. A responsabilidade e a solidariedade com o próximo é algo que deve ser nutrido diariamente. Faz bem, alimenta a alma.

A escola pública, principalmente aquela que está inserida nas áreas urbanas vulneráveis, representa um campo complexo que exige atuações variadas, pois pode-se explodir diferentes problemas, mas também pode ser um campo fértil de grandes riquezas, prontas para serem exploradas. Esta é uma visão de extrema importância para que os educadores, que atuam nas escolas construídas em bairros considerados de difícil acesso e alvos de recorrentes casos de violência, possam permanecer resistentes em seus ideais como profissionais comprometidos e conscientes da sua função social, a fim de transformar as vidas de muitos educandos, solidariamente estendendo-lhes a mão em momentos oportunos.

Ser professor requer um exercício diário na recondução das suas práticas pedagógicas. Exercer a função de professor é um desafio para aquele que não compreende a verdadeira etimologia da palavra professor. Segundo Cunha (1982), o termo professor vem do latim *professus*, “aquele que declarou em público”, do verbo *professar* “reconhecer publicamente”. Isto significa dizer que

se refere a uma pessoa que se declara apta a fazer determinada coisa, no caso, ensinar.

Costumo dizer que para ser professor é preciso ter o dom da verdade na condução de suas práticas educativas. Colocar-se no lugar do Outro, educar o olhar e a escuta para compreender o que os corpos expressam, as falas e os silêncios que protestam, as atenções que reivindicam em meio ao burburinho mágico que cerca os muros da escola. Permanecer atento para saber qual o lugar que a escola ocupa na vida dos alunos e para a comunidade e compreender que encontrar o aluno ideal deve estar no nosso desejo, no entanto, saber que no plano real é algo que será alcançado por um longo processo e que o primeiro passo se dará conhecendo o contexto dos educandos fora da escola. Sabe-se que “[...] Muitos dos problemas enfrentados pelos educadores se devem à dificuldade em compreender o contexto fora da escola, o histórico, os modos de vida construídos pelos estudantes” (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Certa da escolha que fiz, pisei no chão do CEDM com muito desejo de professar minhas convicções pautadas na minha trajetória como aluna da rede pública de ensino e nos valores transmitidos pelos meus pais. Educar é um ato de amor, ser professora requer amor em cada ação pedagógica. Logo entendi que o pedestal a ser colocado entre o aluno e o professor devia ser o da alteridade pautada no amor e na confiança entre as partes.

Quando em 2001, Gabriel Chalita lançou o livro intitulado ‘Educação: a solução está no afeto’, fiz a leitura ávida por encontrar uma confirmação em relação aos meus sentimentos no exercício da profissão, após um ano de prática na sala de aula. Compreendi que estava no caminho certo quando, logo na introdução, o autor expressa sua concepção para que o processo educativo seja realmente significativo na vida dos estudantes. Ele afirma que “[...] A relação mestre-discípulo da Grécia Antiga. O respeito à história de cada educando. A cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender. A troca continuada de experiências, de sonhos, de ideais e de amor” (CHALITA, 2001).

Mil leituras, estudo de teorias, cursos não serão suficientes se não houver a vivência, o pé no chão da escola para poder compreender as complexidades que envolvem o corpo de uma escola. Nos primeiros anos, identifiquei que o

problema maior que afetava diretamente os alunos estava em torno da vulnerabilidade familiar em que estavam cercados. Quatro situações me marcaram profundamente nesta convicção:

A primeira, ocorreu quando uma jovem entre os 25 e 28 anos, mãe de uma adolescente e grávida nos revelou que contraiu o vírus do HIV através do marido. Perseverante nos estudos, mas extremamente triste nos gestos e na expressão corporal. Ela fez o relato de sua triste situação aparentemente mostrando-se resignada a seguir lutando por ela e pelos filhos, encontrando na filha adolescente apoio para seguir nos estudos.

A segunda, estava em torno do relato de uma adolescente que enfrentou o pai com uma faca para impedir de ser violentada sexualmente por ele. Revelou este fato em sala de aula, durante um debate sobre a temática violência, na disciplina de Redação. Como um grito libertador, pois todas as outras irmãs tinham sido vítimas do pai, ela lutou contra aquele fato para não ser mais uma vítima. Venceu.

A terceira, na história de um pré-adolescente de 13 anos, que foi violentado sexualmente por um pastor da igreja frequentada pela família. O trauma refletiu nos estudos e no comportamento em sala aula, o que levou a mãe a nos revelar o motivo.

Por fim, uma situação recente que pode fazer parte dos altos índices dos casos de violência contra crianças e adolescentes, durante o período do isolamento social devido à pandemia do Covid-19. Uma adolescente que trazia no corpo as marcas da violência doméstica, surrada constantemente pela mãe e mantida em cárcere privado pelo rigor da disciplina imposta pelo pai. Este exercia a função de pastor numa igreja evangélica. O que mais nos impressionava nesta adolescente era o sorriso e a alegria que ela demonstrava na sala de aula, além de ter excelente rendimento em todas as disciplinas. Estava claro que a escola era o único espaço que ela podia se expressar como uma adolescente normal. Escondia as marcas da violência com o uso de maquiagem e blusas de mangas compridas. As tias da adolescente não suportaram o seu sofrimento e levou o caso ao conhecimento da escola.

Dos fatos expostos, podemos imaginar o sentimento de revolta que as vítimas sentiam, no entanto, encontraram na escola o apoio necessário para se sentirem acolhidas. Situações constantes no universo escolar que nos leva a refletir sobre a importância que a escola exerce na vida dos educandos e do educador. Perceber os olhares vazios, as falas soltas, o sono durante a aulas, a falta de socialização com os colegas e os professores, comportamento agressivo e, conseqüentemente, o baixo rendimento nas disciplinas, muitas vezes, levando ao abandono são fatos que contextualizam o tempo na escola, a constatação de que pisamos num campo minado.

Houve um tempo em que a escola pública era revestida de uma supervisão de orientação educacional que promovia a escuta ativa dos educandos, favorecendo várias ações além do suporte vocacional. No entanto, este serviço foi retirado das escolas, o que acarretou mais uma sobrecarga para o professor e a coordenação pedagógica, que não consegue suportar as diversidades de demandas.

Cada vez mais se faz pertinente que haja, dentro da política educacional voltadas para a rede pública, medidas que garantam a volta de contratação de profissionais capacitados que possam acompanhar os educandos no contexto escolar, proporcionando-lhes suporte socioemocional, bem como oferecer instruções para o desenvolvimento das competências e habilidades para o ingresso no mercado de trabalho.

O tempo na escola, principalmente para as camadas mais carentes da população, tem várias nuances significativas que devem ser levadas em consideração nas ações pedagógicas. Buscar estar atento ao movimento do aluno: o porquê frequenta pouco a escola ou o porquê para ficar a maior parte do dia na escola são questionamentos que trazem respostas bastantes conhecidas no cotidiano da escola pública. Refúgio, suporte alimentar, sentimento de fracasso, acolhimento, trabalho, desconhecimento das ausências por parte dos pais são as causas mais recorrentes.

O período em que crianças e adolescentes cumprem o ciclo escolar ultrapassa as fases de desenvolvimento cognitivo, bem como a construção da sua identidade. Constitui uma fase de transição que não pode ser mal direcionada, tendo em vista que representa o momento das descobertas,

autoquestionamentos do que faz sentido, do que desejam naquele instante e no futuro.

2.5. DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023 e contou com a participação de 20 jovens. Para a coleta de dados, realizou-se entrevista com o objetivo de obter algumas informações sociodemográficas dos participantes que, conforme Minayo (2013), “facilitam a compreensão de algumas questões de importância para o estudo”. Posteriormente, aplicação de um questionário semiestruturado e a dinâmica do grupo focal. As etapas da pesquisa aconteceram em três momentos: No primeiro momento, a formação de três grupos para levantamento dos dados sociodemográficos, importante instrumento para conhecer o perfil do grupo a ser pesquisado, bem como criar estratégias para as etapas seguintes da pesquisa;

No segundo, a formação de dois grupos para aplicação de questionário semiestruturado em momentos distintos, que teve como objetivo levantar percepções importantes através das questões sobre o problema em estudo e que merecem uma reflexão apurada para alcançar respostas que se alinhem com o objetivo da pesquisa na linha das Ciências Sociais, a investigação dos sujeitos no seu contexto social , tempo e espaço.

Conforme destaca Minayo(2001),

[...] é preciso ressaltar que nas Ciências Sociais existe uma identidade entre sujeito e objeto. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tomando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévi-Strauss (1975): "Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação" (MINAYO, 2001, p. 215).

O questionário foi dividido em três temáticas: I - Relação com a escola; II - Família durante o período escolar; III - O jovem e a comunidade.

No terceiro, a formação de dois grupos reunidos, previamente agendados, para a roda de conversa que tem como objetivo promover a interação entre os participantes e em um movimento conjunto conduzido pelo pesquisador, levantar uma pluralidade de ideias que possam aprofundar as respostas desejadas pertinentes para o problema em estudo.

É preciso registrar que foram considerados um ambiente favorável, o dia e o horário que contemplassem a todos os participantes para realização da pesquisa. Foi estabelecida uma comunicação com reflexões lúcidas e plausíveis para garantir a plena compreensão da atuação dos participantes. Por conseguinte, ficou esclarecido o estrito dever legal da ética e da necessidade de se observar a privacidade, confidencialidade e segurança das informações referentes aos sujeitos da pesquisa, conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O estudo não apresentou nenhum risco físico, no entanto, pensando na possibilidade de algum transtorno na esfera emocional, por fomentar a memória afetiva dos participantes, durante as discussões de algumas questões, buscamos garantir a sua proteção com o cuidado em manter a privacidade no momento da entrevista e deixar claro que ofertaríamos um amparo psicológico ou assistencial, caso necessário, ao longo da pesquisa.

2.6. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

No caso da pesquisa aqui situada, o objeto de estudo partiu do desenvolvimento de uma ação educativa do pesquisador com jovens e adolescentes que deu origem a um projeto de interdisciplinar que visou transformar sua a prática pedagógica, bem como desenvolver o hábito das leituras no cotidiano escolar dos educandos. Neste sentido, o perfil traçado dos pesquisados foi pensado naqueles que participaram efetivamente do projeto e possuíam as características e vivências que agregariam conteúdo necessário para esta investigação.

Foram contactados no período de 2021 a 2022, período que correspondeu aos estudos das disciplinas do mestrado e definição do projeto de pesquisa. A sondagem inicial ocorreu por meio das redes sociais (WhatsApp e Instagram) e, logo em seguida, foi lançado o convite – card com a proposta da pesquisa. Feita a seleção dos 20 pesquisados, criou-se um grupo no WhatsApp para comunicação necessária ao longo da pesquisa.

Os participantes desta pesquisa estudaram e concluíram o Ensino Médio, no CEDM entre os anos 2008 e 2018, na faixa etária entre 16 e 18 anos, ainda na condição de menores de idade, dentro do tempo regular de estudo e participaram ativamente do Projeto Baile Literário. Continuam sendo, na sua

maioria, moradores do mesmo bairro em que a escola está localizada e alguns, em bairros adjacentes. Quando foram convidados a participar desta pesquisa, todos sentiram-se prestigiados em poder contribuir com suas percepções em relação ao tempo escolar. Consideraram uma oportunidade de expor pontos positivos e negativos presentes na sua trajetória escolar.

Questionados sobre se apenas estudavam ou também trabalhavam durante o tempo escolar, concluiu-se que 85% apenas estudavam e 15% estudavam e trabalhavam. Quanto à raça/etnia, de forma consciente, declaram-se como pretos e pardos e, em relação à identidade de gênero, configura-se um grupo de 70% de mulheres cisgêneros e 30% de homens cisgêneros e todos continuam morando no mesmo bairro.

Na descrição da profissão atual, fica notável que os participantes buscaram dar continuidade aos estudos, confirmando a necessidade de que os jovens têm que progredir na vida pessoal e profissional. Buscaram qualificações que se identificavam e, mesmo para aqueles que não estão atuando na área, todos buscam seu próprio sustento, além de contribuir com a economia familiar.

Tabela 2 – Escolaridade dos participantes

PARTICIPANTES	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO ATUAL
CN	Nível Médio	Auxiliar de Cozinha
AM	Bacharela em Gestão em Recursos Humanos	Autônoma
RS	Técnico em Administração	Recepcionista
AC	Técnico em Secretariado	Auxiliar Técnico em Secretariado
AF	Bacharel em Fisioterapia	Fisioterapeuta
EA	Gestão em Tecnologia da Informação	Programador Jr.
NS	Bacharel em Jornalismo	Jornalista
JC	Técnico em Confeitaria	Confeiteira
TO	Graduanda em Farmácia	Estudante do Ensino Superior
MA	Técnico Superior em Logística	Controle de Manutenção
AFJ	Gestão em Recursos Humanos	Operadora de Caixa
MM	Técnico Superior em Logística	Assistente Administrativo
RB	Bacharela em Odontologia	Cirurgiã dentista
MS	Graduanda em Enfermagem	Operadora de Telemarketing
DS	Graduando em Enfermagem	Técnico em Enfermagem
ML	Graduando em Fisioterapia	Gerente Comercial
LS	Técnico em Administração	Estudante
DA	Nível Médio	Autônoma
NA	Nível Médio	Vendedora
SN	Nível Médio	Repositora em supermercado

2.7. APRESENTAÇÃO DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

2.7.1. Relação com a escola

A escola representa um espaço determinante para compreensão do mundo, para estabelecer relações interpessoais, além de resoluções de conflitos próprios da idade em tempo escolar. Os participantes ressaltam que, através do estudo, é possível adquirir uma fonte de conhecimento que jamais lhes serão retirados. Com os colegas, foi possível construir amizades duradoras, ajuda mútua nos problemas dentro da escola, bem como em questões pessoais que atrapalhavam no rendimento escolar.

Questionados sobre a relação com os professores, todos os participantes se posicionaram positivamente, considerando importante o diálogo entre as partes, eles definem professores como peças fundamentais para estimular os alunos nos estudos. Destacam ser necessário que os professores procurem conhecer a realidade dos alunos para fortalecimento da confiança no espaço da sala de aula e entendem que é importante uma escola com profissionais capacitados, aptos para atender as diversas demandas no âmbito escolar, tornando a escola mais acolhedora, inclusiva perante a comunidade.

As dificuldades enfrentadas no contexto escolar devem ser conduzidas com discrição, creditando a confiança por meio da escuta e de orientações que

lhes deem suporte emocional. Como instituição educacional, deve ter como base primordial o respeito e que este se faça constantemente presente nas condutas de todo corpo escolar.

É preciso

[...] Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza¹⁴.

Todos os participantes, conforme gráfico 2, consideram o estudo como base fundamental para obtenção do conhecimento, realização pessoal e profissional. Por meio do estudo, encontram oportunidades para buscar melhores condições de vida, tornarem-se cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Contribui com a transformação das pessoas dando-lhes possibilidade de traçar e tornar real um projeto de vida que lhes garantam fazer parte daqueles que conseguem desenvolver-se na sociedade com qualidade e segurança, direitos de todos.

Gráfico 2 – Aspectos sobre a importância do estudo



¹⁴<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

A falta do hábito da leitura é um problema que persiste em circundar os alunos da escola pública. São vários os fatores que interferem neste ritual tão necessário na fase escolar e ao longo da vida dos indivíduos. Maturar a prática da leitura em crianças é fonte para desenvolver e aprimorar competências e habilidades cognitivas importantes para sua formação como cidadão.

Na escola pública, este processo pode ser atingido com sucesso através dos projetos interdisciplinares, círculos de leituras, oficinas de textos. São momentos de estímulos que podem despertar nos educandos competências diversas favoráveis para seu conhecimento.

Para encontrar modos de experimentar e posicionar-se,

[...]os estudantes podem participar de eventos e práticas artísticas coletivas, mediante sua própria produção artística, combinando a escrita literária com outras formas semióticas de expressão. Desse modo, eles podem expor suas preferências ideológicas e estéticas e consolidar um conjunto de valores e conhecimentos da língua e da arte.¹⁵

Alguns participantes destacaram que através dos diversos projetos interdisciplinares desenvolvidos na escola, tomaram gosto pela leitura e compreenderam como poderia favorecer no ambiente do trabalho e nas relações interpessoais. É neste sentido que o texto da BNCC afirma que “ [...] a leitura literária amplia o repertório dos estudantes para que eles possam fruir do prazer da leitura, reconhecer na arte formas de crítica cultural e política” e entrar em contato com diferentes visões de mundo”. (Revista Nova escola, 2023).

Questionados sobre a importância da prática da leitura em sala de aula, as respostas foram significativas, correspondendo às abordagens apresentadas ao longo deste estudo. Vale destacar alguns conceitos por eles defendidos. Eles afirmam que a prática da leitura em sala de aula é importante porque desenvolve o raciocínio; desenvolve a criatividade; dá a possibilidade de conhecer o mundo, as culturas, os povos diferentes através das letras; tem-se um melhor entendimento das coisas; gera conhecimentos; é o início da apropriação do conhecimento; dá a possibilidade de entender uma diversidade de assuntos e,

¹⁵ <http://portal.mec.gov.br>

quando a leitura é coletiva, a possibilidade de aprimoramento do conhecimento; amplia o conhecimento o que possibilita para se adequar ao novo; aprimora a comunicação, a fluência verbal e o vocabulário; desenvolve a capacidade intelectual e alimenta a mente.

Apesar dos conceitos serem bastante relevantes, os números aqui apresentados, no entanto, mostram que ainda há um distanciamento da prática da leitura, fato que merece um olhar atento para o fenômeno do analfabetismo que ainda é bastante evidente no nosso país.

Sobre o hábito da leitura no ambiente familiar, 25% dos participantes destacaram que havia prática da leitura no meio familiar, 10% disseram que desenvolveram moderadamente no âmbito escolar, 40% afirmaram que não havia leitura no ambiente familiar, e 25% dos participantes não responderam.

A participante AM, bacharela em Gestão em Recursos Humanos, sobre o hábito de leitura, destaca: *[...] da minha parte sim, inclusive, fui eu que incentivei minha mãe a ter o hábito da leitura.*

Para TO, graduanda do curso de Farmácia, sobre o hábito de leitura, ressalta: *[...]em casa não, e sim, na escola quando li a biografia de Castro Alves e, desde então, levei o hábito para minha irmã.*

No início do ano letivo, quando a proposta do tema da edição era discutida em sala de aula, muitos alunos interessados em participar do projeto perceberam como era importante ler e assim poder participar das decisões da turma. Para alguns, que até então, não havia nenhum interesse em livros, conhecer os textos sugeridos, romances temáticos de cada edição foi necessário e passou a mudar sua rotina, buscando outras leituras como fonte para novos conhecimentos.

Outro ponto destacado foi a possibilidade de se permitir conhecer textos que, na primeira impressão, pareciam desinteressantes, mas no aprofundamento da leitura percebem o valor do conteúdo para aprender novos conceitos, novas expressões e poder formar opiniões críticas em relação a diversos assuntos. Para a participante R. S., Técnica em Administração, as questões sociais presentes nos textos escolhidos para trabalhar em cada edição do projeto despertavam uma visão de que, muitos daqueles problemas, já faziam

parte da sua realidade. A pesquisa de novas leituras passou a ser mais constante.

Como afirma a participante RS, [...] *Sempre gostei de ler. Até hoje tenho muita facilidade para leitura. No entanto, o Projeto Baile Literário despertou apreço pela literatura romântica brasileira. Passei a me atentar aos temas sociais debatidos nos romances, que eram bem comuns no meio vivido.*

Mas é preciso destacar aqui os sujeitos envolvidos nesta pesquisa que não tinham como rotina a prática de leitura em casa, e, muito menos se interessavam em exercitá-la na escola. Mesmo com o projeto sendo da área de linguagem e tendo como base a leitura de textos literários, o modo como seria desenvolvido, envolvendo a linguagem artística foi o ponto de atração. No entanto, a exigência da leitura em todo percurso das etapas era fundamental.

O participante NS, graduado em Jornalismo, faz uma analogia curiosa sobre seu contato com a leitura, antes e depois do projeto. Sua relação com os livros durante o tempo escolar era [...] *como irmãos horrendos que brigavam o tempo todo e paravam de se falar, ficávamos afastado.* As recorrentes participações em diversas edições do Baile Literário, após ter concluído seus estudos, passando a colaborar com o projeto como “Amigo da escola”, foi o que lhe proporcionou uma nova visão sobre a leitura e favoreceu na escolha do curso superior para sua formação profissional.

A analogia do participante está implícita nos dados estatísticos em torno do interesse dos jovens em ler. De acordo com a reportagem de Bruno Mazzocona Revista Nova escola (2023),

[...]O número de leitores de literatura vem caindo ao longo dos anos, como mostram a primeira e a última sondagem da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelos institutos Pró-Livro e Itaú Cultural. Em 2007, os leitores eram 55% da população; em 2020, 52%. Segundo critérios da pesquisa, para ser enquadrado na categoria “leitor”, bastaria ter lido um livro inteiro ou em partes nos três meses anteriores à resposta. Se a definição de leitor fosse mais ambiciosa, o percentual seria ainda menor.¹⁶

¹⁶<https://novaescola.org.br/conteudo/21657/qual-e-o-papel-da-escola-na-formacao-de-leitores>



Figura 5- Momento de leitura coletiva no CEDM.
Fonte: Imagem publicada por ASCOM/SEC - domínio público

Os projetos interdisciplinares é uma importante ferramenta para desenvolver nos educandos a capacidade analítica e questionadora, necessária também para promover o letramento científico nas diversas áreas da aprendizagem.

Dessa forma, é necessário

[...] Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.¹⁷

Os participantes destacam que o trabalho coletivo representa o melhor cenário para interação das turmas, além de ser essencial para facilitar as relações entre os colegas na sala de aula, promover o diálogo com os professores, direção e demais funcionários; promove a participação da comunidade local nas atividades. Ressaltam também que as atividades interdisciplinares contribuem para o desenvolvimento de muitas habilidades e superação de algumas dificuldades, em especial a timidez e a baixa autoestima dos educandos.

De acordo com a orientações da BNCC,

¹⁷<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

Para encontrar modos de experimentar e posicionar-se, os estudantes podem participar de eventos e práticas artísticas coletivas, mediante sua própria produção artística, combinando a escrita literária com outras formas semióticas de expressão. Desse modo, eles podem expor suas preferências ideológicas e estéticas e consolidar um conjunto de valores e conhecimentos da língua e da arte (BNCC, 2023).

Ações educativas com propostas culturais e sociais configuram uma forma agradável na transmissão do conhecimento e compartilhamento de experiências. Para os alunos, o Projeto do Baile Literário atraía porque criava uma grande expectativa ao longo do ano para pôr em prática ideias criativas, manifestações artísticas de acordo com suas competências e vivências. Uma escola alegre e acolhedora, em que haja compreensão do outro, o espírito de solidariedade e a empatia que é o desejo de todos.



Figura 6 - Público na 8ª edição do Baile Literário¹⁸

Para os pais mais próximos da escola, acompanhar aquele movimento foi importante para, segundo os participantes, exigir mais dedicação nos estudos, condição para que pudessem arcar com os custos necessários do evento. Os pais não admitiam reprovação nem indisciplina na escola. Para uma escola pública, é impossível não levar em consideração a condição financeira dos alunos, entretanto, os alunos buscaram, num movimento conjunto de ações,

¹⁸<http://educadores.educacao.ba.gov.br/noticias/professora-cria-baile-literario-e-integra-comunidade-no-suburbio>

meios para todos se ajudarem e participar ativamente de cada etapa do projeto.

O respeito é o ponto determinante para as relações interpessoais e, no desenvolvimento dos projetos, que exigem o trabalho coletivo, há o exercício do espírito competitivo, manifestações de reciprocidade, permitindo o protagonismo dos educandos, tornando-os mais aptos a vencer certas dificuldades como timidez, ansiedade. Fica mais evidente que, neste momento, o trabalho em grupo desperta o sentimento de alteridade e empatia.

Quando a escola oferece um ambiente possível de enxergar as diversidades que circundam as salas de aula, os educandos com problemas de saúde, envolvidos em conflitos como bullying, preconceitos e múltiplas violências vivenciadas fora da escola contribui para aumentar o sentimento de confiança na instituição. É importante que ofereça um aporte que possibilite ao educando o autoconhecimento e o autocuidado, que possibilite “[...]conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BNCC, 2023).

A participante CN, auxiliar de cozinha, destaca que durante o período escolar encontrou um ambiente que lhe permitiu vivenciar momentos de socialização que muito contribuiu no seu desenvolvimento pessoal e profissional, além do contexto escolar, ao revelar: *O autoconhecimento, a liberdade de expressão através da convivência e um convívio social amistoso.*

Para ML, graduando do curso de Fisioterapia e gerente comercial em uma rede de restaurante, informa que na escola obteve vários aprendizados e, ao ser questionado sobre as contribuições que a escola proporcionou para a vida, destaca: *Vários aprendizados: respeitar ao ser humano independente da cor ou raça ou sexo; dar valor a coisas ou vida e principalmente a estudar, pois sem estudos não vamos a lugar nenhum.*

De um modo geral, os participantes entendem que escola sempre será o melhor cenário para inserir os indivíduos na sociedade. Nela, vidas são transformadas e o sentido de respeito, de cooperação e de responsabilidade se expande e, em cada ciclo da vida escolar, ultrapassam e tomam uma dimensão

significativa, o que torna uma instituição essencial para se entender como cidadão atuante e agente de transformação.

2.7.2. Participação da família durante o período escolar

Todos os participantes moravam com os pais durante o período do Ensino Fundamental I e II. No Ensino Médio, apenas uma participante passou a morar com o namorado, os demais continuaram morando com os pais.

Acompanhar o estudo dos filhos é uma necessidade que cada vez mais se faz pertinente para fortalecer os laços família e escola, tornando uma rede de inclusão e acolhimento mútuo.

Parte dos interlocutores desta pesquisa tinham um acompanhamento constante dos pais em casa e com visitas periódicas à escola, outros buscavam saber do rendimento escolar dos filhos apenas quando convidados para as reuniões de pais e mestres, tendo em vista que trabalhavam e não encontravam tempo para esta função, mas davam apoio e confiança aos filhos.

Por outro lado, também havia aqueles que deixavam os filhos livres das cobranças em relação às tarefas escolares, cobrando os afazeres de casa ou priorizando algum trabalho remunerado, não criando grandes expectativas por meio do estudo, configurando uma realidade muito comum na escola pública – a necessidade financeira sobrepondo a importância aos estudos dos filhos.

Quando questionados sobre o acompanhamento dos pais durante a vida escolar, 08 disseram que os pais sempre estavam presentes na escola; 02 não tiveram nenhum acompanhamento; 02 disseram que parcialmente, pois só frequentavam a escola quando convidados para reunião de pais e mestres e, por fim, 08 afirmaram que os pais acompanhavam apenas na realização das atividades escolares.

A educação dos indivíduos tem sua base no meio familiar e prossegue com a educação escolar. Nesta, os pais comumente depositam todos os seus esforços para que os filhos possam adquirir o máximo de conhecimento, experiências e projeção profissional. Sabemos também que os pais, que

alcançam as mínimas condições necessárias para criar e educar seus filhos, neles, depositam amor e esperança, concentram-se num ambiente saudável onde todos os membros buscam cooperar para a melhora do lar. Valorizam a educação e respeitam a escola. Fazem dela um grande suporte para toda família, tirando proveito de todas as oportunidades que possam dar visibilidade aos filhos e a valorização da história da família.

Em algumas famílias, o Projeto Baile Literário tornou-se a oportunidade para oferecer aos filhos a “ *festa de 15 anos*”, a “ *formatura*”, que, certamente, sem o suporte da escola e do evento festivo, que acontecia na culminância do projeto, não poderiam oferecer aos filhos. Poder dar uma alegria aos pais e aos avós, a satisfação de ver os filhos em destaque, a chance de reforçar a responsabilidade como garantia para participar do evento eram condições que fortaleciam a imagem do projeto perante a comunidade e estreitavam os laços escola-família.

Ao observar a escolaridade dos pais dos participantes, conforme tabela 3, nota-se uma trajetória que corresponde ao grau apresentado na maioria das escolas públicas da periferia de Salvador. Normalmente são assalariados, profissionais autônomos e, por conseguinte, com um nível escolar mediano.

Tabela 3– Escolaridade dos pais

ESCOLARIDADE DOS PAIS			
NÍVEL ESCOLAR	PAIS	PAI	MÃE
Não alfabetizados	01		
Fundamental incompleto	02	02	-
Fundamental completo	02	01	-
Médio incompleto	02	02	-
Médio completo	08	02	03
Médio técnico	-	-	01
Superior incompleto	-	01 (cursando)	01
Superior completo	-	-	-

Neste contexto, os familiares buscavam manter seus filhos na escola, dando-lhes a oportunidade de adquirirem o máximo possível de conhecimento

que, naquele momento, podiam lhes oferecer. Apesar dos pais dos participantes darem um valor de destaque ao estudo, conciliar trabalho e estudo representava uma condição frequente para que muitos jovens contribuíssem com o sustento do lar.

Quando questionados sobre a visão dos pais sobre a educação escolar, os participantes afirmaram que viam a escola como importante, necessária e como lugar de respeito e de valor, como base para aprimorar os conhecimentos, uma chave para um futuro melhor, pois sem estudo não se vai a lugar nenhum; a escola é de extrema importância para o futuro profissional e, para aqueles que se esforçam, representa uma porta para colher bons frutos. É um caminho para um mundo melhor e a oportunidade para ocupar lugar de destaque profissional. Mesmo vendo a escola como importante, muitos não criavam expectativas.

As dificuldades estavam presentes em vários conflitos expostos pelos educandos e naqueles silenciados, que com muita resistência eram vencidos com o/pelo próprio esforço dos alunos. No caso das famílias em permanente estado de vulnerabilidade, os esforços se tornam demasiadamente pesados. Resistência, sobrevivência, superação representam o alimento daqueles que se permitem sonhar, mesmo diante de um cenário caótico.

Anular a possibilidade de ver o filho vencer por meio da educação é um silêncio dolorido quando os pais, por total falta de perspectiva, devido a sua vida sofrida, desconheciam o tempo de sonhar, descansar. A vida passa por seus olhos com a urgência da sobrevivência.

Duas participantes, assim como as escritoras *Carolina Maria de Jesus* e *Conceição Evaristo* tiveram seu tempo escolar vivido, em muitos momentos, apenas pela força e resiliência diante do silêncio no contexto familiar e social. Superavam com muito esforço e em silêncio os *nãos* que a vida, tão cedo, insistia em atrapalhar seus estudos. Das oportunidades que surgiram em suas vidas, elas transformaram em sonhos realizados.

A participante RB formada em Odontologia e já atuando na área como cirurgiã dentista que concluiu o ensino médio aos 18 anos, revela que, durante este período, sua maior dificuldade foi superar as dificuldades financeiras no ambiente familiar. Para os pais, o estudo era importante, mas não criavam

expectativas em relação ao futuro da filha. Nas circunstâncias em que se encontravam, não se permitiam sonhar. Segundo RB, seus pais *acreditam que a educação escolar é importante, mas não tinham nenhuma perspectiva* (futura).

Ela ressalta o que a educação pode proporcionar na vida dos indivíduos, principalmente quando se trata de alunos oriundos de escolas públicas, localizado na periferia, na qual se enfrenta desafios diários. As suas considerações, ao ser questionada por que os indivíduos devem estudar, reafirmando a linha defendida Paulo Freire (2021), “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo revela que *A educação transforma vidas, transformou a minha vida. Estudar é o caminho necessário para chegar em lugares que o jovem periférico não conseguiria sem o estudo.*

Ao ser questionada sobre as contribuições que a escola proporcionou para a vida, a mesma destaca que, na escola, encontrou um suporte necessário para seguir firme nos estudos, mesmo com todas as dificuldades que enfrentava, afirmando que [...] *Além de crescimento educacional, auto estima e até mesmo nas várias manhãs que faltava café em casa.* Considera que a relação com os colegas foi de muita importância para que ela se sentisse acolhida. Com muita união e amor, todos se fortaleciam e se uniram, mais ainda, em torno de um sonho.

Para AC, auxiliar técnico em secretariado, 23 anos, que concluiu o Ensino Médio no tempo regular de três anos, durante o tempo escolar, teve muitas dificuldades diante da falta do acompanhamento familiar aos seus estudos. Não havia espaço para diversão, nem mesmo tempo para se dedicar às tarefas escolares. Estas eram realizadas na escola e, muitas vezes, entregues com um certo atraso aos professores. Fato que também a prejudicava nas atividades em grupos. Os colegas achavam que ela não cumpriria as tarefas, assim ela apresentava individualmente ou ficava sem a nota.

A participante AC representava mais uma adolescente desacreditada por parte da família e da escola. Sobre a visão dos pais, em relação aos estudos, ela destaca que não havia nenhum acompanhamento, mas a exigência de finalizá-lo: [...] *eu tinha de concluir os estudos para ajudar em casa.* Após a conclusão do Ensino Médio, realizou um Curso Técnico Profissional em

Secretariado, promovido pelo CEEP Formação de Eventos Isaías Alves, que mudou sua realidade atual ao ser selecionada para trabalhar num órgão do Governo. Percebeu que a escola foi o caminho para alcançar seu objetivo, ao afirmar que[...] *se não fosse a escola eu não chegaria aonde eu cheguei, [a escola] me fez entender [que] nunca [devia] desistir do meu objetivo.*

As duas jovens da periferia, RB e AC, conseguiram vencer a situação de vulnerabilidade familiar na qual estavam inseridas. Silenciosamente se concentraram no sucesso escolar porque entenderam que a educação era a oportunidade para mudar a realidade de suas vidas. Suas histórias de vida chamam atenção porque elas representavam mais uma daquelas adolescentes que sempre estavam com um sorriso no rosto, cansadas, mas presentes, disponíveis a participar das atividades da escola. Para elas, cada *não* que surgiu como *pedras no meio caminho*, transformaram em degraus da escada para galgarem e encontrarem novas oportunidades, não se permitiram ser vencidas pela falta de esperança do contexto.

Na concepção dos participantes, o instituto da família tem lugar de importância em suas vidas. É de opinião geral que nela se constitui a base para o desenvolvimento dos indivíduos, um lugar em que deve prevalecer o acolhimento, a segurança e o respeito entre os membros. Compreendem que na educação familiar são definidos os valores e princípios essenciais para orientar-se na sociedade.

Na adolescência,

[...]a família continua a ser considerada o principal microsistema do desenvolvimento, pois nela acontecem as interações mais diretas e as experiências mais significativas para a pessoa. Reconhecida na sua complexidade, a família é responsável por conduzir o adolescente à compreensão de conceitos e valores básicos, ao engajamento na realização de tarefas e papéis sociais cada vez mais diversificados e complexos, e ao desenvolvimento de competências sociais. (SENA; DESSEN *apud* MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018).

Sendo assim, os jovens relatam que, no tempo escolar, tiveram alguns conflitos familiares próprios da idade devido às situações que os deixavam vulneráveis para solucioná-los, a exemplo: aceitação da personalidade dos filhos, julgamentos, cobranças, descaso, falta de diálogo, descrença, desafio.

Para alguns, a escola servia como fuga e, nos professores e colegas, encontravam o suprimento que faltava em casa. Constatação que afeta muitas crianças e adolescentes numa fase considerada pelo psicólogo Stanley Hall (*apud* MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018), como “[...] o período evolutivo da adolescência. Que nela o indivíduo passava por um novo nascimento marcados por mudanças significativas que culminam numa nova personalidade”,

Quando questionados quanto à definição da Instituição Família, os participantes definem como: Porto seguro, alicerce, segurança; Círculo de proteção, sem julgamentos; Primeira instituição onde se aprende os princípios e valores; Um ambiente onde se aprende a ser melhores e que deve ser saudável; Proporciona coragem para superar os obstáculos; Espaço em que há união; Base para construção dos indivíduos com acolhimento e compreensão; Base de tudo e para tudo.

Para os participantes, não há dúvida da importância do papel da família para crescimento saudável e necessário que vão definir a personalidade dos sujeitos. Alguns temas, na escola, devem ser abordados com muito cuidado, pois provocam reflexões e respostas difíceis de desconstruí-las. A religião é uma delas.

Estudos evidenciam que

[...] a religião tem a capacidade de influenciar os valores e comportamentos humanos, variando, no entanto, de acordo com a estrutura normativa de cada uma delas. Observa-se, ainda, que a prática religiosa propicia condições específicas de socialização e, conseqüentemente, de formação identitária de indivíduos e grupos sociais específicos (FLECK et al., 2003; KOENIG, 2004).

Neste sentido, a laicidade deve predominar no contexto escolar para o bem do processo ensino-aprendizagem dos educandos.

Na unidade escolar em que o projeto foi desenvolvido, preponderava famílias de culto evangélico. Por diversos momentos, os professores eram questionados pelos alunos e até mesmo pelos pais, que ao tomarem conhecimento de algumas abordagens em estudo, defendiam que tal abordagem ia de encontro à sua religião. Os estudantes buscavam a direção da escola para

avisar que não participariam de determinada aula ou palestra porque não se sentiam bem ou porque os pais tinham proibido. Era também comum, em alguns passeios a museus para apreciação de exposição da história e cultura da África, alguns alunos se sentirem mal e associava o fato ao ambiente que, segundo eles, refletia referências a religião do candomblé.

Em algumas edições do projeto, alguns pais não permitiram que os filhos participassem, exatamente pela abordagem temática. Para eles, não condizia com a fé que professava. A exemplo, a 4ª edição: Auto da Compadecida, 6ª edição: Gaiola das Loucas, 7ª edição: Disney e a 18ª edição: Ó paí, ó!

Questionados se a religião dos pais influenciava nas atividades escolares dos educandos, os participantes apresentaram pontos positivos e negativos que, segundo eles, refletiam na disciplina dos educandos. A participante D.A. declara que: [...] *alguns pais usam do poder que tem para impedir seus filhos de vivenciar novas experiências.*

Para a participante LS, os princípios religiosos defendidos em casa têm influência positiva na vida pessoal e na vida escolar, declarando: *Acredito que os princípios de casa, os que vêm dos pais direcionam a forma de agir e se expressar dos alunos nas atividades escolares. Por exemplo, eu sou da religião adventista desde bebê e por acreditar que o sábado é um dia sagrado, nunca participei das atividades que eram desenvolvidas (na escola) nesse dia.*

Para o participante NS, influencia sempre. Ele relembra de um fato que ocorreu durante a escolha de uma aluna para interpretar uma personagem vilã – a Malévola. *Lembro-me de um caso que fiquei muito triste, de uma menina na qual iria fazer o papel de vilã. Mas seus pais a proibiram de fazer por achar que sua filha poderia ficar com demônios.*

Nesta mesma edição, Disney, teve outro caso semelhante, referente ao personagem do *Espelho*. A mãe do menino, que desejava muito interpretar o personagem, não permitiu. No entanto, ele não aceitava a negativa, ensaiava constantemente com a turma. Depois de muito diálogo com a escola, ela resolveu deixar que o filho tomasse a decisão final e, na culminância do evento, ela se fez presente, mesmo a contragosto, em ver seu filho naquele papel, levou em consideração a decisão do filho e o respeito a escola.

A escola, nestas circunstâncias, não pode interferir diretamente nas decisões dos pais, mantendo o respeito a todas as religiões, mas tem o dever de reforçar que os professores não podem deixar de abordar assuntos de extrema importância para socializar, educar, construir posturas antirracistas, combater o racismo religioso, questões de gênero e sexualidade, misoginia, entre outras questões.

2.7.3. O jovem e a comunidade

Moradores da comunidade, os pesquisados revelam que, durante o período escolar, os pais buscavam a garantia de saber que os filhos estavam matriculados numa escola respeitada e valorizada por toda a comunidade. Sem registros de atos violentos entre os educandos, condições que representavam um fator essencial para segurança dos filhos, levando-se em consideração que as outras escolas vizinhas não tinham esta mesma referência positiva.

Apesar do índice zero de violência durante a trajetória no interior desta escola, o medo se fazia presente fora dos muros da escola, situação comum e que, muitas vezes, impediam que os alunos fossem para a escola devido ao domínio de territórios entre grupos rivais.

As falas predominantes revelam que estavam acostumados com alguns eventos de violência do bairro, mas, apesar da insegurança, seguiam a vida buscando uma relação pacífica com os vizinhos. Estão certos de que se houvesse mais investimento em programas sociais, espaços para capacitação profissional para os jovens, possivelmente os quadros de violência local seriam reduzidos.

Acreditam que a escola ideal para a comunidade seria aquela que oferecesse boas estruturas, ensino de qualidade para as crianças e adolescentes. Um espaço de respeito e segurança, que os valorizem nas suas diversidades e experiências. Seguindo nesta linha, informam ser importante a parceria de outras instituições que promovam ações educativas, que levem os educandos a participarem de ações sociais que fomentem a cultura da paz, da

preservação do ambiente, dos cuidados com a saúde tão necessária para mudar a visão da comunidade.

Assim,

[...] Estando inserida numa comunidade, a escola é um espaço de corresponsabilidade, que abrange a comunidade, os profissionais da educação e outros atores sociais, a fim de contribuir para o processo de formação dos seus alunos como seres sociais e cidadãos. Nesse contexto, os educadores devem entender a educação como um direito de todos, acolhendo os alunos e suas famílias, estimulando-os, fazendo-os sujeitos ativos no planejamento e no desenvolvimento dos trabalhos a serem implementados nas escolas (ANUNCIÇÃO; SOUZA, PÁG 197, 2019).

A participante BR, graduanda em Serviço Social, destaca sua participação no projeto Festival Tô Ligado na Energia. Ela ressalta que *como líder de equipe na sua Unidade Escolar, conseguiu entender a importância da participação da comunidade e da valorização do trabalho em equipe que eleva a autoestima dos alunos. Ressalta a relevância do projeto em levar conhecimento para as escolas e de alcance para toda comunidade.*



Figura 7 - Encerramento Projeto "Tô ligado na energia" no C.E.D.M.

O projeto Festival Tô Ligado na Energia

[...]. Mantém o foco na tríade: Unidade escolar – Família – Comunidade, que favorece uma ação de continuidade dos temas trabalhados nas escolas para uma mudança de hábito, a partir da multiplicação realizada pelos alunos no âmbito familiar e comunitário. Assim, a metodologia do projeto favorece aos alunos uma apropriação

dos conhecimentos que converge para a vida adulta, revelando-os consumidores mais conscientes¹⁹.

As comunidades localizadas nos bairros periféricos necessitam de ações sociais que possam dar-lhes a oportunidade de visibilidade e o merecido respeito aos seus jovens. Oportunidades para que crianças e adolescentes cresçam sem o estigma do infortúnio da marginalidade, da desesperança, do descaso social.

2.8. A RODA DE CONVERSA

¹⁹<https://www.redebahia.com.br/cases/neoenergia/>

A proposta da Roda de Conversa, como dito anteriormente, teve como objetivo promover a formação de três grupos de participantes, tendo como proposta temática fomentar reflexões a partir de falas, entre o passado e presente. Por incompatibilidade dos horários de trabalho de alguns participantes, só foi possível realizar dois encontros nas dependências do CEDM, em uma sala ampla e climatizada, com wi-fi e Smart TV disponíveis. Os grupos aqui serão nominados como Grupo I e Grupo II

O primeiro encontro ocorreu no dia 04 de fevereiro de 2023 e contou com participação de 08 jovens. A dinâmica teve início às 14 horas com término às 17 horas, havendo intervalo de 15 minutos para o lanche. O segundo encontro ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2023 com a participação de 06 jovens. Iniciou-se às 9 horas com término às 12 horas, com intervalo de 15 minutos para o lanche.

No primeiro momento, foi explicado aos participantes que a dinâmica seria dividida em três partes, com os seguintes eixos temáticos: Na primeira, reflexões sobre a vivência durante o período escolar nas séries do Ensino Fundamental I e II; na segunda, reflexões sobre a vivência durante o período do Ensino Médio; na terceira, reflexões sobre a vivência no período pós ensino médio. Foi informado também que, durante a dinâmica, a pesquisadora faria anotações necessárias para registro fidedigno de suas falas. Ressaltou-se que não havia obrigatoriedade de todos falarem, deixando-os, portanto, bem à vontade para se pronunciarem nos momentos que achassem oportunos e interessantes para eles.

Após a última parte da dinâmica, os participantes foram convidados a escrever um pequeno texto sobre as percepções em relação as temáticas discutidas. A pedido dos participantes a produção textual pode ser feita em casa, e os textos foram enviados por foto via celular para a pesquisadora.

Como explicado anteriormente, a conversa sobre os temas ocorreu em três momentos definidos como: 1. Pé na escola – Período entre o Ensino Fundamental I e II; 2. Da escola para a vida - Período do Ensino Médio; e 3. Pé na estrada – período Pós Ensino Médio, mercado de trabalho e qualificação.

Para cada tema, foi introduzido um vídeo motivador. A partir daí, foi sugerido que cada participante escrevesse três palavras-chave para definir os pontos positivos e outras três palavras para os pontos negativos referentes aos períodos em análise.

Como pesquisadora e em processo de escuta e fala, conforme a metodologia base exigida para este estudo, ouvir as histórias de vida dos participantes foi de suma importância para perceber, entre os sujeitos pesquisados, a resignificação das impressões e sentimentos sobre os momentos mais difíceis, interessantes, incompreensíveis por eles vividos. Ao longo da dinâmica, em cada grupo, a discussão reverberou um misto de sentimentos despertados pela memória afetiva, tomando uma dimensão além da expectativa.

2.1. Pé na escola

Instados a refletirem sobre o ciclo escolar da infância até a pré-adolescência definido como 'Pé na escola', teve como principais reflexões as transformações que ocorreram e que são preponderantes na maturação dessa fase e, quando este período é mal gerenciado, tanto na família como na escola, geram conflitos e traumas que podem repercutir por toda vida.

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

(Carlos Drummond de Andrade)

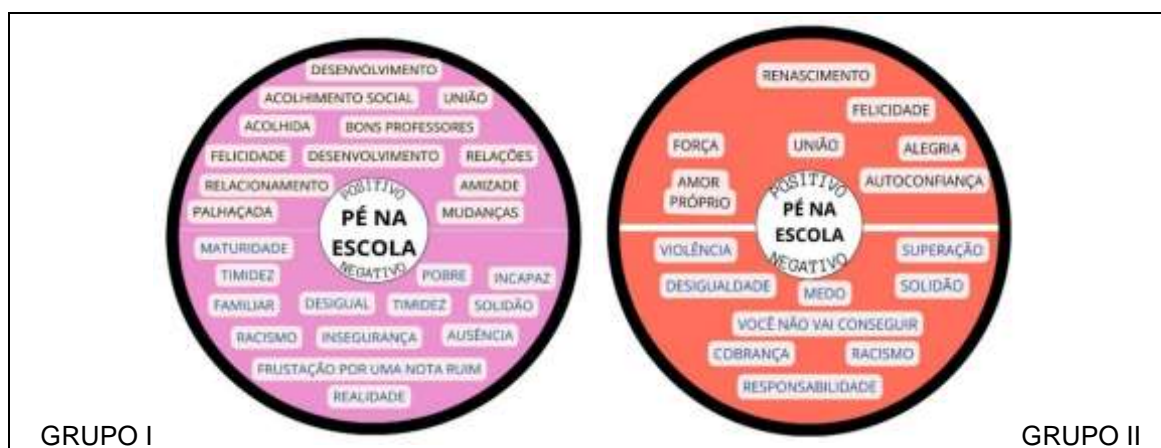


Figura 8 – Reflexões Pé na Escola
 Fonte: Figura criada pela autora

Nas palavras-chave, destacadas, na figura 8, o ciclo escolar da infância até a pré-adolescência apresenta-se como positivo pelos participantes, foi possível notar que parte deles conseguiu vivenciar no meio familiar e na escola um aporte de capital social que favoreceu nesta transição. A palavra acolhimento é apresentada como o caminho para se sentirem felizes nos contextos os quais estavam inseridos com união, boas relações amigáveis significativas que se perpetuaram e permitiram vencer a adaptação que necessitava superar.

A participante D.A. destaca que [...] *foi sendo muito palhaça entre os colegas que conseguiu encontrar felicidade e se sentir acolhida na escola.* Mas, a mesma participante introduz os pontos negativos quando consegue identificar que *“no meio do caminho havia uma pedra.”* E foi fazendo da sua palhaçada um escudo para fugir da *insegurança* íntima que sentia no ambiente familiar e escolar, gerado pelo preconceito racial sofrido, quando morou fora do país dos 09 aos 13 anos. Neste período, morava na Espanha e considerou que este foi um período muito infeliz e que lhe traz marcas negativas até os dias atuais. Declara que a mágoa é maior por ter vivenciado o fato dentro da própria família e a solidão foi a sua companhia.

Ter bons professores tem destaque nas falas dos participantes porque estes consideram, ser eles, um suporte facilitador para que a aprendizagem flua e servem como referência na ausência do suporte familiar. Para o participante ML, alcançar a *maturidade* nesta fase foi difícil, tendo em vista que a *timidez* o prejudicava nas *relações pessoais*. Segundo ele, [...] *encontrar bons professores que lhe despertaram por meio de atividades lúdicas o sentimento da autoconfiança, elevando sua autoestima foi essencial para seguir na vida escolar.*

O professor realmente tem uma dimensão na vida dos estudantes, suas ausências e presenças são tomadas como gatilhos de enormes proporções. Palavras uma vez ditas, para sempre ficam. Escola é lugar de apropriação de conhecimento, mas acima de tudo local de socialização para que os educandos encontrem influências positivas.

A participante LA relembra de uma nota baixa em uma avaliação, que para ela [...] *não era concebível, e que foi motivo de repreensão pelos pais.* Esta situação lhe despertou um sentimento de cobrança em sempre buscar a melhor nota e, quando não alcançava, se sentia frustrada. Infelizmente, ainda existe um sistema de avaliação falho nas unidades escolares. Muitas vezes, o quantitativo sobrepõe o qualitativo. Enquanto o ideal é que o professor aperfeiçoe suas práticas pedagógicas e busque potencializar os conteúdos adequando aos desejos dos seus alunos.

Para a participante AM, ouvir de uma professora que [...] *ela não era capaz de realizar determinada avaliação foi devastador,* mas com muita determinação

ela tirou esta pedra de seu caminho, alcançando aprovação na avaliação. Destaca também que a discriminação racial se fez presente em outros momentos no primeiro ciclo escolar, que, muitas vezes, sinalizou para a mãe. Foi um enfrentamento constante nas escolas por onde frequentou.

Assim,

A escola, neste sentido, enquanto espaço de formação educativa e cidadã, por diversas razões, é uma das instituições que tem concedido o aparecimento de formas distintas de violência, sejam elas, estruturais, pela falta de recursos suficientes ao adequado manejo da aprendizagem ou interpessoais pelo dano físico ou sofrimento psicológico da relação de alunos uns com os outros, de professores, dos demais sujeitos e profissionais situados no ambiente escolar (NERY; MILITÃO; FERREIRA; CARVALHO,2019).

Sabe-se que tanto na escola pública como na escola particular, casos como estes se repetem cotidianamente e que conseguem *fazer grandes estragos na trajetória escolar dos educandos*.

A participante RB destaca a qualidade do ensino na escola pública que denota um desafio para os alunos que querem ingressar no ensino superior e alerta para o cuidado que se deve ter no ciclo inicial dos estudos. Para ela, foi muito difícil este período, pois não teve uma boa base na escola e nem teve um aporte familiar que pudesse amenizar os déficits, que só foram aumentando à proporção que avançava nas séries. Outro agravante é a questão do estado de *pobreza* que afeta os alunos da rede pública. Condição que aparece destacada em alguns olhares e falas da sociedade. Vivenciou esta dura realidade e com muito esforço próprio superou as vulnerabilidades que lhes cercavam.

A desigualdade no contexto escolar ainda se faz presente no cenário educacional brasileiro. Os educandos enfrentam uma seleção injusta que os colocam sempre na posição de cobrança e de superação constante. Não há chances favoráveis que não demande um excesso de reponsabilidade para alcançar o sucesso desejado. Infelizmente as portas do mercado de trabalho exigem qualidade e quantidade. Impõe um peso demasiado por trás de um constante pensamento: “*você não vai conseguir*”, e que, lamentavelmente, também parte dos familiares e da escola. É a velha trama injusta causado pelo sofrimento social que pode conduzir ao insucesso escolar.

Para Bourdieu (2015),

[...] O caso de pais originários de meios desfavorecidos cuja relação com a escolaridade prolongada e o sucesso escolar do filho é marcada por uma forte ambivalência; ao mesmo tempo em que desejam que este se diferencie deles tornando-se alguém bem-sucedido escolar e socialmente, teme a inevitável distância dos padrões populares - e, portanto, de si mesmos - que tal processo acarretaria para o filho. Cumprindo um destino de “trânsfuga”, este último, por sua vez enfrenta uma dilacerante contradição em relação a si mesmo: ter sucesso culpabiliza, pois significa trair suas origens; renunciar a ele também, pois representa decepcionar expectativas paternas (PIERRE BOURDIEU,2015).

É a violência simbólica, enraizada nas condutas discriminatórias, ainda dominantes na nossa sociedade. Manifestações e falas que geram o preconceito para quem vive nas comunidades pobres das metrópoles bem como pelos interiores das regiões brasileira. Inviabilizam projetos de vida, sonhos, reduzem a autoconfiança de crianças, jovens e adolescentes, que não têm culpa do sistema social no qual nasceram. Como afirma Felipe Silva (2017) no documentário ‘*Nunca me sonharam*’, dirigido por Cacau Rhoden e produzido pela Maria Farinha e o Instituto Unibanco: “O preto e o pobre da favela está no banco de reserva e só quem vai te colocar no jogo é o estudo, a leitura e mais nada.” O documentário apresenta reflexões de adolescentes e jovens estudantes acerca dos conflitos enfrentados durante o Ensino Médio na rede pública de ensino.

Para a participante RB, passar por uma faculdade particular representou um período de muitas tensões. A fala da participante transborda todo viés de preconceito e segregação que o negro sofre dentro dos ambientes acadêmicos sejam públicos ou particulares. Ela declara: *Era preciso provar o tempo todo que a minha capacidade não estava limitada no meu rosto “pobre”, na minha pele preta, no meu bairro de origem.* Para ela, conseguir atravessar aquele caminho de pedras, foi fundamental para a construção e fortalecimento de sua identidade, consciência social, respeito e valorização de suas lutas.

Infelizmente uma triste realidade que os jovens negros (pretos e pardos) enfrentam para vencer sua jornada acadêmica. E mesmo com a política das

cotas, facilitando um pouco seu ingresso nas faculdades, muitos desistem no meio do caminho. A desigualdade social e educacional os perseguem e dificultam completar o processo.

2.8.2. Da escola para a vida

[...]nada a temer, senão o correr da luta
 Nada a fazer, senão esquecer o medo
 Abrir o peito à força, numa procura
 Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais
 Mas onde se chega assim?
 Vou descobrir o que me faz sentir
 Eu, caçador de mim [...]
 (Milton Nascimento)

Neste segundo momento da dinâmica, as falas tematizam o período escolar referente à conclusão do Ensino Médio. Como adolescentes, depararam com seus conflitos pessoais, familiares e nas relações interpessoais ao passo que ingressam na transição para a fase adulta, construindo sua percepção de mundo, compreendendo seu contexto social.

Segundo Frota (2007 *apud* SILVA *et. al.* 2018 p.74),

Para a maior parte dos estudiosos do desenvolvimento humano consideram que ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas ajudam a traçar o perfil dessa população. Atualmente fala-se da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta. Nesta perspectiva de ligação, a adolescência é compreendida como um tal período atravessado por crises, que encaminham o jovem na construção da sua subjetividade.

Os participantes, conforme figura 9, apontam como uma fase de muitas expectativas em torno dos enfrentamentos cotidianos que surgiram ao longo do Ensino Médio. Nesta fase, a família orienta a conduta dos filhos sob outro olhar que vai além da proteção enquanto menores, o alvo passa a ser guiá-los para construção da sua autonomia e a pressão converge para o campo da

responsabilidade com a conclusão dos estudos e a possibilidade de tão logo ingressarem no mercado de trabalho.



Figura 9- Reflexões: Da escola para vida

Fonte: Figura criada pela autora

Nos contextos sociais vulneráveis, viver a adolescência com harmonia, parece ser uma tarefa difícil, tendo em vista que, na maior parte das famílias, as necessidades econômicas, que os afetam, impossibilitam de grandes expectativas de imediato. Os projetos de vida existem, mas colocá-los em prática envolve uma logística complexa, porque o que está em primeira mão é trabalhar o quanto antes possível.

Na família, dá-se o encorajamento necessário para uma autoestima elevada. Nela, os participantes destacam a base para a formação de suas identidades, formação de sujeitos com princípios e valores, influências intergeracionais que lhe sirvam de suporte nas horas emergenciais.

Os adolescentes são atores que interagem e reagem, negociam e redefinem a realidade social, conforme a pesquisadora Sales (2005, p.38), citada por Moreira *et. al* (2018) e, ainda

[...] constroem sua subjetividade nas redes que interagem, na organização social e cultura e neste contexto, constituem sua personalidade, seus afetos, desejos, emoções e vontade. Assim a sua subjetividade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais os indivíduos estão inseridos e também pelas experiências particulares que ele vivencia no interior dessa cultura que são irrepetíveis, e determinam as idiossincrasias e a individualidades de cada um (FERNANDEZ, *et al.*, 1984; BERGER; LUCKMANN, 2002 *apud* MOREIRA *et. al* 2018)

Imersos em uma fase que se acham ora decididos, ora indecisos, fortes ou frágeis, transitam inconstantes na procura de si mesmos. Quando os adolescentes se encontram bem aceitos no ambiente familiar e escolar é a garantia para o seu bem-estar social.

O diálogo, neste momento da pesquisa, reverberou muita emoção quando os participantes narraram situações negativas que envolveram o medo, a frustração, a insegurança, a fuga e a dor. De um lado, a pressão dos familiares, do outro, o descaso; falta de aceitação, incompreensão e abandono, temas, infelizmente, muito presentes no contexto escolar, perceptíveis, porém, por vezes silenciados pelos alunos.

O participante NS narra que se via inserido num contexto familiar onde era totalmente incompreendido na sua forma de ser e de se comportar. Desde muito novo foi uma criança brincalhona, facilmente fazia amizades, mas sempre foi muito educado, cordial, avesso a qualquer tipo de briga ou discussão. Fato que os familiares e alguns colegas não aceitavam e colocavam em dúvida sua orientação sexual. Questão que para ele nunca houve dúvidas. Ele declara: *Ao surgir o Projeto do Baile Literário, aproveitei a oportunidade e fiz da escola minha segunda morada. Só ia para casa quando não podia ficar mais na escola.*

Assim que concluiu o Ensino Médio, ficou um período afastado da escola, mas logo que possível, voltou a participar do projeto, mesmo já trabalhando. A importância de um ambiente que lhe fizesse se sentir aceito era tão forte e necessário que, muitas vezes, saía do trabalho direto para escola. Entre viajar com os pais durante as férias, sempre priorizou ficar em casa sozinho e como o projeto finalizava no mês de janeiro, a escola era seu maior suporte.

A participante RS também vivenciou este drama. A dúvida sobre sua orientação sexual, por causa da relação de amizade com uma colega, sua melhor amiga durante o ensino fundamental e médio, amizade além do contexto escolar, pois eram da mesma religião. No entanto, esta amizade gerava dúvidas e comentários entre os colegas e, por isso, ela sentia medo de que os boatos chegassem aos ouvidos de sua mãe. Certa de sua orientação sexual, ela não se abateu pelos julgamentos e fluiu bem nos estudos e no ambiente escolar.

Para a participante DA, o que pesou, neste período, foi o descaso da mãe em relação aos conflitos na escola por conta da insegurança, ainda resquícios da discriminação racial que sofreu quando morou na Espanha. Algumas briguinhas com os colegas, notas baixas nas disciplinas e até mesmo reprovação, só aumentava sua insegurança. Como ela afirma: *Minha mãe nunca acreditava no que eu falava, sempre achava que era invenção da minha parte.* Destaca também que ao engravidar, no último ano do Ensino Médio, encontrou na avó e nos colegas o maior suporte emocional. Considera que sua reprovação foi injusta, pois umas das professoras da disciplina que precisou fazer a prova e recuperação final, não considerou seu período inicial como mãe que lhe impossibilitava de estar na escola nos horários devidos.

A consideração destes dois participantes exalta a escola como um espaço de escuta e acolhimento e a põe num patamar inquestionável, em relação à influência positiva que pode salvar os educandos do caos social e familiar em que estão inseridos.

Outro ponto bastante levantado, foi a questão da qualidade do ensino público, didática dos professores que, enquanto Ensino Médio, para alguns adolescentes não faz muita diferença, para outros significa muito quando pensam no ingresso à faculdade. Sofrem uma mudança extrema do ensino fundamental para o médio e, mais ainda, quando chega o momento de fazer o ENEM, pois poucos professores trabalhavam o conteúdo, neste sentido, em sala de aula.

A participante MS declara: [...] *achei melhor buscar suporte em um cursinho pré-vestibular, ainda cursando o 3º ano, fato que melhorou meu aprendizado. Tinha o objetivo de entrar na faculdade logo no ano seguinte, após minha conclusão do ensino médio.* Conforme a fala de Ricardo Henriques, Superintendente do Instituto Unibanco, no documentário *Nunca me Sonharam*, “[...]a cada momento que a escola abre mão de se dedicar a aprendizagem dos estudantes, ela está aumentando o custo da sociedade. ”

Equidade no sistema de ensino é tema de longos debates por estudiosos da educação, no entanto, esperar respostas imediatas do sistema é um erro. A certeza está nas escolas com práticas exitosas, mesmo inseridas no contexto devastado pelo descaso dos gestores estaduais e municipais. Quando a escola

é atrativa tem o poder de fazer com que o aluno dê sequência a seus estudos. Prefiro acreditar no professor que segue a trilha sonora “*longe se vai sonhando demais*”, frase da música de Milton Nascimento, e na escola que sonha junto com seu aluno.

Quanto aos pontos positivos, temos dos participantes a certeza de que *você pode ser o quiser* com muita luta e determinação, independente do sofrimento é possível buscar a desconstrução de julgamentos errôneos. Evoluir faz parte da mudança, mas, na escola, acontece com as descobertas, o companheirismo e, acima de tudo, com o respeito. Assim, o desenvolvimento humano vai fluindo no encontro com o saber, como os erros e acertos, próprios da fase da adolescência.

2.8.3. Pé na estrada

Só quem toma um sonho
Como sua forma de viver
Pode desvendar o segredo
De ser feliz...

Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão
Todo artista tem de ir aonde o povo está
Se foi assim, assim será
Cantando me desfaço e não me canso
De viver nem de cantar...
(Roupa Nova e Milton Nascimento)

Nesta fase final da dinâmica, os participantes encontram-se conscientes da trajetória de suas falas que configurou um processo de escuta sensível das histórias da vida de cada um, ali presentes. Dominados pelo sentimento da empatia, reconhecem-se nas lutas, dores, expectativas e alegrias vivenciadas por cada um.

A adolescência é quase sempre uma fase vivida com intensidade. A conclusão do Ensino Médio é uma meta cheia de expectativas para adentrar na vida adulta. Se durante este ciclo do ensino as cobranças dos pais são intensas, fora dele o peso é dobrado quando se deparam estagnados, fora do mercado de trabalho e sem ingresso no ensino superior. Para os participantes, é o momento de *standby* temido por todos.

Para colocar o pé na estrada, conforme figura 10, necessita saber que os riscos existirão e o enfrentamento é o caminho para acertar, errar, recomeçar até achar o prumo.



Figura 10 – Reflexões: Pé na estrada
Fonte: Figura criada pela autora

Alcançar a tão sonhada liberdade, conquistas materiais com seus próprios recursos financeiros, a possibilidade de atingir as metas pessoais projetadas com muita determinação resume o que há de positivo nesta nova fase da vida, que fica no campo desejável das expectativas. No entanto, no campo real, as juventudes que estão inseridas nas comunidades têm uma árdua luta diária.

Sair da escola e encarar o mundo é, segundo os participantes, um processo seguido de muita ansiedade e insegurança. Enfrentar os obstáculos, se refazer das decepções de objetivos frustrados, muitas vezes, deixa-os perdidos, numa afiliação diante das cobranças que vai além do contexto familiar. Ver alguns colegas avançando, enquanto se encontram ainda no ponto zero afeta-os em sua saúde mental e fisicamente. Questionam-se: onde encontrar estímulo e autoconfiança na sua capacidade para vencer aquele momento? Como descobrir suas competências?

Para a participante JC, a gravidez, logo após a conclusão do Ensino Médio, foi assustadora. Mesmo com um certo apoio da mãe, ela própria não aceitava estar naquela condição. Sem emprego, sem estudo e grávida. Segundo ela, [...] *A gravidez após o término do Ensino Fundamental foi algo assustador,*

pois não estava nos meus planos ser mãe...queria trabalhar, viver, mas enfim, engravidei.

Segue seu relato, declarando que: *Após descobrir a gravidez tive o total apoio de minha mãe... conheci a tia do pai meu filho que trabalha com doces e salgados, e sempre que precisava de ajuda me perguntava se estava disponível para ajudá-la com algumas encomendas. Assim que B nasceu ela me deu a ótima ideia de vender doces e salgados... precisava trabalhar, então não pensei muito e só fui... com o tempo passando, passei a fazer sobremesa e assim segui a minha vida.*

Foi extremamente cansativo, pois virava a noite trabalhando e cuidava do meu filho durante o dia, mas era gratificante, pois finalmente consegui um trabalho para sustentá-lo e fazer com que ele fosse uma criança feliz. Levou um certo tempo para equilibrar-se emocionalmente e quando se deu por vencida pelo poder da gestação e da responsabilidade que tinha pele frente a participante JC resgatou toda sua determinação em transformar sua realidade em benefício do seu filho.

Para o jovem DS, levou um certo tempo para entender que a vida devia ser encarada com mais leveza, desconsiderar as cobranças que partem de pessoas que desconhecem seus objetivos e anseios. Viver um dia de cada vez se fez necessário para seu autocuidado.

Neste mesmo sentido, a participante LS também preferiu procrastinar seus objetivos e declara: [...] *preciso entender que por mais urgente que sejam suas necessidades, sem qualidade e equilíbrio emocional nada flui muito bem.*

A participante AM ressignificou também sua realidade. Durante o Ensino Médio, passou por um período doloroso acompanhando um tratamento de saúde de sua mãe. Tão logo pode, ingressou na faculdade, pagando com seus próprios recursos, fazendo serviços autônomos. Destaca que, por todo sofrimento vivido durante o ciclo escolar entre a infância e a adolescência, hoje, adulta, se coloca sempre em primeiro lugar. Vive a sua história como quer, sem se preocupar com opinião alheia, com total autonomia para seguir seus desejos. Assim, declara: *Hoje sou a melhor versão de mim mesma. Reconhecendo-me como protagonista de minha vida. Parte importante para construir a minha história deixando,*



Figura 12- Roda de conversa – grupo 2
Fonte: Foto do acervo pessoal

2.9. AUTODIAGNÓSTICO

A metodologia da pesquisa-ação exige do pesquisador e dos pesquisados explorar, no máximo, tudo que possa servir como tomada de consciência, conhecimento, acumulação e sistematização de dados.

Para Pedro Demo (2018), o autodiagnóstico é parte do planejamento participativo, ele afirma que deve ser

[...] Entendido como confluência entre conhecimento científico e saber popular, precisamente na acepção teórico-prática do diagnóstico realizado no fundo pelo próprio interessado; o conhecimento científico é fundamental, mas instrumental e somente se torna útil à comunidade

se for digerido por ela como autodiagnóstico: ideias podem vir de fora, desde que se tornem de dentro; usam-se formas de levantamento que nada têm a ver com empirismo; levantamento científico bem feito só ajuda, embora nunca esgote a realidade e o problema(DEMO, 2018, p.237)

Neste sentido, a realização da roda de conversa buscou como objetivo principal levar aos participantes a compreensão da sua importância como parte no estudo em questão. O cuidado em distanciá-los do simples objeto de pesquisa, tendo como propósito validar suas falas e conclusões a respeito das temáticas discutidas.

Ainda conforme Demo (2018), a ciência deve estar a serviço da emancipação e, para que isso ocorra, é preciso estratégia de enfrentamento prático dos problemas detectados, bem como a necessidade de organização política da comunidade como meio e fim.

O compromisso com os participantes na pesquisa-ação é o que a torna uma metodologia que vai para além do formal, especialmente, no campo da educação. Não terá sentido um estudo sem que nele busque, ao lado dos seus pesquisados, o exercício da consciência política no contexto social, bem como condição para intervenção no processo investigado. Assim deseja todo aquele que se vê enredado num projeto de pesquisa. “Considera-se uma violência contra a realidade social tratá-la como mero objeto, imaginando que entre sujeito e objeto somente possa existir relação formal. (DEMO, 2018. p. 232).

A proposta final da dinâmica da Roda de Conversa foi a sugestão de que os participantes escrevessem uma ou duas laudas a respeito das reflexões levantadas naquele encontro. Uma atividade denominada *Dever de casa*, sem nenhuma obrigatoriedade, conforme foi esclarecido na leitura do TCLE e na instrução da dinâmica. Os textos foram transcritos exatamente como os participantes escreveram em seus cadernos. Como instrumento de pesquisa, estes escritos denunciam e reforçam o que muitos educadores percebem na sua jornada diária no contexto escolar. É fonte para colaborar com a transformação nos moldes do fazer educação.

TEXTO I - A importância de ser protagonista na vida de alguém

Participar do Baile Literário me fez perceber o quanto juntos somos capazes e eficazes no que temos de melhor no mundo: a Harmonia.

Foi nele, que aprendemos que dá para incluir alunos novamente na sala de aula novamente diminuindo até mesmo a evasão escolar através de projetos socioeducativos. Falar sobre evasão sem tocar na sua gênese é como montar um quebra cabeça sem a peça principal.

Em nossos encontros pude perceber a razão pela qual muitos colegas nossos amaram e foram até mesmo protagonistas deste projeto.

Identificamos problemas como a timidez, quebra de vínculo familiar, a dor do abandono e outros tantos problemas que tornam a ausência e desinteresse de um aluno dentro da sala de aula. E, por que não falarmos sobre a falta de projetos na unidade escolar?

Ao reunir ex-estudantes de anos diversos pude ver que assim como eu, tantos outros jovens foram marcados por este acontecimento que mudaram nossas vidas. Fomos incluídos em oficinas de teatro, dança, música, artesanato, pintura. Muitos dons e talentos revelados. Participei da 10ª Edição e vi simples alunos de um bairro periférico de Salvador, como o Lobato, virarem artistas. Através do baile descobri em mim o amor pelo serviço social, a arte de incluir pessoas, entendendo que a educação ainda é a chave para um futuro melhor.

TEXTOS II – Sem título

A dinâmica apresenta um conteúdo bem profundo. Pude me reconectar com outras versões minhas, até mesmo as silenciadas, além de enxergar os outros participantes com mais zelo.

Nas três etapas tive uma conexão e atenção em poder vivenciar novamente situações boas e outras não tão boas, mas tive força para encarar e reafirmar a importância desses momentos para a construção do meu eu atual. Afinal a vida não contém apenas bons momentos, se fosse assim a desvalorizaríamos.

Outros pontos perceptivos foram as histórias e lutas nunca imaginadas que outros participantes passaram. A energia forte e boa sentida ali, o ambiente

seguro, a preparação e a forma como tudo foi conduzido tornava o compartilhamento e a troca leve, e até para aqueles mais distantes.

Em um âmbito geral, projetos como estes tendem a eternizar momentos e servem como referência no decorrer da vida. O baile não só inspirou à direção, mas a emoção e a conexão existem em mim até hoje, mesmo depois de 08 anos de espetáculo.

Saber dos pesares que eu enfrentei está sendo enfrentado por outras pessoas, ou que o outro enfrentou e está vivenciando agora nos aproxima e nos torna mais forte.

TEXTO III – Sem Título

Então o que posso dizer desse encontro com antigos colegas do colégio estadual Dalva Matos... foi uma incrível e ótima experiência.

Ouvir as histórias de cada um foi motivador e, empolgante um grande aprendizado. Posso dizer que foi uma terapia em grupo muito necessária. Me fez olhar os meus colegas de um ângulo que talvez, se não fosse este dia, nunca teria olhado.

Constantemente julgamos as pessoas nos baseando apenas nas poucas horas que passamos com elas ou pelo que já ouvimos falar sobre elas ou por alguma ação que fizeram em um determinado momento. Infelizmente nestas horas nos falta empatia pelo próximo. Mas um dia ouvi uma frase bastante interessante sobre este assunto que dizia: “o que pensam sobre você não define quem você é; as pessoas estão te olhando a partir das experiências delas, mas só você sabe o que traz na essência”.

Essa citação seria tanto para nós enquanto julgados quanto para nós enquanto julgadores. Não nos cabe definir ninguém, pois não nos conhecemos na íntegra. E não devemos nos preocupar com a definição que os outros nos dão, pois muitas vezes nem nós mesmos nos conhecemos por inteiro, quem dirá outra pessoa. Muitos já conquistaram seus sonhos, alguns já estão perto de conquistar e outros ainda estão no início do caminho.

Este encontro também me fez lembrar que não sou a única a passar por altos e baixos na vida. Cada um tem suas lutas e dificuldades para enfrentar e seus traumas para curar. Mas todos devem sempre lembrar de “insistir, persistir e nunca desistir”.

Em resumo, aprendi que o importante é se rodear de pessoas que te amam, querem o teu sucesso e torcem por você; pessoas que te ajudam a alcançar seus objetivos e a realizar seus sonhos; focar nos seus alvos e seguir dando um passo de cada vez, e acima de tudo sempre sendo grato pelo que até o momento conquistou.

TEXTO IV – SEM TÍTULO

A experiência de trabalhar com as lembranças de antes, durante e depois da escola foi incrível. O fato compartilhar coisas que a maioria não tinha ciência, aprender com elas, mostra o processo de evolução e através do debate perceber coisas em comum com ex-alunos que, muitas das vezes nem temos aproximação foi inexplicável. O ambiente aconchegante com sorrisos e olhares iluminados e cheios de saudades ao rever pessoas que já foram nossos companheiros de classe foi muito nostálgico e esse momento nos proporcionou uma fuga de nossa rotina que é ser adulto e não estar mais no colégio estudando e passando o tempo com os colegas.

O colégio me trouxe tantas coisas, pessoas incríveis e de grande aprendizado, desde projetos até as horas a mais da inclusão do tempo integral, alguns projetos como a feira das nações, desfile da consciência negra, baile literário e programas de conscientização que foram de grande importância na minha época de escola. Lembro-me muito bem de um projeto que fez todo o colégio se agitar e trabalhar junto (era uma parceria comunidade e alunos) que foi o projeto “Tô ligado na energia”. Todos os alunos participaram, separados em duas equipes e o objetivo era vencer a gincana e juntar o máximo de pontos. Uma delas era coletar a maior quantidade de material reciclável (nunca imaginei que coletar material reciclável com os amigos fosse tão divertido assim...kkk); e apresentação de dança e teatro com o intuito de conscientizar todo o bairro com o tema energia. Foi uma disputa saudável e de extrema importância tanto para

os alunos e professores como os moradores do bairro. O colégio me fez bem mesmo nos meus piores momento.

2.10. FECHAM-SE AS CORTINAS

Compreender que a função social do pesquisador está em possibilitar aos sujeitos pesquisados o merecido protagonismo, sem dúvida, torna o estudo científico singular.

Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Os problemas consistem em saber como alcançar determinados objetivos, produzir efeitos, conceber objetos, organização, práticas educacionais e suportes materiais como características e critérios aceitos pelos grupos interessados.

Este estudo, que está intimamente ligado com os problemas enfrentados pelos professores no contexto escolar e que são causas de muitas investigações sustentado pelas ciências sociais, pode revelar a necessidade de tornar público as vozes, os sentimentos, as ideias daqueles que sofrem com a invisibilidade

social, violências simbólicas, déficit educacional, pela falta de oportunidades para construção de um projeto de vida possível.

Ao definir metodologia, Pedro Demo (2018), afirma que

Não faz sentido buscar cientificidade por ela mesma, porque método é apenas instrumento. Faz sentido, isso sim, fazer ciência para conseguirmos condições objetivas e subjetivas mais favoráveis de uma história sempre mais humana. É um absurdo sarcástico jogar fora da ciência o que não cabe no método. Se a ciência se der a isto, não passará de algo mesquinho(DEMO, 2018, p.260).

A tomada de consciência do pesquisador vai se transformando em novos contornos ao longo processo do estudo e, ao lado dos pesquisados é possível estabelecer uma relação entre o saber formal e informal com alternativas metodológicas que possam respaldar o propósito da investigação.

Quando Paulo Freire destaca em seu livro “Política e educação” ser importante desmistificar a ciência, pondo-a num lugar que não desmereça as vivências e valorização do senso comum, abre caminhos para colaborarmos com um processo de aprendizagem em constante aperfeiçoamento para alcançarmos a realidade dos educandos, compreendendo as suas histórias de vida e perspectivas.

Vale também destacar o que foi denominada por Freire de docência - a docência intimamente ligada com a discência -, um conceito que deixa evidente a importância de um professor pesquisador que vai aperfeiçoando seu trabalho numa ação conjunta com seu campo de trabalho, envolvendo os discentes com movimentos participativos que agreguem mais conhecimento e tomada de consciência para transformar no melhor que possa a vida deles.

E assim, este estudo tomou forma sob a égide da pesquisa-ação, na sua estrutura mais reflexiva e fluida dos procedimentos, base fundamental para sistematizar o conteúdo social e científico relevante para o que se propõe chamar de pesquisa científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É PERMITIDO SONHAR!

Nas estradas da educação pública, trilhamos por terras férteis, mas que, certamente, encontram-se necessitadas de constante irrigação para que as sementes, nelas depositadas, possam vir a ser bons frutos. Em tempos difíceis, que as relações humanas se encontram desequilibradas, o dom da palavra deve ser um exercício de aprimoramento diário. Assim sendo, o contexto escolar nunca necessitou de tantos cuidados como nos tempos atuais. No solo escolar, estão depositadas sementes de todas as espécies e, reconhecer em cada uma delas - nossos educandos -, suas disparidades e semelhanças faz parte da função de cada profissional que ocupa aquele território.

Impossível conceber educação sem afeto, respeitabilidade e inclusão. Fatores estes que representam o sol e a água que as sementes necessitam para

desenvolver-se saudáveis. Por mais prejudicadas que tenham sido em sua origem, é possível tratá-las com o devido cuidado, acreditando nas possibilidades de fortalecê-las no seu crescimento. O Estado, mesmo com todo investimento em política pública educacional, não resolve a infinidade de problemas que envolve o ensino público. É um engano acreditar num processo unilateral, desprovido de ações que envolvam todos os segmentos da sociedade. Faz-se necessário sairmos da nossa área de conforto e conhecer, pisar, sentir o chão em que estão inseridos os discentes da rede pública de ensino e, neste sentido, a educação deve atuar e muito.

Nas últimas duas décadas, o cenário da educação brasileira passou por transformações vertiginosas para acompanhar o avanço global que vem exigindo indivíduos cada vez mais qualificados, um engajamento desenfreado com as tecnologias da informação e comunicação, para não correr o risco imediato de serem substituídos pela inteligência artificial. E, neste contexto, encontram-se os docentes e os discentes desvendando possibilidades para o gerenciamento do conhecimento num contexto social, infelizmente, com profundas desigualdades, longe de serem sanadas.

O drama da desigualdade educacional está presente em todas as unidades escolares do Brasil. Está no outro lado do território, no qual seu chão encontra-se desgastado, sem condições de ser produtivo devido a sua extrema pobreza, abandono, descaso. Os números estatísticos revelam uma população jovem enquadrada no analfabetismo, desqualificados, desocupados.

Segundo a reportagem de Flávia Albuquerque (2013), divulgada no site da Agencia Brasil, um estudo feito sobre dados específicos da empregabilidade de jovens no Brasil, realizado pela Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego aponta que - dos 207 milhões de habitantes do Brasil, 17% são jovens de 14 a 24 anos, e desses, 5,2 milhões estão desempregados, o que corresponde a 55% das pessoas nessa situação no país, que, no total, chegam a 9,4 milhões.

O estudo também revela que

[...] entre os jovens desocupados, 52% são mulheres e 66% são pretos e pardos. Aqueles que nem trabalham nem estudam - os chamados

nem-nem - somam 7,1 milhões, sendo que 60% são mulheres, a maioria com filhos pequenos, e 68% são pretos e pardos (<https://agenciabrasil.ebc.com.br>).

Como reverter este quadro que se faz visível nos diversos contextos, e, diga-se de passagem, independente de classe social, pois lá estão eles: analfabetos funcionais, qualificados desempregados, semianalfabetos fora da sala de aula, analfabetos sobrevivendo sob o domínio do letrado ou do parcialmente letrado.

Pela estrada, seguimos certos de que o problema se alastra nas questões socioeconômicas que segrega a população brasileira. Também sabemos que a educação não trará, de imediato, a solução para acabarmos com toda a desigualdade social que marca a maior parte da população, mas é nela que está o segredo para tirarmos o joio que insistem em plantar no nosso território. Um povo letrado é o começo para libertação.

Nesta rota, encontramos professores vivenciando o desafio de exercer a profissão, tão desgastada e desacreditada, mas que tem sua história registrada em cada avanço que a categoria alcança com muita luta e resistência. Uns desistem no meio do caminho, outros seguem acreditando que a mudança ocorre num processo contínuo que requer o sentimento da esperança, a crença no seu "*fazer a educação brotar*" potencializado em cada palavra, proposta pedagógica que permita contemplar o seu instrumento de trabalho, naquilo que ele mais necessita.

Que os gestores setoriais do Ministério da Educação passem a subsidiar projetos interdisciplinares que interliguem as redes de ensino dos estados e dos municípios, e que sejam desenvolvidos de forma continuada, que possam ser sempre reformulados em benefício dos educandos. Reverenciar o apoio aos professores, escutá-los, envolvê-los em projetos inovadores, em pesquisas científicas que contribuam para dar qualidade ao seu trabalho.

No percurso desta pesquisa, fortaleceu-se mais ainda a percepção de que é salutar integrar docentes e discentes em trabalhos pautados pelo compartilhamento. Neste momento, peço licença para direcionar as próximas

linhas aos discentes das escolas públicas localizadas nas comunidades das periferias do Brasil

As unidades escolares localizadas em contextos considerados perigosos, desprovidos de serviços públicos essenciais, povoados pela população pobre ou em extrema pobreza, tem como comunidade escolar crianças, adolescentes e jovens, estigmatizados por um olhar duro e massacrante de parte da sociedade. Vítimas, portanto, de uma história sustentada por uma classe dominante, a qual não lhes dão a oportunidade de mudar o enredo.

O professor tem a função de professar por meio da palavra. Para esta população, temos o dever de pôr em prática o espírito da solidariedade, a responsabilidade de modificar as consciências, entender que o silêncio mata. Na sala de aula, com ações educativas que contemple a realidade dos alunos, é possível escutá-los e conhecer a sua história. Cabe-nos denunciar as injustiças, dando-lhes possibilidades para que encontrem o caminho que possam mudar a realidade em que estão inseridos.

É contemplando a qualidade do que se é ensinado e ressignificando as propostas educativas que muitos professores, lotados em unidades escolares esquecidas pelos gestores públicos, furam a bolha do silêncio e com espírito resolutivo resgatam a dignidade humana que existe no outro. Dizer o que deve ser dito, resgatar o respeito, a autoridade, valores importantes para salvar. Cabe a nós, docentes, palavras acolhedoras e também de repreensão nos momentos oportunos.

Neste estudo, que teve como objetivo compreender a importância da implementação de projetos interdisciplinares, no contexto escolar, para desenvolver estratégias que despertem nos educandos atitudes positivas para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais que afetam no processo ensino-aprendizagem, foi apresentado, como exemplo, uma atividade escolar interdisciplinar, tendo como base a leitura literária. Esta atividade desenvolvida com alunos de uma escola da periferia de Salvador possibilitou ver questões relevantes que se tornaram objeto de estudo desta pesquisa e, através da coleta de dados, evidenciou-se três importantes constatações.

Primeira, naquele território, os educandos representam sementes que merecem ser cultivadas com amor e respeito. Tudo que precisam é que lhes

sejam apresentadas oportunidades de sonhar e como protagonistas tornar real seus desejos, tão presentes na trajetória escolar. Ao longo da pesquisa, os pesquisados declararam o quanto é importante encontrar no contexto escolar sentimento de empoderamento ao aluno por meio de ações educativas que os desafiem, os coloquem em evidência. E, neste sentido, o diálogo, a escuta entre aluno e professor é essencial para uma aprendizagem contextualizada com os novos paradigmas educacionais.

A segunda constatação é que ali se encontram famílias que sonham com seus filhos, buscam uma melhor qualidade de vida para eles, e também têm aquelas desacreditadas de si e do futuro dos filhos, devido ao caos social no qual estão imersos. Silenciam diante da necessidade de manter os filhos na escola pelo estrito cumprimento do dever legal, mas principalmente como garantia alimentar mínima. Por outro lado, existem aquelas que priorizam o trabalho no lugar da escola, fato visivelmente crescente ao longo dos anos e, mais recentemente, de acordo com Censo Escolar 2022, que registraram mais de 1 milhão de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos fora da escola no Brasil.

A terceira constatação está no rumo diverso que o projeto do Baile Literário tomou ao longo dos anos. Tendo como propósito principal fazer com que os alunos adquirissem o gosto pela leitura, outros objetivos foram alcançados. As famílias dos alunos envolvidos no projeto passaram a vivenciar mais de perto a realidade dos filhos no contexto escolar.

Os educandos passaram a se movimentar na escola com mais autonomia, participação e empenho nas atividades escolares. Quando ocorrem atividades escolares que promovem a socialização entre os educandos e a comunidade a escola se torna mais atrativa, os educandos aperfeiçoam o sentimento de compartilhamento e poder de criação, sempre acreditando no seu potencial.

Ademais, a prática da leitura foi se aprimorando e ganhando destaque num segundo plano, porque no primeiro, se fez fortemente notável a leitura de mundo que eles puderam alcançar, protagonizando suas próprias histórias no contexto escolar, por trás de cada personagem literário escolhido. A cada desafio aceito, dentro e fora da escola e que contribuíram para realização de seus projetos de vida, reconheceram na educação e na família o melhor caminho para descobrir-se no mundo, desejo de todo jovem.

Por fim, investigar os seus interesses, vulnerabilidades e desejos, concomitante com estudo pautado em referências das ciências sociais resultou num conjunto de dados que podem contribuir com a redes de ensino no desenvolvimento de um planejamento pedagógico mais humanizado e integrado, que acolham melhor as demandas dos educadores, dos educandos e seu núcleo familiar. Um estudo que não se encerra nesta pesquisa e que é passível de divulgação, mais exploração da temática nos ambientes acadêmicos e nas redes de ensino.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa consolido minha trajetória em sala de aula. Neles, por eles e com eles, sigo com a certeza do quanto é importante a reconstrução diária das condutas e consciência social dos educadores, tão necessárias para o exercício do magistério e para contribuir com a formação de educandos comprometidos com sua evolução educacional e social sob a luz da esperança de formarmos uma juventude sonhadora.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Flávia. **Pesquisa mostra 5,2 milhões de jovens entre 14 e 24 anos sem emprego.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em 22 de junho de 2023.

ALVIM, Márcia Cristina de Souza. **O Status Constitucional da Criança e do Adolescente: Dignidade e Educação.** In: ANDREUCCI, Ana Cláudia Pompeu Torezan; CARACIOLA, Andrea Boari; FREITAS, Aline da Silva (Org.). Estatuto da Criança e do Adolescente: Estudos em comemoração aos 20 Anos. São Paulo: Ltda., 2010, p. 52.

AMIN, Andréa Rodrigues. **Curso de Direito da Criança e do Adolescente: Aspectos Teóricos e Práticos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009, p.20.

Base Nacional Comum Curricular disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em 22 de junho de 2023.

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação: uma metodologia do conhecer e do agir “coletivo”.** Sociedade em Debate, Pelotas, 7(2): 5-25, Agosto/2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Pierre Bourdieu, escritos de educação. 15. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BRASIL. Lei no. 8.069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 2015.

BRASIL. **Lei 8.069 de julho de 1990.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 2013.

BRASIL. **Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023**, que institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada.

BRUSCHINI, C. (1989). Uma abordagem sociológica de família. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 6(1),1-23. Recuperado de <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/562>.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1983.

Cenário da exclusão escolar no Brasil: É preciso encontrar e trazer para a escola os 2,8 milhões de crianças e adolescentes que estão excluídos. Pdf. Disponível em <https://buscaativaescolar.org.br/>

CARVALHO, Rosely Cabral de. **Violências nas escolas: do diagnóstico à intervenção**/Rosely Carvalho, Sinara de Lima Souza, Paulo Amaro dos Santos Neto (organizadores –Curitiba: CRV.2019.

Compromisso Nacional da Criança Alfabetizada. Disponível em <https://www.gov.br/mec/pt-br/crianca-alfabetizada>. Acesso em agosto de 2023.

CONCEIÇÃO Evaristo: Dados biográficos. Belo horizonte, 28 jun. 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 28 ago. 2022.

COSSON, Rildo. Como criar círculos de Leitura na sala de aula. São Paulo: Contexto,2021.

_____. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª edição. São Paulo. Contexto, 2022.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª edição. São Paulo. Contexto,2022.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Desafios da educação: 178 mil crianças não frequentam a pré-escola por dificuldade de acesso. Disponível em <https://desafiosdaeducacao.com.br/>. Acesso em setembro de 2023.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**.3ª edição. São Paulo. Atlas.2018.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Trad. João Carlos Petrini. Coleção: Família na sociedade contemporânea. São Paulo- SP: Ed. Paulinas, 2008.

FARIAS, Cristiano Chaves de. **Escritos de Direito de Família**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo

desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

FILHO, Luciano Mendes Faria. **Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**, 36. ed. São Paulo, 2009.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 78 edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2021.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez, 2017.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 54ª edição. Rio de Janeiro. Paz e terra, 2022.

Gênero e sexualidade na BNCC: possibilidades para implementação da disciplina educação para sexualidade na educação básica | Araújo | Revista Interinstitucional Artes de Educar (UERJ.br).

Gil. Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo. Editora Atlas. S.A. 2008.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventudes, cultura e movimentos**. Universidade Federal de Alfenas – MG, 2016.

JARDIM, Alyne de Souza; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; GALHARDO, Irma. **O letramento literário: a literatura escolarizada**. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n32.13219>.

JESUS, Carolina Maria. Belo horizonte, 5 ago. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 15 out. 2022.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**. Trad. Marco A. Coutinho; Jorge e Potiguara da Silveira. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2008.

LAKATOS Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M.C. S. O desafio da pesquisa social. MINAYO, M.C. S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. (Orgs.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. p. 9-30.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos Moreira; RABINOVICH, Elaine Pedreira; FORNASIER, Rafael Cerqueira. (Orgs.). **Adolescentes & adolescências: família, escola e sociedade**. Curitiba: CRV, 2018.

NOGUEIRA, P. L. **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

NOZAKI, Izumi; DIAS, Tatiane Lebre; FERREIRA, Ana Cirlene. **Fracasso Escolar e Exclusão Social**.

Desigualdade racial na educação brasileira: um guia completo para entender e combater essa realidade. Disponível em <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br>. Acesso em setembro de 2023.

PETRINI, João Carlos; DIAS Marcelo Couto. **Família no debate cultural e político contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido ; FRANCO, Maria Amélia S (orgs). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**, vol. 2. 2.ed – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PINHEIRO, Leandro Rogério; **Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041>. Acesso em setembro de 2023.

PORTES, Écio Antônio. **O trabalho escolar das famílias populares**. In: NOGUEIRA, M.A; ROMANELLI, G; ZAGON (Org). **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 2000. p. 63-8.

PRAXEDES, Walter. **A educação reflexiva na teoria social de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. **Pierre Bourdieu e a educação:** a construção do habitus e os campos sociais. Disponível em <https://walterpraxedes.wordpress.com/2017/06/07>. Acesso em agosto de 2023.

Rede brasileira de pesquisa em soberania e segurança alimentar e nutricional. **Uma em cada cinco famílias chefiadas por pessoas autodeclaradas pardas ou pretas sofre com a fome no Brasil**. A situação é pior nos lares chefiados por mulheres pardas ou pretas. Disponível em <https://pesquisassan.net.br/>: Acesso em agosto de 2023.

RAPOPORT, Andrea; SARMENTO, Dirléia Fanfa. **Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva Vygotskiana**. In RAPOPORT, Andrea et al (orgs.). **A Criança de seis anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SAMPAIO, Dulce Maria. **A pedagogia do ser: Educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SILVA, Andressa Lima da; MATIAS Juliana Cândido; BARROS, Josemir Almeida. **Pesquisa em Educação por meio da pesquisa-ação**. Revista Eletrônica Pesquisa educação - Revista do Programa de Educação - Universidade Católica de Santos, 2021.

Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira. 2019. Disponível em

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em agosto de 2023.

SOUZA Carolina M. B. de. **Família na contemporaneidade: mudanças e permanências**. CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 623-625, Set./Dez. 2008.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

1. TÍTULO da PESQUISA: Baile Literário: dos contos aos encantos de jovens e adolescentes de uma escola da periferia de Salvador.

2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Marineuza Moura. Cargo/Função: Professora; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR À PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa intitulada: **“Baile Literário: Dos contos aos encantos de jovens e adolescentes de uma escola da periferia de Salvador”**, que será desenvolvida por Marineuza Moura, em investigação de mestrado do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Família na Sociedade Contemporânea. O objetivo principal da pesquisa é compreender a importância da implementação de projetos interdisciplinares, no contexto escolar, para desenvolvimento de estratégias que despertem nos educandos atitudes positivas para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais que afetam no processo ensino-aprendizagem.

Tem como objetivos específicos: analisar a percepção sobre educação e a relação da vulnerabilidade familiar junto ao abandono do processo ensino aprendizagem; refletir sobre a necessidade de ações educativas que desenvolvem as competências cognitivas e despertam o sentimento de pertencimento e valorização das vivências e experiências pessoais do aluno meio escolar; compreender a importância de uma escola reflexiva que prioriza ações pedagógicas que levam em consideração a história de vida dos educandos, buscando a autovalorização do pensamento crítico e criativo dos educandos.

Sua participação consistirá em ser entrevistada, com base em um roteiro que contém perguntas relacionadas ao tema estudado. Será convidado (a) a participar de entrevistas e aplicação de questionário e grupo focal, com temáticas relacionadas ao projeto *“Baile Literário: promovendo o protagonismo de jovens e adolescentes”*. Para garantir a sua proteção emocional e psicológica, haverá o cuidado em manter a privacidade no momento da aplicação do questionário, dos encontros da Roda de Conversa e ofertaremos o amparo psicológico ou assistencial, caso necessário, oferecido via atendimento remoto devido a medidas protetivas do COVID – 19, com agendamento e em consonância com a anuência institucional. O atendimento será feito pelo profissional Dr. Ricardo Souza Cruz, psicólogo, inscrito no CRP sob nº 03/19.414 e no CPF sob nº 702.701.715-68.

1. Caso não se sinta à vontade com alguma questão do questionário, poderá deixar de respondê-la, sem qualquer prejuízo, sendo devolvidas anotações até então realizadas.
2. Durante dos encontros da Roda de conversa, poderá ausentar-se quando achar necessário e/ou recusar a falar caso não sinta à vontade e/ou não entregar as produções textuais se não se sentir à vontade.
3. As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científico acadêmicos e sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato e confidencialidade, preservando e mantendo total confidencialidade e sigilo quanto à identidade, processo e relações de intimidade;
4. Sua participação não lhe causará nenhum custo financeiro e nenhum ônus. Mas caso haja alguma despesa em decorrência desta entrevista o (a) senhor (a) será ressarcido (a).
5. Essa pesquisa está em conformidade com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP. A aplicação do questionário será realizada a partir de um roteiro que contém perguntas relacionadas ao tema estudado (prevista para realização em aproximadamente 03 horas, excetuando-se o tempo para leitura e explicação deste termo e intervalo para lanche) e caso for necessário poderá ser agendado um outro encontro para finalizarmos.

Serão realizados 02 (dois) encontros de para realizar a técnica de Roda de Conversa, com temas sugeridos pelo pesquisador e objetivos específicos, embasadas nas narrativas em relação ao tema *Baile Literário: Dos contos aos encantos de jovens e adolescentes de uma escola da periferia de Salvador*, com duração de 03 horas cada encontro. No final da dinâmica da roda de

conversa você será estimulada a produzir um texto sobre si, onde poderá escrever em um diário, com seus entendimentos, sentimentos e emoções após a participação dos grupos.

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o pesquisador. Caso desista de participar de uma das etapas da pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade de interromper e excluir os dados coletados e entregar o material produzido até o momento da declaração de não anuência. O benefício de sua participação consiste na ampliação do conhecimento sobre a importância da promoção de ações educativas que vislumbram o protagonismo juvenil com estratégias que potencializam a autovalorização das histórias de vidas dos educandos. O estudo poderá trazer resultados parciais e finais caracterizados pela produção e difusão de conhecimento em nível do mestrado acadêmico.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES E CONTATOS DE RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

Caso o (a) Sr. (a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável. Marineuza Moura – Telefone: (71) 99664-4746 ou [mariminha2011@hotmail.com/](mailto:mariminha2011@hotmail.com) marineuza.moura@ucsal.edu.br. Rua Cláudio Manoel da Costa, 159, casa, Canela. CEP: 41100-180, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um colegiado interdisciplinar e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos, atendendo a padrões éticos.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UCSAL – Endereço: Prédio C (Prédio da Pós-graduação), térreo. Avenida Prof. Pinto de Aguiar, 2589 – Pituaçu, Salvador/BA – CEP: 41740-090. Tel: (71) 3206-7830 | E-mail: cep@ucsal.br. Atendimento de segunda à sexta: 8h às 12h e das 13 às 17h.

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Eu, _____,
Portador (a) do R.G. _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa e concordo em participar espontaneamente.

_____, _____ de _____ de 2023.

Assinatura _____ do participante

Assinatura _____ do pesquisador

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

ATENÇÃO: Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem qualquer prejuízo, sendo devolvidas as anotações até então realizadas.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Idade que concluiu o ensino médio _____

2. Tempo de conclusão do ensino médio. _____

3. Durante o tempo escolar:

Estudava () Estudava e trabalhava()

4. Raça/etnia declarada:

BRANCO ()	PRETO ()	PARDO ()	AMARELO ()	INDÍGENA ()
------------	-----------	-----------	-------------	--------------

5. Identidade de gênero:

HOMEM CISGÊNERO ()	HOMEM TRANSEXUAL ()	MULHER CISGÊNERO ()	MULHER TRANSEXUAL ()	NÃO BINÁRIO()
------------------------	-------------------------	-------------------------	--------------------------	----------------

6. É morador do bairro: SIM () NÃO ()

7. Profissão atual _____

ANEXO 3

RELAÇÃO COM A ESCOLA

1. Por que os indivíduos devem estudar?
2. Como era sua relação com os colegas na escola?
3. Como era sua relação com os professores?
4. Você acha importante a prática da leitura na sala de aula? Por quê?
5. Havia o hábito da leitura em casa?
6. Como era a o seu contato com a leitura antes e depois do projeto Baile Literário?
7. O que lhe atraiu no projeto Baile Literário?
8. Quais as condições impostas pelos pais para sua participação no projeto Baile Literário?
9. Quais dificuldades que surgiram durante o seu desenvolvimento nas atividades do baile?
10. A escola contribuiu para a sua participação no projeto? De que forma?
11. Qual a sua visão em relação aos projetos interdisciplinares desenvolvidos na escola?
12. Quais as contribuições que a escola proporcionou para sua vida?
13. O que não pode faltar numa escola?

ANEXO 4

FAMÍLIA

DURANTE O PERÍODO ESCOLAR

1. Com quem morava?
2. Qual o nível escolar dos pais?
3. Havia acompanhamento dos pais na vida escolar? De que forma?
4. Qual a visão dos seus pais em relação a educação escolar?
5. Como os seus pais contribuíram com sua participação no projeto?
6. Como você define a instituição da família?
7. Como você acha que a religião dos pais pode influenciar no acompanhamento das atividades escolares dos educandos?

ANEXO 5

O JOVEM E A COMUNIDADE

1. Como a sua comunidade considera o Colégio Estadual Dalva Matos?
2. Como o projeto Baile Literário era visto pela comunidade?
3. Como é a sua relação com os vizinhos?
4. Você se sente seguro na comunidade que reside? Por quê?
5. O que precisa melhorar na sua comunidade?
6. Quais os atrativos de lazer oferecidos na sua comunidade
7. Você participa de algum movimento social na comunidade? Qual?
8. Como você acha que o jovem pode contribuir para melhorar a qualidade de vida na comunidade em que mora?
9. Como seria a escola ideal para a sua comunidade?